

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos**

MAURÍCIO MARQUES SORTICA

**QUANDO FAZER LINGUÍSTICA É SIGNIFICAR: UM ESTUDO
EPISTEMOLÓGICO SOBRE O LUGAR DO SENTIDO NO MANUSCRITO
SAUSSURIANO *NOTES ITEM*.**

Uberlândia, 24 de janeiro de 2025

MAURÍCIO MARQUES SORTICA

QUANDO FAZER LINGUÍSTICA É SIGNIFICAR: UM ESTUDO EPISTEMOLÓGICO
SOBRE O LUGAR DO SENTIDO NO MANUSCRITO SAUSSURIANO *NOTES*
ITEM.

Tese de doutorado apresentada Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

Linha de Pesquisa: Estudos sobre o texto e discurso

Orientadora: Prof.^a Dr. Eliane Silveira

Uberlândia, 24 de janeiro de 2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S714 2025	<p>Sortica, Maurício Marques, 1988- Quando fazer linguística é significar: um estudo epistemológico sobre o lugar do sentido no manuscrito saussuriano Notes Item [recurso eletrônico] / Maurício Marques Sortica. - 2025.</p> <p>Orientadora: Eliane Silveira. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.te.2025.150 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Linguística. I. Silveira, Eliane, 1965-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.</p> <p>CDU: 801</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091|
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica,
Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Tese de Doutorado - PPGEL				
Data:	Vinte e quatro de fevereiro de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	18:00
Matrícula do Discente:	12113ELI021				
Nome do Discente:	Maurício Marques Sortica				
Título do Trabalho:	Quando fazer linguística é significar: um estudo epistemológico sobre o lugar do sentido no manuscrito saussuriano Notes Item				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Linguagem, sujeito e discurso				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Ferdinand de Saussure e a linguística geral: da elaboração dos seus conceitos aos seus efeitos				

Reuniu-se, na sala 209, bloco U, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Antônia Coutinho - UNL; Micaela Pafume Coelho - IFMT; Stefania Montes Henriques - UEMG; Valdir do Nascimento Flores - UFRGS; Eliane Silveira - UFU, orientadora da Dissertação.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Eliane Silveira, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir, a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Stefania Montes Henriques, Usuário Externo**, em 26/02/2025, às 09:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Mara Silveira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 26/02/2025, às 14:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Valdir do Nascimento Flores, Usuário Externo**, em 12/03/2025, às 17:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Antônia Diniz Caetano Coutinho, Usuário Externo**, em 19/03/2025, às 09:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6127711** e o código CRC **94E73FE9**.

Referência: Processo nº 23117.010815/2025-51

SEI nº 6127711

AGRADECIMENTOS

À Eliane, por aceitar me orientar mesmo com a minha escolha de um manuscrito tão escorregadio e traiçoeiro para trabalhar e pela confiança no trabalho conjunto.

Ao Valdir, pela leitura preciosa durante a qualificação desta tese e pelo convite de trabalhos futuros.

À Stephania, que conhece este trabalho desde o seu começo imaturo e cuja leitura também contribuiu muito para como ele se apresenta hoje.

À professora Antônia Coutinho, que nos fez ver que aquilo que considerávamos óbvio em nossa discussão precisava, ainda, ser justificado.

À Micaela, pelo aceite de integrar a banca deste trabalho e por sua leitura valiosa.

À UFU, que mesmo a mais de 600km de distância, pode proporcionar discussões frutíferas nas disciplinas que me ofertou.

Ao professor Leonardo Antunes, da UFRGS, pela força e acolhimento quando os exemplos em Grego Clássico de Saussure me atormentavam.

À PUCRS, pela sua biblioteca universitária, onde pude encontrar muito da bibliografia de que precisava para levar este trabalho a cabo.

À minha família, por não me deixar faltar nada, e aos meus amigos, com um pedido de desculpas pela ausência.

Aos integrantes do GP_FdS, que nas discussões e apresentações de trabalho, mesmo em tempos difíceis, conseguiram me inspirar em suas práticas de pesquisa.

*Saussure est d'abord et toujours l'homme des fondements. Il va d'instinct aux
caracteres primordiaux, qui gouvernent la diversité du donné empirique.*
(Émile Benveniste)

*utque ope virginea nullis iterata priorum
ianua difficilis filo est inventa relecto*
(Ovídio, *Metamorfoses* – Livro VIII - Versos 172-173)

RESUMO

Quando se fala na fundação da linguística moderna por Ferdinand de Saussure, pouco se discute sobre o fato de sua teoria abordar questões referentes ao sentido. Muitos linguistas, ainda hoje, consideram, inclusive, que a linguística saussuriana só pode vir à tona por causa de um corte que excluiu o sentido de sua investigação. Com o objetivo de argumentar o contrário, esta tese analisa o manuscrito *Notes Item*, provavelmente escrito entre 1890 e 1897, de Ferdinand de Saussure, com vistas a investigar como o sentido é tratado na construção da teoria linguística saussuriana. Para levarmos esse projeto a cabo, revisamos as abordagens ao sentido na linguística do século XIX, destacando as perspectivas divergentes de estudiosos Bréal, Whitney e Meillet, de modo a sublinhar no que o esforço epistemológico saussuriano difere desses. Além disso, analisamos algumas das críticas mais conhecidas sobre as “exclusões saussurianas”, mostrando contra-argumentos para elas e colocando em pauta a leitura de linguistas que enxergam, em Saussure, uma abertura para o sentido. Inspirados nisso, apresentamos, finalmente, nosso manuscrito de trabalho, tratamos sobre as questões teórico-metodológicas para analisar o manuscrito, optando entre outros aspectos, pela utilização de uma transcrição que varia entre o linear e o semi-diplomático. Dessa forma, dividimos nossas análises em dois capítulos: um trabalha com a maneira que Saussure analisa fenômenos semânticos da língua; o outro como a definição de um objeto de análise linguística contribuiu com uma teoria do sentido em Saussure. Ambos os capítulos, apesar de revelarem um pensamento teórico em constante reformulação, com hesitações, incompletudes e contradições textuais, indicam a complexidade da construção de uma teoria que leve em conta o sentido. Essa questão, por fim discutimos, apresenta-se como problema epistemológico na construção da linguística saussuriana, assumindo diversas formas dentro de sua formulação. Chegamos, portanto, à conclusão de que a semântica é vista como essencial na análise linguística saussuriana, destacando-se a ruptura do genebrino com abordagens que a ignoravam ou a limitavam a seu aspecto referencial. A relação entre sentido, forma e outros elementos linguísticos é central para Saussure, refletindo a dependência que a análise linguística tem da significação.

Palavras-chave: Linguística saussuriana; Semântica; Manuscritos; *Notes Item*; Teoria.

RÉSUMÉ

Lorsqu'on parle de la fondation de la linguistique moderne par Ferdinand de Saussure, on discute peu du fait que sa théorie englobe des questions relatives au sens. De nombreux linguistes, encore aujourd'hui, considèrent même que la linguistique saussurienne n'a pu émerger qu'en raison d'une coupure qui a exclu le sens de son investigation. Dans le but de soutenir le contraire, cette thèse analyse le manuscrit Notes Item, probablement écrit entre 1890 et 1897, de Ferdinand de Saussure, afin d'examiner comment le sens est traité dans la construction de la théorie linguistique saussurienne. Pour mener à bien ce projet, nous avons passé en revue les approches du sens dans la linguistique du XIXe siècle, en soulignant les perspectives divergentes des érudits Bréal, Whitney et Meillet, afin de mettre en évidence en quoi l'effort épistémologique saussurien diffère de ceux-ci. De plus, nous avons analysé certaines des critiques les plus connues sur les "exclusions saussuriennes", en montrant des contre-arguments et en mettant en avant la lecture de linguistes qui voient en Saussure une ouverture au sens. Inspirés par cela, nous présentons enfin notre manuscrit de travail, traitons des questions théoriques et méthodologiques pour analyser le manuscrit, en optant, entre autres aspects, pour l'utilisation d'une transcription qui varie entre le linéaire et le semi-diplomatique. Ainsi, nous avons divisé nos analyses en deux chapitres : l'un traite de la manière dont Saussure analyse les phénomènes sémantiques de la langue ; l'autre de la manière dont la définition d'un objet d'analyse linguistique a contribué à une théorie du sens chez Saussure. Les deux chapitres, bien qu'ils révèlent une pensée théorique en constante reformulation, avec des hésitations, des incomplétudes et des contradictions textuelles, indiquent la complexité de la construction d'une théorie qui prend en compte le sens. Cette question, enfin discutée, se présente comme un problème épistémologique dans la construction de la linguistique saussurienne, assumant diverses formes dans sa formulation. Nous concluons donc que la sémantique est considérée comme essentielle dans l'analyse linguistique saussurienne, soulignant la rupture du Genevois avec des approches qui l'ignoraient ou la limitaient à son aspect référentiel. La relation entre le sens, la forme et d'autres éléments linguistiques est centrale pour Saussure, reflétant la dépendance de l'analyse linguistique à la signification.

Mots-clés: Linguistique saussurienne ; Sémantique ; Manuscrits ; Notes Item ; Théorie

ABSTRACT

When discussing the foundation of modern linguistics by Ferdinand de Saussure, little is said about the fact that his theory encompasses issues related to meaning. Many linguists, even today, consider that Saussurean linguistics could only emerge because of a cut that excluded meaning from its investigation. To argue otherwise, this thesis analyses the manuscript *Notes Item*, probably written between 1890 and 1897, by Ferdinand de Saussure, to investigate how meaning is treated in the construction of Saussurean linguistic theory. In order to carry out this project, we reviewed approaches to meaning in 19th-century linguistics, highlighting the divergent perspectives of scholars Bréal, Whitney, and Meillet, to underline how Saussurean epistemological efforts differ from these. Additionally, we analysed some of the most well-known criticisms of the 'Saussurean exclusions', showing counterarguments and bringing to light the reading of linguists who see an openness to meaning in Saussure. Inspired by this, we finally present our working manuscript, addressing theoretical and methodological issues to analyse the manuscript, opting, among other aspects, for the use of a transcription that varies between linear and semi-diplomatic. Thus, we divided our analyses into two chapters: one deals with how Saussure analyses semantic phenomena of language; the other with how the definition of a linguistic analysis object contributed to a theory of meaning in Saussure. Both chapters, although revealing a theoretical thought in constant reformulation, with hesitations, incompleteness, and textual contradictions, indicate the complexity of constructing a theory that takes meaning into account. This issue, finally discussed, presents itself as an epistemological problem in the construction of Saussurean linguistics, assuming various forms within its formulation. We conclude, therefore, that semantics is seen as essential in Saussurean linguistic analysis, highlighting the Genevan's break with approaches that ignored or limited it to its referential aspect. The relationship between meaning, form, and other linguistic elements is central to De Saussure, reflecting the dependence that linguistic analysis has on meaning.

Keywords: Saussurean linguistics; Semantics; Manuscripts; *Notes Item*; Theory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	43
Figura 2	44
Figura 3	44
Figura 4	45
Figura 5	45
Figura 6	47
Figura 7	49
Figura 8	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	40
Quadro 2	42
Quadro 3	48
Quadro 4	57
Quadro 5	59
Quadro 6	61
Quadro 7	63
Quadro 8	67
Quadro 9	69
Quadro 10	70
Quadro 11	79
Quadro 12	80
Quadro 13	85
Quadro 14	88
Quadro 15	90
Quadro 16	91
Quadro 17	92
Quadro 18	93
Quadro 19	96
Quadro 20	99
Quadro 21	102
Quadro 22	103
Quadro 23	104
Quadro 24	107
Quadro 25	109
Quadro 26	110
Quadro 27	111
Quadro 28	112
Quadro 29	113
Quadro 30	114
Quadro 31	115

Quadro 32	116
Quadro 33	117

LISTA DE APÊNDICES

Transcrição 1	132
Transcrição 2	133
Transcrição 3	134
Transcrição 4	135
Transcrição 5	136
Transcrição 6	137
Transcrição 7	138
Transcrição 8	139
Transcrição 9	140
Transcrição 10	141
Transcrição 11	142
Transcrição 12	143
Transcrição 13	144
Transcrição 14	145
Transcrição 15	146
Transcrição 16	147
Transcrição 17	148
Transcrição 18	149
Transcrição 19	150
Transcrição 20	151
Transcrição 21	153
Transcrição 22	154
Transcrição 23	155
Transcrição 24	156
Transcrição 25	157
Transcrição 26	158
Transcrição 27	159
Transcrição 28	160
Transcrição 29	161
Transcrição 30	162
Transcrição 31	163

Transcrição 32	164
Transcrição 33	165

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1. SAUSSURE E OS ESTUDOS DO SENTIDO.....	19
1.1. O estudo do sentido no tempo de Saussure.....	20
1.1.1. Bréal e o <i>Ensaio de Semântica</i>	20
1.1.2. Whitney e a <i>Vida na Linguagem</i>	26
1.1.3. Meillet e a mudança de sentido nas palavras.....	29
1.2. A crítica do sentido em Saussure.....	32
1.3. O sentido em Saussure: leituras.....	37
2. O SENTIDO NO MANUSCRITO <i>NOTES ITEM</i> - QUESTÕES TEÓRICO-METOLOGÓICAS.....	39
2.1. <i>Notes Item</i>.....	42
2.2. Os porquês do manuscrito.....	50
2.3. Escrita, reescrita e transcrição.....	52
2.4. <i>Intermezzo</i>: o objeto e sua análise.....	54
3. FENÔMENOS SEMÂNTICOS NO MANUSCRITO <i>NOTES ITEM</i>.....	56
3.1. Fenômenos linguísticos e da filosofia da linguagem.....	56
3.1.1. Língua(gem) e pensamento.....	56
3.1.1. A língua e sua representação.....	62
3.1.2. A proposição e as partes do discurso na lógica e na linguística.....	66
3.1.3. A elipse e o excesso de valor da/na língua.....	70
3.1.4. A mudança analógica.....	73
3.1.5. A sinonímia.....	78
3.2. Fenômenos semânticos em <i>Notes Item</i>.....	81
4. O SENTIDO E AS UNIDADES DA LÍNGUA (OU: EM BUSCA DO FIO DE ARIADNE).....	84
4.1. A morfologia e a semântica coexistem.....	85
4.2. As unidades de análise da língua: o significar como elemento integrante.....	89
4.3. As unidades de análise da língua: o problema do signo.....	97
4.3.1. Signo, soma e sema: um problema terminológico ou episte- mológico?.....	98
4.3.2. Sema, paressema, apossema e o sujeito falante.....	106
4.4. O lugar do sentido em <i>Notes Item</i>.....	119

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	127
APÊNDICES.....	131

INTRODUÇÃO

Em artigo sobre o *Curso de Linguística Geral*, a pesquisadora Claudine Normand (1990) afirma que “à medida que o CLG é uma epistemologia, podem-se encontrar nele elementos de uma abordagem linguística semântica ou, pelo menos, a indicação de seus limites”¹ (pp. 36-37). Tal enunciado, por muitas vezes reproduzido em trabalhos contemporâneos que têm por objetivo analisar o pensamento do linguista genebrino, parece, por isso mesmo, ser uma máxima do entendimento atual daquilo proposto pelo pai da linguística moderna. No entanto, por mais popular no meio dos estudos saussurianos que tal entendimento seja, poucos são os trabalhos acadêmicos que mostram, de fato, como ou o porque a teoria de Saussure pode ser vista, com efeito, como um pensamento que privilegia o sentido. Além disso, são poucos aqueles que explicitam como esse sentido proposto pelo suíço difere daquilo que se entendia como sentido em sua época. É nesses pontos que este trabalho se coloca.

Concebemos, antes de tudo, que a teoria linguística de Ferdinand de Saussure, em concordância com Normand e tantos outros, seja, com efeito, uma teoria do sentido². Mais do que isso, acreditamos que é o fato de o linguista ter levado o sentido em consideração que lhe permitiu movimentar os pensamentos fundadores da linguística moderna. Cabe, entretanto, perguntarmo-nos que sentido é esse desenvolvido por Saussure. Cabe, também, pensarmos como e o que o torna um axioma dentro da teoria do genebrino. Nesse sentido, apresentamos este trabalho de pesquisa. Para realizá-lo, partimos de alguns pressupostos.

O primeiro de nossos pressupostos é pensarmos que as respostas a nossas inquietações podem ser vistas além da obra póstuma do linguista genebrino (SAUSSURE, 1916), sendo especialmente presentes em seus manuscritos, cuja análise que nos permite ter acesso a seu pensamento em constante reformulação (cf. SILVEIRA, 2007). O segundo, intimamente ligado ao primeiro, é entendermos que o pensamento teórico saussuriano estava, de fato, em constante (re)formulação. O ter-

¹ No original, em francês: (...) *dans la mesure où le CLG est une épistémologie, on peut y trouver des éléments d'une approche sémantique linguistique ou de moins l'indication de ses limites.*

² Aqui cabe um esclarecimento: quando falamos em teoria do sentido, referimo-nos a uma teoria que considera a questão semântica da língua para constituir-se. Não devemos confundir isso com a noção de uma disciplina semântica, tal como feita por Bréal ou como um nível de análise da língua em separado, como fonologia, morfologia ou sintaxe.

ceiro, finalmente, é acreditarmos que podemos encontrar vários indícios, no manuscrito intitulado *Notes Item*, da questão do sentido dentro do processo de construção da teoria saussuriana, uma vez que nele há várias observações sobre a constituição do signo e da semiologia saussuriana, de modo que tais formulações diferem e dialogam substancialmente com pensamento linguístico de sua época. É com essas bases que construímos a organização e o modo de fazer desta tese.

Dessa forma, em um primeiro momento, revisamos o pensamento sobre o sentido em trabalhos contemporâneos a Saussure, haja vista pensarmos haver diálogo entre o pensamento saussuriano com aquele de seus contemporâneos, de modo a vermos, nas ideias de Saussure não apenas o aproveitamento de algumas de suas ideias, mas também negação e reformulação de muitas delas. Nesse ponto, exploramos os trabalhos de Bréal e Whitney, linguistas a quem Saussure admirava (cf. JOSEPH, 2012) e com cujo trabalho teve contato, além do trabalho Meillet, contemporâneo a Saussure. Nosso objetivo, nessa primeira parte, é demonstrar como o sentido aparece nos estudos linguísticos feitos pelos contemporâneos de Saussure. Além disso, a fim de entendermos como o fato de poder existir um lugar para o sentido dentro da teoria de Saussure foi lido em alguns pontos da história da linguística, revisamos algumas leituras de críticos do pensamento do genebrino. Neste ponto, visitamos as leituras de Saussure feitas por alguns linguistas e filósofos, expondo suas opiniões sobre o lugar do sentido³ no empreendimento teórico saussuriano.

Em um segundo momento, entendendo que Saussure foi lido e continua sido lido numa miríade de aspectos divergentes, damos ênfase à nossa leitura de um manuscrito saussuriano. Ali, mergulhamos no documento *Notes Item*, apresentando nossa análise e transcrição dos trechos selecionados do texto autógrafo do linguista genebrino. Assim, em um capítulo, apresentamos o manuscrito, percorrendo sobre sua história e organização como documento. Além disso, mencionamos suas características genéticas, pensando especialmente naquilo que torna esse manuscrito único na fortuna saussuriana. Por último, ao refletirmos sobre as razões pelas quais o escolhemos, discorremos sobre questões teórico-metodológicas que guiam nossa análise, estabelecendo, também, convenções para sua transcrição.

³ Aqui cabe um esclarecimento. Quando, nesta tese, referimo-nos a um “lugar do sentido”, queremos significar, via de regra, dois aspectos teórico-metodológicos dentro da teoria linguística do genebrino: o lugar que uma reflexão semântica sobre a língua ocuparia dentro de seu constructo teórico e como, em termos práticos, a análise de fenômenos linguísticos por parte do linguista demonstra isso.

Nos capítulos que seguem, focamos nossas lentes na análise do manuscrito propriamente dita, apresentando os trechos selecionados para tal em *fac-símile*, além de sua transcrição em língua francesa e tradução para a língua portuguesa. Aqui, partimos do princípio que não basta apenas apontar os princípios epistemológicos oriundos de um olhar teórico para o sentido, mas também entender como Saussure analisa fatos da língua e se essas análises dialogam, de fato, com um pensamento epistemológico que leva em conta o sentido. Assim, destinamos o terceiro capítulo de nossa tese para mostrar a maneira por que Saussure analisa discussões da filosofia da linguagem, como a conexão entre língua e pensamento e a visão nominalista da língua e fatos linguísticos tais como a elipse e a sinonímia e como, a partir disso, concebe a necessidade de análise do sentido na língua. Já no quarto capítulo de nossa investigação, dedicamo-nos à análise de como Saussure lida com a necessidade de eleger uma unidade de análise⁴ para a linguística. Ali abordamos como esse trabalho passa pela questão do sentido como ponto fundante, dada a inquietude do genebrino de definir o que é sentido em diferentes formas e contextos, e como outras questões relacionadas à definição de tal unidade, como o papel ocupado pela fala, emergem dessa busca.

Na última parte de nossa pesquisa, destinada às considerações finais, retomamos brevemente aquilo que apontamos durante os quatro capítulos desta tese, com vistas a deixar a unidade entre sua parte teórica e suas análises mais clara, além de pensarmos em trabalhos futuros a partir dela. Nesse ponto, defendemos que é o gesto de olhar para o sentido da e na língua que permite a Ferdinand de Saussure separar-se de seus contemporâneos e construir uma teoria que, mesmo ainda não compreendida em sua total complexidade, pôde dar um rumo novo aos estudos linguísticos.

⁴ Distingam-se aqui *unidade de análise* de *objeto de análise*. Embora saibamos que, na linguística geral saussuriana, todas as unidades são relacionadas entre si em uma teia teórica em que um termo pressupõe o outro, propomos uma pequena diferença entre essas duas grandezas. O *objeto de análise* linguística, como colocado várias vezes no Curso (SAUSSURE, 1916), é a língua – *la langue*. Entretanto, quando falamos de *unidade de análise*, pressupomos algo menor, que é parte constitutiva e que pressupõe a noção de língua. Nesse caso, falamos do signo linguístico.

1. SAUSSURE E OS ESTUDOS DO SENTIDO

Saussure nunca esteve alheio à linguística de seu tempo ou aos estudos das línguas que o precederam. Curioso sobre o funcionamento das línguas desde sua infância, os trabalhos do linguista suíço dialogavam fortemente com as construções teóricas que cercavam seu contexto de formação. Sua tese sobre o sistema de vogais indo-europeias e sobre o emprego do genitivo absoluto em Sânscrito (SAUSSURE, 1879) são exemplos flagrantes de trabalhos que partem dos pressupostos do movimento dos Neogramáticos⁵. Além disso, o primeiro curso de Linguística Geral ministrado na Universidade de Genebra contava com uma vista de olhos sobre a história dos estudos da língua até ali, a fim de situar seus alunos sobre o ponto de partida de suas teses. Mais do que isso, Saussure fora aluno de vários nomes expoentes da história da linguística dos séculos XVIII e XIX. Logo, não seria surpresa se sua linguística tomasse como base aquilo que já tinha sido feito anteriormente, fosse para continuar essa tradição, fosse para refutá-la.

Levando isso em consideração, o objetivo deste capítulo é justamente olhar para a linguística feita contemporaneamente a Saussure. Nosso recorte, entretanto, diz respeito àquela linguística que tratava do sentido ou de questões relativas a ele. Isso se dá, principalmente, por defendermos o fato de que é um novo olhar para o sentido dentro das relações da língua que permitem a Saussure fundar uma epistemologia da linguística e, por conseguinte, a Linguística Moderna. Portanto, a fim de mais tarde podermos demonstrar isso, analisamos três estudiosos do sentido à época do linguista genebrino: Bréal, Whitney e Meillet. Para tanto, dividimos este capítulo em duas seções.

Na primeira seção, analisamos os estudos do sentido que Bréal realiza em seu célebre *Ensaio de Semântica* (1897), apontando sua concepção de sentido e como esta se mostra nas línguas. Nesse sentido, também damos destaque à questão da relação entre língua e pensamento para o linguista, além das leis semânticas que,

⁵ O movimento neogramático é considerado uma reação à pesquisa em linguística histórico-comparativa dos séculos XVII e XVIII. Tendo sua fundação considerada a partir de um manifesto de Ostoff e Brugmann publicado na revista *Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen* em 1878, o movimento parte do pressuposto teórico de que as mudanças sonoras em uma língua seguem um processo regular. Nesses processos a língua é vista como um objeto homogêneo e passível de descrição em suas formas. Segundo Mattos e Silva (2008), os *Princípios* de Hermann Paul (1880) são considerados como o manual das concepções adotadas por esse movimento.

segundo ele, regem as línguas. Em seguida, olhamos para as ideias de Whitney sobre as mudanças nas línguas, vendo também o seu pensamento no que tange a relação língua-pensamento e arbitrariedade e convenção nas línguas. Por último, damos foco aos estudos de Meillet no que tange ao sentido e às palavras. Mais especificamente, visamos sua concepção de sentido no que diz respeito à mudança de sentido nas palavras.

Na segunda seção, olhamos mais detidamente para a maneira como autores que se debruçaram ou sobre a obra saussurianas ou sobre questões filosóficas do sentido na língua leem a teoria de Ferdinand de Saussure. A fim de contemplarmos diferentes interpretações do genebrino em termos locais e temporais, trazemos nessa seção as visões de Guimarães, Bloomfield e Derrida e as contrapomos com aquelas de Normand, Bouquet e Palo. Aqui, além de comparamos as diferentes visões dos autores, comentamos as maneiras como leitores de Saussure consideram sua teoria, juntamente com suas críticas feitas ao programa do genebrino.

Antes de começarmos, entretanto, cabem aqui duas notas. Em primeiro lugar, nosso objetivo não é esgotar a leitura dos autores citados ou de suas obras no que tange às questões do sentido, de modo que nos atemos àquilo que consideramos relevante para termos um panorama dos estudos do sentido à época de Saussure. Em segundo, é importante ressaltar que a escolha desses autores e obras não se dá de forma aleatória. Além de considerarmos as obras escolhidas na primeira parte deste capítulo como as mais significativas de cada autor, haja vista seu fator de impacto dentro dos estudos linguísticos, a escolha dos autores eles próprios seguiu um critério bastante específico: o contato de Saussure como esses autores e/ou com suas obras. Já na segunda parte, optamos por dar voz àqueles críticos cujo trabalho toca ou os estudos semânticos ou os estudos saussurianos, de preferência mostrando intersecção entre os dois.

1.1. O estudo do sentido no tempo de Saussure

1.1.1. Bréal e o *Ensaio de Semântica*

“Por que falar de eclipse (como Bréal)”: essa é a interrogação feita por Ferdinand de Saussure no item 3 do manuscrito *Notes Item* (SAUSSURE, 1897), que menciona o francês Michel Bréal (1832-1915). Professor de gramática comparada no Collège

de France e um dos primeiros linguistas a se preocupar extensivamente com a pesquisa em semântica, Bréal foi professor e colega de Saussure, a quem estimava muito e, conforme nos informa Joseph (2012), considerava um ótimo sucessor para seu cargo. Seu *Ensaio de Semântica* (BRÉAL, 1897) é considerada uma obra essencial em relação aos estudos do sentido na época, tratando o tema em três grandes partes: as leis da linguagem, o sentido das palavras em si e a formação da sintaxe. Todas essas sessões de seu trabalho ligam-se à tese de que é a vontade coletiva que é responsável pelas mudanças semânticas na língua, já que o que constitui a linguagem é “o consentimento de muitas inteligências” e o “acordo de muitas vontades” (p.197).

Nas duas primeiras partes do *Ensaio* (BRÉAL, 1897), vemos um esforço por parte do linguista francês em estabelecer leis para a linguagem e descrever como o sentido das palavras se fixa em determinado grupo social. Esse fazer de leis, segundo Normand (1990), representa, no final do século XIX, uma “exigência teórica [...] de passar da coleção empírica à síntese de resultados [...], de uma ‘ciência dos fatos’ a uma ‘ciência das leis’”⁶ (p.27). Assim, ao estabelecer leis linguísticas como, por exemplo, as da especialidade, repartição ou da irradiação de uma palavra a partir da análise de aspectos históricos ou pensar a mudança de uma palavra ao longo do tempo, abrangendo as causas e as condições de suas transformações, Bréal complementa a linguística que era feita em seu tempo, “eleva[ndo] em sua ambição de fazer a teoria geral das mudanças de significação, [...] uma teoria [...] que aparece como a coroação do comparativismo”⁷ (idem, p.28).

Não podemos, entretanto, desconsiderar o trabalho de Bréal por causa de sua filiação, ainda que indireta, ao pensamento comparatista. Muito pelo contrário, faz-se mister reconhecermos que muitas de suas ideias deram base ao pensamento saussuriano e a questões discutidas ainda hoje em Linguística. As vontades sobre as quais Bréal escreve, por exemplo, trazem à língua uma noção de sujeito. Embora a isso já fosse bastante debatido entre seus contemporâneos, esta era ligada a um

⁶ No original, em francês: *A la fin du XIX^e siècle [...] une exigence théorique [...] de passer de la collection empirique à la synthèse des résultats [...], d'une <<science des faits>> à une <<science des lois>>.*

⁷ No trecho original, sem cortes, em francês: *La sémantique de Bréal en relève dans son ambition de faire la théorie générale des changements de signification, ce qui, por dépasser la simple description, doit aboutir à des lois et englober les causes e les conditions des transformations. Venant après l'étude des changements de formes (établissement de lois phonétiques) une théorie des changement de significations apparaissait comme le couronnement du comparatisme.* (destaques da autora)

sujeito estritamente mentalista, baseado na psicologia de Wundt⁸. O sujeito e a vontade que nos propõe Bréal, entretanto, são sempre concebidos em seu aspecto social, de massa, sensivelmente ligados ao caráter histórico da pesquisa linguística, já que, para o autor, o que interessa ser investigado é a história da “ciência das significações” e não aquela da “ciência dos sons” (p.20), sendo este último bastante comum à pesquisa linguística de sua época.⁹ No entanto, quando trata da fixação do sentido nas palavras, algo chama a atenção na teorização bréanlina - o fato de ele afirmar que “o povo não tem porque remontar ao passado: ele só conhece a significação do momento” (op. cit., p. 187). Isso traz várias implicações para o pensamento do sentido em sua obra e o distancia epistemologicamente de seus contemporâneos.

Em primeiro lugar, dizer que a massa falante só conhece o significado de uma palavra no momento em que é dita pode significar que este só entende a língua em seu uso, situada e que, a história das significações, como ele mesmo se propõe a estudar, seria algo que interessa e tem muito mais utilidade ao linguista do que ao falante. Seguindo essa linha de raciocínio, poder-se-ia dizer que, para o semanticista, os significados não são dados de antemão, o que, em outras palavras seria dizer que aquilo que se diz é, em certo aspecto, arbitrário. Sobre isso, o autor afirma que, em seu aspecto semântico, a palavra “é uma transposição de realidades por meio de signos particulares dos quais a maior parte não corresponde a nada de real” (p.204), de modo que “não se esgotou tudo o que se pode dizer do sol quando se disse que ele é brilhante, ou do cavalo quando se disse que ele corre (...), porque não se pode dizer do sol que ele brilha quando se esconde, ou do cavalo que ele corre quando está em repouso ou quando está ferido ou morto” (p.123). Ou seja, os signos de uma língua não podem apreender tudo o que é real, tampouco representá-lo, sendo aquilo que se faz com a língua em determinado momento – sempre histórico para Bréal – que definirá a significação de um elemento linguístico.

⁸ A psicologia wundtiana, baseia-se, em linhas gerais, em tentar separar o estudo da psicologia daquele da filosofia, entendendo seu objeto de estudo como a consciência e as “experiências imediatas” do sujeito. Para ele, o objetivo das investigações psicológicas eram “a descoberta das leis gerais da vida mental” (ARAUJO, 2009)

⁹ Sobre essa distinção entre a “ciência dos sons” e a “ciência das significações”, Normand (1990) sublinha sua banalidade durante os estudos linguísticos durante os séculos XVIII and XIX. Sobre a “ciência das significações”, especialmente aquilo que vai ser chamado de “semântica histórica” (p.27), a pesquisadora aponta seu surgimento como “o complemento da fonética e da morfologia históricas” (ibidem) e da linguística comparatista como já mencionamos.

Essa visão, acreditamos, coloca Bréal em uma posição que rompe com a tradição filosófica do pensamento sobre a linguagem, que postula esta como representação direta daquele, o que implica uma relação direta do signo com um objeto no mundo. Esse rompimento, que também é feito por Saussure quando este nega veementemente a língua como sendo uma nomenclatura (SAUSSURE 1916: 97), pode ser visto claramente quando o francês afirma que

[...] nossas línguas, por uma necessidade cujas razões se verão, são condenadas a uma **perpétua falta de proporção entre a palavra e a coisa**. A expressão é tanto demasiado longa quanto demasiado restrita. Não nos apercebemos dessa falta de ajuste, por que a expressão, para aquele que fala, corresponde em si mesma à coisa, graças ao conjunto de circunstâncias, graças ao lugar, ao momento, à intenção visível do discurso, e por que no ouvinte, que é sempre metade em toda a linguagem. (BRÉAL, 1897:81 – destaques nossos)

Dessa maneira, as significações¹⁰, segundo a pesquisa bréalina, estabilizam-se no uso linguístico¹¹, ou seja, no falante e no ouvinte, e seguem alguns processos que atuam sobre as palavras. Para ele, embora não se possam falar de tendências sobre o comportamento das palavras (BRÉAL, 1896:79), existem alguns fenômenos que, no seio da língua e da sociedade, são observáveis no que tange à mudança de sentido. Essa noção de uso e de utilidade, segundo Seide (2012), “é justamente o que impede Bréal de pensar a linguística como uma ciência abstrata” (p.104), o que, muitas vezes, dá a suas análises um caráter utilitarista e meramente subjetivo da linguagem.

De qualquer maneira, para o francês, o fato de as palavras não serem proporcionais às coisas faz com que elas possam, dependendo de seu uso, ter seu sentido reduzido, abarcando uma menor gama de coisas ou, ao contrário, ampliado. (BRÉAL, 1896: 81-90). Nesse campo, também entram as palavras que designam coisas abstratas e os casos de polissemia.

A *lei da restrição* (BRÉAL, 1897:81), por exemplo, refere-se à tendência de uma palavra, ao longo do tempo, de restringir seus significados originais e se tornar mais específica. Segundo o professor do Collège de France, isso pode ocorrer devido a mudanças culturais, tecnológicas ou científicas que exigem uma nomenclatura mais

¹⁰ Utilizamos aqui, sem distinção, os termos significação, significado e sentido, por acreditarmos que, na obra de Bréal (1897) não haja distinção clara entre tais termos.

¹¹ É interessante notar que, no livro de NERLICH e CLARKE (1996), que investiga a história da pragmática, essa noção de uso em Bréal rendeu-lhe uma alcunha de pragmaticista “avant la lettre” (p.243).

precisa, de modo que, para ele, “essas espécies de restrições do sentido são tão mais variadas quanto mais avançada é a civilização de uma nação” (p.82). Isso demonstra, como sabemos, a influência necessária da história na língua para o professor. No entanto, alerta-nos para uma visão de que a língua só pode ser “evoluída” se fizer parte de uma sociedade “civilizada”, o que é contraditório se consideramos como o próprio linguista considera a constante mudança entre as línguas. Ainda sobre a restrição do sentido, é interessante ressaltar o que afirma Bréal sobre as formas que são alvo de tal fenômeno. Diz ele: “É graças à restrição do sentido que se mantêm, indefinidamente, palavras que sobrevivem ao sistema de que fazem parte” (op. cit.;p.84). Assim acontece, acreditamos, em alguns casos de sinonímia.

Já a *lei da ampliação* do sentido (BRÉAL, 1897:87), por outro lado, aborda a ideia de que uma palavra pode expandir seu significado ao longo do tempo. Isso geralmente ocorre quando um conceito se torna mais abrangente ou quando novas práticas sociais e culturais criam associações dentro de um sistema linguístico. Esse procedimento, para Bréal, ao contrário da restrição, que é interna e externa à língua, dá-se “por uma causa exterior: é o resultado dos acontecimentos da história” (idem, ibidem), sendo, para ele, papel do linguista “o cuidado de buscar esses longínquos pontos de partida” (p.90). Ou seja, para o francês, o linguista deve estar atento a essas mudanças causadas na história, pois elas refletem a “evolução do pensamento” na língua (p.88).

Outro fenômeno descrito como importante para a significação é a metáfora. Para Bréal, ela acontece devido a uma lacuna no vocabulário de uma língua e se forma a partir da comparação entre atos ou objetos semelhantes (p. 91). É a partir desse processo também que o autor aponta o nascimento de figuras de linguagem, especialmente no campo literário, e de gírias, que, para ele, são metáforas cuja origem se perdeu faz muito tempo e que, portanto, encontram-se distantes desta (p.97). Nesse caso também se encontram os nomes compostos, que respondem, dentro das regras do funcionamento de uma língua, às suas lacunas lexicais.

Outro ponto interessante da teorização de Bréal é aquilo que ele diz ao estudar a constituição da sintaxe em seu *Ensaio de Semântica* (BRÉAL, 1897). Em relação à posição de um elemento em um sintagma, ele afirma que “as palavras são colocadas cada vez num meio que lhe determina antecipadamente o valor” (p. 104). Veja-se aqui que o termo *valor* aparece como algo determinado pela posição em que dada palavra é colocada, de modo que se modificará se for colocado em outra posição

sintagmática. Nesse sentido, vê-se coerência no que tange ao pensamento não-indexal do pai da semântica, já que a significação não estará na natureza ou em um objeto e, sim, na posição que dado elemento ocupa tanto na relação presencial com outros elementos quanto no discurso. Exemplifica, assim, dizendo que “logo que uma palavra entra em uma locução, seu sentido particular e individual é apagado para nós” (p.189). Assim, pode-se dizer que, para Bréal, os elementos linguísticos são arbitrários em relação aos objetos no mundo, mas ainda carregam um caráter positivo, já que pressupõem um sentido particular e individual, objetos da pesquisa histórica em semântica, e que se confirmam ou não em determinada configuração sintática. Esse pensamento, como o bom leitor saussuriano bem sabe, (re)aparece na teoria do valor do genebrino.

Além disso, o seu trabalho com a elipse chama-nos a atenção. Conforme veremos adiante, esse trabalho pode ter servido de ponto de partida para Saussure na escritura das notas que compõem o documento que denominamos *Notes Item* (SAUSSURE, 1897). Esse fenômeno linguístico, embora apareça *en passant* no Ensaio de Semântica (BRÉAL, 1897), é bastante frutífero em outra obra do linguista francês: *Les Idées Latentes du Langage*¹² (BREAL, 1868). Enquanto o *Ensaio de Semântica* (BREAL, 1897), pouco menciona a elipse, já que ao varrermos a obra a procura do termo, vêmo-lo em apenas oito ocorrências, nenhuma delas retomando a explicação ou teorização sobre o fenômeno. a obra bréalina de 1868 teoriza sobre como é natural das línguas e do pensamento humano preencherem lacunas deixadas por formas linguísticas que se modificam com o tempo. A isso, Bréal (1868:09) chama *elipses internas*, ou ainda, ideias latentes da língua. Segundo sua análise, que toma a evolução no tempo das formas sufixais que formam substantivos, adjetivos e verbos em francês, são essas elipses, ou lacunas preenchidas pelos falantes de uma língua, que permitem que o sentido e as formas da língua mudem com o tempo. Assim, a obra do filósofo francês aborda tais processos em uma perspectiva diacrônica, preocupando-se em investigar uma “sintaxe interna” que permite ao fenômeno evidenciar-se. Trataremos disso de forma mais detida no capítulo 3 desta tese.

¹² Em língua portuguesa, *As ideias latentes da linguagem*.

1.1.2. Whitney e a vida na linguagem

Outro linguista contemporâneo a Ferdinand de Saussure e cujo pensamento teve forte influência em seu trabalho, William Dwight Whitney (1827 – 1894) foi um filólogo e lexicógrafo estadunidense altamente reconhecido em seu círculo pelo seu trabalho com o Sânscrito e com o Védico, grande parte de suas publicações orbitando em torno da gramática dessas línguas. É, no entanto, seu trabalho de 1867, *Language and the Study of Language* assim como sua reedição de 1875, traduzido e republicado na França como *La Vie du Language*, que exercem forte impacto nas reflexões do mestre genebrino, sendo o autor por ele citado em seus cursos de linguística geral na Universidade de Genebra.

Ainda que as ideias de Whitney sobre a constituição da linguagem como um sistema de signos utilizados dentro de uma sociedade específica, além de outros pontos defendidos pelo norte-americano em sua obra (WHITNEY, 1875), tenham tido grande repercussão no pensamento saussuriano, conforme nos ensinam os pesquisadores da historiografia linguística, nesta sessão daremos ênfase ao pensamento do linguista no que tange àquilo que ele escreve sobre o sentido e suas facetas na linguagem. Deste modo, analisamos primordialmente o capítulo V de sua obra (op. cit.), intitulado *Desenvolvimento da linguagem: mudança do sentido nas palavras*.

A julgarmos apenas pelo título da passagem, poderíamos inferir um interesse comum àqueles de Meillet e de Bréal: o estudo do sentido na língua primordialmente pelo aspecto de sua mudança. Um olhar mais atento, no entanto, remete-nos a uma análise mais profunda daquilo que Whitney considera como fenômenos pertinentes ao estudo semântico: a natureza arbitrária do signo, o uso de nomes próprios, a passagem da denotação à conotação, a etimologia da palavras, os empréstimos lexicais, os elementos formais do discurso e a formação de frases. Vejamo-os mais de perto.

Uma das bases do pensamento de Whitney no que tange à mudança de sentido na linguagem é o fato de a natureza do signo ser arbitrária e acidental (1875: 84). Essa natureza arbitrária e acidental defendida pelo norte-americano, entretanto, é diferente daquela defendida por Saussure. Para o genebrino, como coloca Flores (2023:90), o conceito de arbitrariedade do signo está ligado à negação saussuriana da língua como nomenclatura e representante direto e consciente do pensamento

humano. Já em Whitney (1875), essa relação é diferente, apesar de arbitrário (sua concepção, pensamos, seria mais convencional do que propriamente arbitrária), o signo é algo que constitui a linguagem, instrumento pelo qual “o homem exprime conscientemente e intencionalmente seu pensamento a seus semelhantes” (p.17). Para o norte-americano, isso permite que tanto a forma de uma palavra quanto seu sentido evoluam de forma independente, adotando usos diferentes em diferentes épocas. Vale notar, entretanto, que aquilo que Whitney entende por forma relaciona-se àquilo que compreendemos como imagem acústica se adotarmos uma nomenclatura mais contemporânea para esses fatos de linguagem. No entanto, aquilo que o linguista entende como sentido transita entre as noções de referente e conceito. Nesse sentido, o estadunidense argumenta que formas como *lunático*, que fazia referência a pessoas que ficavam loucas devido à influência dos deuses lunares, hoje não guardam mais esse conceito, embora ainda refiram-se a pessoas loucas.

O próprio uso da mesma forma para designar as diferentes nuances conceituais abarca outro princípio da mudança de sentido das palavras: a economia de meios do próprio sistema linguístico (WHITNEY: 1875:85). É a partir dessa economia, aliada ao fato que as relações entre a forma e o sentido de uma palavra mudam independentemente entre si é que o Whitney explica esse fenômeno. Para ele, “os velhos elementos da linguagem são continuamente aplicados a novas utilizações, sem que sua significação original represente um obstáculo e cause alguma confusão” (idem, ibidem). Em termos atuais da pesquisa semântica, isso seria entendido como uma particularidade da homonímia. Além disso, notamos aqui outro ponto crucial para a mudança de sentido: a ação do tempo sobre as formas.

Como exemplos da ação do tempo, ainda para Whitney, temos que ao uso de nomes próprios, a passagem da denotação à conotação, além do trabalho da analogia contribuem para a mudança do sentido das formas em uma língua. Isso se dá, para ele, pelo fato de que “adquirir a linguagem é adotar classificações” (WHITNEY: 1875:85) e que, nesse processo, o falante esquece ou ignora eventuais etimologias das palavras e as emprega em seu uso situado. Como exemplos, o linguista aponta a passagem do uso do nome dos planetas para os dias da semana, já que, em língua inglesa (e em várias outras línguas de origem anglo-germânica ou latina), os nomes dos dias da semana eram representados pelos nomes próprios dos planetas do sistema solar, o que, por sua vez, remetia ao nome dos deuses regentes do dia. Com o uso frequente, tal etimologia foi esquecida e passou-se a usar normalmente os

nomes dos deuses para designar os dias da semana sem que isso se remetesse mais a festas ou atividades ligadas a tais entidades.

Um outro exemplo trazido pelo estadunidense, dessa vez para ilustrar o trabalho do esquecimento das figuras analógicas é o do nome da borboleta. Em inglês, *butterfly* poderia ser entendido literalmente como “manteiga voadora”. Entretanto, existe uma espécie do animal cujas asas assemelham-se à transparência da manteiga pura, o que parece ter dado origem ao nome. Apesar disso, o falante, por um processo de metonímia, parece ter esquecido a origem do nome e ter atribuído a todas as espécies semelhantes o mesmo epíteto. Isso pode ser lido de duas formas. Por um lado, podemos pensar no abandono a uma referência específica por parte dos falantes. Por outro, esse fato demonstra não apenas o eventual abandono da etimologia da palavra, como também a passagem de um uso específico de uma palavra para designar, em termos gerais, toda uma espécie. Essa questão, segundo o professor de sânscrito, também está ligada à passagem do sentido utilizado para demonstrar coisas sensíveis (como o significado etimológico da forma *perplexo*, que significava algo trançado ou misturado) para seu uso contemporâneo como “conceito puro” (WHITNEY, 1875:94).

Outro ponto importante trazido por Whitney (1875) é a importância dos empréstimos lexicais de outras línguas. Segundo ele, esse recurso é “o meio comum de enriquecimento empregado por todas as línguas” (p.117), não havendo dialeto no mundo que “não tenha empregado algo do dialeto vizinho” (p.118). Esse fenômeno ocorre, para o linguista, já que as línguas necessitam de palavras novas para expressar aquilo que passa em seu pensamento. Assim, mesmo as línguas com maior produtividade lexical necessitariam de alguma palavra nova para designar uma realidade que lhe fosse estranha ou que não se inserisse dentro das significações já estabelecidas em seu repertório. Segundo o estadunidense, esse também seria o motivo de as línguas, à sua maneira, justaporem mais de uma palavra a fim de formar uma com um novo sentido, o que, entendemos, parece ser uma das fontes da criação neológica dentro de um sistema linguístico.

Um último aspecto trazido por Whitney que consideramos importantes no que tange à sua pesquisa do sentido na língua é o tratamento da forma das frases e dos elementos nela utilizadas como constituintes do sentido em um sentido lato. Assim, as formas utilizadas em uma frase, como as preposições, os pronomes e tudo que esteja ligado à sua constituição corroborariam para seu sentido. Embora o autor não

explore muito esse aspecto da linguagem, ele afirma que os usos distintos na frase são “variações do uso da retórica” (1875:101), mesmo que algumas das formas envolvidas na frase acabem tendo seu uso modificado pelo tempo, o que na visão de Whitney, assim como na de Bréal, é algo fundamental para o fazer linguístico, o que se confirma nas conclusões de seu livro (op. cit.), quando ele afirma: “O procedimento da pesquisa linguística repousa no estudo das etimologias, e na história individual das palavras e de seus elementos” (p. 282).

1.1.3. Meillet e a mudança de sentido das palavras

Discípulo de Saussure e de Bréal, Antoine Meillet (1866-1936) é considerado por vários críticos da escola estruturalista (v. FARACO, 2020) como um dos primeiros linguistas dos séculos XIX e XX a trazer para suas análises um olhar de cunho social. Isso se deve ao fato de sua obra ter sido fortemente influenciada pelas reflexões do sociólogo e cientista político francês Émile Durkheim (1858-1917), especialmente pela a sua concepção sobre os fatos sociais e seu comportamento. Meillet é também o destinatário de uma das correspondências mais conhecidas de Ferdinand de Saussure, sendo para quem o mestre suíço revela sua insatisfação pungente com o fazer linguístico de seu tempo. Além disso, é Meillet que assume a cátedra de Saussure na Escola de Altos Estudos de Paris quando este volta a Genebra para ministrar os Cursos de Linguística Geral. Assim, em se considerando Meillet como uma figura importante para a linguística contemporânea a Saussure, analisamos sua concepção sobre o sentido e o fazer linguístico em sua obra *Como as palavras mudam de sentido* (MEILLET, 1905).

Publicado nas primeiras páginas da revista *L'Année Sociologique*, dirigida por Durkheim, o artigo de Antoine Meillet trata, como seu próprio título sugere, da maneira como as palavras mudam de sentido. De maneira geral, o linguista francês defende a ideia que de as palavras mudam de sentido tanto devido a questões internas às línguas quanto devido a questões sociais. Nesse sentido, elenca alguns motivos principais dessas mudanças ocorrerem: transformações fonéticas e psicológicas, mudanças históricas ocorridas nos objetos que as palavras designariam no mundo e o contato de diferentes classes sociais usuárias de uma mesma língua.

Ao primeiro dos motivos elencados para a mudança de sentido nas palavras, aqueles fenômenos internos ao sistema linguístico, Meillet (1905) dedica poucas

páginas de sua análise. Isso se deve ao fato de o linguista francês considerar esses fatos, na verdade, como fenômenos heterogêneos, os quais “o linguista puro ficará sujeito a confundir” (p.206). Assim, defende que as causas sociais são as principais responsáveis pela mudança de sentido em uma língua, de modo que os fenômenos fonéticos, fonológicos e psicológicos seriam dependentes da separação dos distintos grupos que falam uma mesma língua, já que “as condições linguísticas [...] nunca são mais que condições [...]; elas criam a possibilidade linguística da mudança de sentido, mas não são suficientes para determiná-la” (p. 210).

Um segundo fenômeno, de ordem mais social que linguística, é aquele relativo à mudança da designação dos referentes das palavras. Nesse ponto, Meillet explica como certas formas, com o passar do tempo, passam a se relacionar a diferentes objetos ou pessoas. Ali, o linguista francês expõe historicamente a maneira de como, apenas para citar um de seus exemplos, a palavra *plume*, na língua francesa, passa de designar pena (com a qual se escrevia) para referir-se a caneta, com a qual se escreve hoje. Nesses casos, o discípulo de Saussure argumenta que é o uso de um objeto no corpo social que determina a continuidade ou não de uma forma. É a partir dessa premissa que ele explora a terceira grande razão para as palavras mudarem de sentido: o contato entre grupos sociais diferentes.

Retomando o *Ensaio de Semântica* de Bréal (1897), em especial seus estudos sobre a polissemia, Meillet (op. cit.) afirma que é a “ação da divisão dos homens em classes distintas” que age sobre a mudança do sentido das palavras (p. 215). Para defender esse ponto de vista, argumenta que há palavras de sentido estendido e que estas, geralmente são utilizadas por grupos considerados centrais ou detentores da língua padrão de uma sociedade. Por outro lado, essas mesmas formas seriam utilizadas por grupos mais à margem da sociedade média e, nesses contextos, adquiririam outro significado, haja vista os referentes nestes grupos serem mais restritos do que naqueles. Essa ideia encontra ressonância nos escritos do austríaco Rudolf Meringer (1859-1931), quando este diz que “uma palavra amplia sua significação quando passa de um círculo estreito para um grupo mais estendido; ela a restringe quando passa de um círculo estendido para um círculo mais estreito.” (apud. MEILLET, 1905). Assim, como cada grupo falaria uma variante de um sistema complexo de palavras, estes, ao entrarem em contato entre si, depois de um certo tempo começariam, se as questões sociais assim permitissem, a usar os termos do outro grupo ou ainda incorporariam o sentido dado às palavras por estes ao sistema

linguístico daqueles. Por esse mesmo motivo, os usos de grupos específicos tornar-se-iam gírias ou jargões quando utilizadas dentro de um contexto mais lato de uma língua. Assim ocorre, por exemplo, com o *verlan*¹³ dentro do sistema da língua francesa.

Sobre o fenômeno dos empréstimos e adaptações das palavras em diferentes grupos linguísticos, Meillet (1905) ainda ressalta que “se [as palavras] penetrarem realmente na língua comum e forem empregadas nela correntemente, as palavras emprestadas só serão usadas depois de sofrerem uma mudança de sentido” (p. 224). A partir disso, afirma que é a existência de diferentes agrupamentos sociais em contextos em que a mesma língua é falada que será um “princípio essencial da mudança de sentido” (p.226), o que demonstra com exemplos de palavras com origens no latim e com raízes indo-europeias e as examina em suas formas atuais em francês ou em outras línguas correntes. E é com base nessas análises que postula um método de análise semântica do léxico de dado sistema linguístico.

Em seu método de análise, Meillet postula que o primeiro passo é examinar o grau de isolamento de uma palavra na língua, isto é, verificar a quantidade de grupos sociais que utilizam tal palavra correntemente. Apenas após isso é que se deve pensar, segundo o francês, no papel que tal forma ocupa no sistema da língua em questões sintáticas ou fonéticas. Por último, e de maior importância para o linguista, é determinar por quais grupos a palavra foi transmitida. Assim, admitindo que essa metodologia de análise apela para quadros teóricos distintos, Meillet (1905) fecha sua reflexão sublinhando como “os fatos linguísticos, os fatos históricos e os fatos sociais se unem, agem e reagem para transformar o sentido das palavras” (p. 237).

Embora algumas dessas concepções não sejam estranhas ao leitor atento da obra saussuriana, para Meillet, o tratamento da língua como algo social era algo novo e necessário para a reformulação da linguística de seu tempo. Vemos isso em sua carta a Troubetzkoy (*apud* Hagege, 1967:117), em que afirma ter ficado muito espantado quando viu Saussure afirmar o caráter social da linguagem. Segundo o francês, “eu chegara a essa mesma ideia por mim mesmo e sob outras influências”. (*idem*, *ibidem*). Não podemos ser ingênuos, entretanto, e pensar que as noções sociais têm o mesmo peso e ambas as teorias.

¹³ Para um trabalho mais informativo sobre o a formação do *verlan* em língua francesa, refira-se ao artigo de Bagheri (2009).

Em Saussure, o aspecto social da língua “serve bem mais de apoio para seu conceito de *langue*, mas é a natureza semiótica desta – motivada socialmente – que deve responder às exigências teóricas do mestre de Genebra” (cf. KOERNER, 1988: 276). Em Meillet, entretanto, o social, juntamente com o histórico, “são um par de quase sinônimos que exprimem, antes de tudo, a exigência do pesquisador de não se limitar a uma simples descrição dos fatos” (cf. PUECH&RADZYNSKY, 1978:282). Tal descrição puramente linguística seria incompleta se não fosse completada pelos recursos externos à linguística, isto é, aqueles da pesquisa histórica e social.

1.2. A crítica do sentido em Saussure

Depois de considerarmos brevemente o pensamento semântico em estudiosos contemporâneos a Saussure, faz-se mister entendermos como esse pensamento se faz presente em leituras dos trabalhos do linguista genebrino. Assim, primeiramente, apontamos como, apesar de amplamente difundido em alguns campos da investigação linguística, Saussure não poderia ter excluído o sentido de sua análise da língua. Em sequência, em contraponto, damos voz a linguistas que se debruçaram sobre a obra de Ferdinand de Saussure.

Não é novidade para quem já estudou a linguística saussuriana o teve contato com suas ideias em diferentes campos do conhecimento ter ouvido dizer que o Saussure, para poder fundar a Língua, tal qual a conhecemos hoje, teve de fazer um corte epistemológico. Esse corte, segundo alguns críticos, consistia em uma série de exclusões, como o sujeito, a fala, a escrita etc. que, por conseguinte, resultaram na exclusão do sentido de todos os objetos da nova ciência ou em uma análise precária deste. Isso se deu devido a esses elementos não terem relação com o conceito de *langue* cunhado pelo genebrino. Tal pensamento, muito difundido no Brasil desde quando os primeiros estudos linguísticos parecem ter, de fato, chegado às universidades nacionais e persistente até hoje em muitos ramos da Língua, foi fruto de uma leitura estruturalista¹⁴ do *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 1916)¹⁵, e teve uma repercussão em si mesmo.

¹⁴ Como veremos adiante, essas leituras reducionistas do *Curso* parecem estar em circulação desde a sua publicação.

¹⁵ Doravante, iremos nos referir a essa obra apenas como *Curso*. Para evitar ambiguidade com os cursos ministrados por Ferdinand de Saussure na Universidade de Genebra, utilizaremos *cursos*, no

Talvez um dos maiores porta-vozes desse movimento “pró-exclusão saussuriana” no Brasil, o pesquisador Eduardo Guimarães, em seu livro *Os Limites do Sentido* (GUIMARÃES, 2002), afirma, por exemplo, que Saussure, ao fazer um corte epistemológico, excluiu da linguística a história, o sujeito e a colocou a linguagem como a expressão do pensamento. Segundo ele, “o corte saussuriano exclui o referente, o mundo, o sujeito, a história. A semântica de nosso século vem procurando repor esses aspectos no seu objeto” (p.20). Isso nos dá a entender não só que Saussure teria deixado de lado os aspectos relevantes para um estudo semântico da língua, mas também que esse “estrago” ainda estaria sendo consertado pelas atuais pesquisas da “semântica do nosso século”. Essa perspectiva trata a semântica e, por conseguinte, o sentido como algo intimamente ligado a um referente, já que a crítica de Guimarães parece ir no sentido da recusa saussuriana a uma perspectiva nominalista da língua. Mais do que isso, a crítica a uma exclusão do sujeito e da história no *Curso* parece-nos estar ligada a uma concepção de sujeito ligado e assujeitado pelas formações discursivas e ideológicas que circulam nos acontecimentos históricos (cf. FOUCAULT, 2008; 2010).

Pensamos essa perspectiva falseável por dois motivos. Antes de tudo, dizer que sujeito e história não aparecem na obra saussuriana é, no mínimo, fruto de uma leitura desatenta da obra, já que vemos (e isso contando apenas o *Curso* e não as fontes manuscritas), pelo menos, 30 menções a um sujeito falante¹⁶. Além disso, Saussure trabalha fortemente com a influência do tempo na língua e este é ligado a história, especialmente se considerarmos a perspectiva de uma análise diacrônica. Nesse sentido, não podemos falar em exclusão do sujeito ou da história por parte do genebrino. O que acontece, entretanto, e aí pensamos no segundo motivo da falsidade da hipótese de Guimarães é que o sujeito e a história (assim como o sentido) que ele vê excluídos são aqueles ligados às perspectivas de uma análise discursiva, especialmente de considerarmos os pressupostos de uma análise de discurso de linha francesa que se baseia nos pressupostos foucaultianos. Assim, seria anacrônico pensar que Saussure desenvolveria tais pressupostos nessa época, especialmente quando seu esforço teórico era de ordem primordialmente

plural e com inicial minúscula, ou *cursos de linguística geral* quando estivermos tratando destes em detrimento daquele.

¹⁶ Na tradução brasileira do *Curso*, encontramos, em vez de *sujet parlant*, como consta no original, simplesmente a expressão *falante*. Para outras questões sobre a tradução de Saussure para o português, veja-se o artigo de Flores e Hoff (2020) e a dissertação de Silva e Lima (2014).

epistemológica e dialogava fortemente com a linguística de seu tempo. Ademais, como veremos ao longo desta tese, entendemos, assim como Normand (1990, 2009), que esse esforço epistemológico saussuriano gira em torno da construção de uma teoria linguística do sentido.

Muito antes, porém, de esse pensamento com base em exclusões vir à tona, o pai do estruturalismo estadunidense, Leonard Bloomfield, em uma resenha publicada no *Modern Language Journal*, uma revista acadêmica de prestígio nos EUA, já criticava Saussure ao pensar uma análise semântica, já que, para o norte-americano, o genebrino via sua unidade de pesquisa apenas em palavras. Segundo Bloomfield, ele se “diferenciaria de Saussure sobretudo ao basear [sua]¹⁷ análise na sentença em vez da palavra; seguindo essa última prática, Saussure tem resultados complicados em certas questões de composição de palavras e sintaxe”¹⁸ (1923:64-5 *apud* HARRIS, 2003:69). Esse pensamento, também altamente falseável, basicamente, toma o signo linguístico por palavra e considera que o seu estudo não seria suficiente para entender o sentido de unidades menores ou maiores do que ela. Ora, uma leitura atenta do *Curso* (SAUSSURE, 1916), especialmente das partes dedicadas à definição de signo linguístico (p.97 et passim), aos valores linguísticos (p.156 et passim) e às associações sintagmáticas (p. 172) seriam o suficiente para desfazer esse mal-entendido.

Outro pensador, este mais mais contemporâneo, que critica a visão saussuriana na questão do sentido é Jacques Derrida. O filósofo franco-magrebino argumenta que Saussure, ao privilegiar *la langue*, a entende como forma mais pura e imediata de linguagem, o que constituiria aquilo que ele chama de logocentrismo¹⁹. Segundo ele, esse movimento coloca a palavra falada como a verdadeira representação do pensamento, colocando a escrita em um plano subalterno na análise da linguagem, o que impediria entender-se a escrita como algo que produz significado. Aqui, segundo entendemos a crítica de Derrida, voltar-se-ia à uma concepção mentalista da linguagem, de modo que a língua seria igual ao pensamento

¹⁷ Trocamos, aqui, o pronome *minha* para *sua* com vistas a facilitar a fluidez do texto e evitar ambiguidades. O trecho original pode ser conferido na nota seguinte.

¹⁸ No trecho original, em inglês: *In detail, I should differ from de Saussure chiefly in basing my analysis on the sentence rather than on the word; by following the latter custom de Saussure gets a rather complicated result in certain matters of word-composition and syntax.*

¹⁹ Na teoria da desconstrução de Derrida, logocentrismo se refere à tendência do pensamento ocidental se colocar na busca constante pela verdade ou pela razão.

e que aquela seria a manifestação sem estropícios deste. Nesse sentido, segundo o pensador, Saussure teria “denunciado” a “contaminação” da língua pela escrita e

tudo acontece[ria] como se, no momento em que a moderna ciência do logos quer acessar a sua autonomia e a sua cientificidade, ainda era necessário levar a julgamento uma heresia. [...] Ao levar-se assim, a argumentação veemente de Saussure visa mais do que um erro teórico, mais do que uma falha moral: uma espécie de mancha e antes de tudo um pecado.²⁰ (DERRIDA, 1967:52)

Mesmo que sua análise ainda possa fazer sentido no plano sociológico, já que aponta o desenvolvimento de certo eurocentrismo na teoria de Ferdinand de Saussure, seria imaturo ou até anacrônico que Saussure pensasse de outra forma. Como bem nos informa Joseph no capítulo 3 da *Parte I* e em toda a *Parte II* do extenso estudo bibliográfico que fez sobre o linguista genebrino (JOSEPH, 2002), toda a formação teórica e cultural de Saussure se deu nos centros europeus cujo interesse era, entre outros, buscar as raízes das línguas indo-europeias. Embora revolucionário, seria estranho que Ferdinand não fosse um homem ligado a seu tempo. Entretanto, no que diz respeito ao plano linguístico-semântico, a crítica de Derrida não parece se sustentar, afinal, mesmo negando sua relação direta com a língua falada, Saussure ainda considera os sistemas de escritura como semiológicos (SAUSSURE, 1916:165), e que, portanto, também carregam significação. Mais do que isso, se considerarmos algo além do que o crítico franco-magrebino teria tido acesso, um olhar atento às pesquisas presentes nos cadernos sobre os anagramas feitas por Saussure (STAROBINSKY, 1974), poderia nos guiar sobre o trabalho que o genebrino faz nos limites da escritura²¹.

Mesmo como todas essas críticas sobre o sentido na teoria saussuriana, vários pesquisadores de sua obra apontam o contrário, isto é, que há, de fato, um lugar para o sentido em seus escritos. A pesquisadora Claudine Normand, por exemplo, em artigo que compõe seu livro *La Quadrature du Sens* (NORMAND, 1990), interroga-se

²⁰ Trecho original completo, em francês: *La contamination par l'écriture, son fait ou sa menace, sont dénoncés avec des accents de moraliste et de prédicateur par le linguiste genevois. L'accent compte : tout se passe comme si, au moment où la science moderne du logos veut accéder à son autonomie et à sa scientificité, il fallait encore faire le procès d'une hérésie. [...] En s'emportant ainsi, la véhémence argumentation de Saussure vise plus qu'une erreur théorique, plus qu'une faute morale : une sorte de souillure et d'abord un péché.*

²¹ Para trabalhos que investigam o lugar da escrita em Saussure, veja-se o primeiro capítulo da tese de Endruweit (2006) e o trabalho de Turra (2023). Para uma análise mais sistemática dos anagramas saussurianos no plano da literatura, veja-se a tese de Souza (2012).

se no *Curso* (SAUSSURE, 1916), não haveria uma teoria da significação. Para isso, Normand contextualiza os estudos semânticos feitos à época de Saussure, apontando-os como um estudo associado à etimologia e à análise filológica de textos, visto simplesmente como um complemento à fonologia e à morfologia históricas (NORMAND, 1990:27). Dessa maneira, ao se afastar desses estudos históricos, o engajamento saussuriano com o sentido foi visto como excludente, mesmo que tenha guardado de seus contemporâneos aquilo que considerava essencial: o convencionalismo de Bréal e a instituição social de Whitney (p.30).

Além disso, Normand (1990) argumenta que são as questões trazidas por Saussure como a base epistemológica de seu programa linguístico que sustentam sua visão semântica da língua. Assim, conceitos como o arbitrário do signo, o sistema de valores, e a união indissociável entre forma e sentido que dão abertura, no CLG, a uma teoria da significação. Segundo ela, “na medida em que o CLG é uma epistemologia, podemos ali encontrar elementos de uma abordagem semântica linguística ou, pelo menos, a indicação dos seus limites”²² (op. cit; 37). Nesse sentido, ela propõe alguns pontos que indicam essa semântica linguística idealizada por Saussure, como o fato de o léxico não poder ser separado da gramática, de a semântica não corresponder uma lógica e de que ambos valor e significação são elementos que se implicam (p. 37 et passim). Assim, a pesquisadora conclui que, em sua visão, por causa da visão expandida que a teoria do valor saussuriano propõe, “pelo CLG, a nova linguística [aquela de Saussure] é uma semântica e a única possível”²³ (NORMAND, 1990:40).

Por mais forte que a afirmação de Normand seja, ela não é a única visão sobre uma possível teoria semântica em Saussure. O filósofo Simon Bouquet, por exemplo, vê nas obras saussurianas o “programa epistemológico para uma gramática do sentido” (BOUQUET, 2004:205 et passim). Para ele, a semântica de Saussure, tem o poder de dar conta de tudo que, na sincronia, entra na composição do sentido, ou seja, “é o estudo completo, quanto ao sentido da forma que é a língua, oposta tanto à substância psicológica não linguística quanto à substância dos objetos do mundo” (op. cit.;pp.223-224). Nesse sentido, Bouquet (op. cit.) defende que a epistemologia

²² No original, em francês: [...] *dans la mesure où le CLG est une épistémologie, on peut y trouver les éléments d'une approche sémantique linguistique ou du moins l'indication de ses limites.*

²³ No original, em francês: [...] *pour le CLG, la linguistique nouvelle est une sémantique et la seule possible. (destaques da autora)*

saussuriana, ao dar conta do sentido, afasta-se tanto da concepção de língua como representação do pensamento puro quanto daquela em que a língua nada mais seria uma etiqueta para os seres do mundo.

Para ele, essa semântica se apresenta no pensamento de Saussure como uma gramática, haja vista ela estudar as regras daquilo que é significativo, isto é, produtor de sentido, dentro de um sistema linguístico e, também, como uma metafísica²⁴, já que se baseia nas relações internas e externas dos signos linguísticos, especialmente na relação do arbitrário do signo e da teoria do valor. Assim, especifica horizontes epistemológicos para as observações desta gramática do sentido: “a tese do caráter discreto dos objetos semânticos”, “da homogeneidade dos diversos paradigmas semânticos”, “da necessária inscrição do fato do sentido numa sintagmação” e a “da inexistência de universais de sentido” (BOUQUET: 2004:281)

Já a pesquisadora Marina de Palo (2006), aponta que os princípios da teoria de Ferdinand de Saussure, como as relações internas e externas dos signos, a teoria do valor linguístico, as relações sintagmáticas e associativas e a dialética das relações entre língua e fala permitiram a vários pesquisadores nos campos da psicologia e da linguística traçarem conceitos e pesquisas que demonstram “a transversalidade do campo de estudo da significação” (p.126), especialmente em estudos contemporâneos de psicolinguística. Ela afirma, em outro trabalho (PALO, 2016), ao comparar a semântica de Bréal com a de Saussure que, embora ambos tenham abordagens linguísticas em suas obras, as mudanças de ponto de vista de Saussure em relação à semântica bréalina, especialmente com relação ao signo linguístico e o pensamento do valor na língua, permitem uma nova abordagem semântica.

1.3. Saussure e o sentido: leituras

Neste capítulo, examinamos os estudos linguísticos contemporâneos a Saussure no que tange ao sentido, assim como a leitura de linguistas sobre o tratamento da semântica na obra do linguista genebrino. Dessa forma, primeiramente,

²⁴ A noção de metafísica adotada por Bouquet é aquela de Hegel (1770-1831). Segundo o filósofo alemão, um dos objetivos da metafísica seria a criação de conceitos que possibilitem o alcance e a descrição de um objeto racional. Isso se daria por meio de uma “negatividade auto-relacional” (HEGEL, 1816) *grosso modo*, um ser só pode ser aquilo que o outro não é em relação a ainda outro ser.

exploramos como estudiosos contemporâneos ao genebrino interpretaram a questão semântica em suas respectivas obras. Assim, prosseguimos com a análise do pensamento semântico de três autores: Bréal, Whitney e Meillet.

De Bréal, analisamos seu "Ensaio de Semântica" (BRÉAL, 1897), destacando seu foco nas dimensões psicológicas e históricas do significado, as "leis intelectuais" que explicam a mudança de sentido das palavras e sua concepção de que é o consentimento coletivo que fundamenta a mudança semântica. Do linguista francês, também olhamos para *As Ideais Latentes da Linguagem*, que explora as relações de sentido que não aparecem na superfície daquilo que vemos na língua. Já no trabalho de Whitney, exploramos como sua concepção sobre a arbitrariedade e a acidentalidade do signo linguístico, além de suas reflexões sobre a ligação entre a língua e o pensamento, implicam seu pensamento semântico para a evolução semântica. Por fim, na obra de Meillet, destacamos como sua perspectiva sociológica, sua ênfase na interação social e seu foco em nas mudanças sociais revelam sua concepção sobre as mudanças semânticas.

Mais adiante, contrastamos o fato difundido de que a abordagem saussuriana da língua teria excluído o sentido com aquilo que dizem autores que analisaram sua obra e suas críticas. Nesse ponto, são feitas críticas ao genebrino por seus métodos de análise ou pela falta de uma abordagem diferente no que tange ao sujeito, à história à escrita. Entendemos, de maneira geral que tais críticas ao programa do genebrino são resultado ou de uma leitura reducionista do Curso ou da exigência de que Saussure alinhasse suas perspectivas àquelas críticas desenvolvidas a partir dos anos 1970 na Europa.

Assim, ao abordarmos que pensam pesquisadores que trabalharam com a fortuna crítica saussuriana mais detidamente, mesmo com focos diferentes, vemos uma concordância entre os autores quanto ao fato de o genebrino ter desenvolvido uma teoria por meio de sua abordagem semântica da língua ou que seu pensamento tem, em sua base, esse tipo de vista sobre os fatos da língua, não podendo ter, de fato excluindo o sentido de suas análises. Mais do que isso, eles veem a teoria linguística saussuriana como uma resposta àquelas desenvolvidas por seus contemporâneos.

2. O SENTIDO NO MANUSCRITO *NOTES ITEM* - QUESTÕES TEÓRICO-METOLOGÓICAS

No primeiro capítulo deste tese, vimos como questões relativas ao estudo do sentido aparecem em estudos contemporâneos a Saussure e como sua teoria é vista por lingistas e filósofos em diferentes perspectivas. Nesse sentido, considerando especialmente como Saussure aborda o sentido na língua, especialmente segundo Aquilo que colocam Normand (1990, 2009), Palo (2016), e Bouquet (2004), podemos afirmar que a teoria linguística de Ferdinand de Saussure gira em torno de uma visão semântica dos fenômenos da língua. No entanto, ainda resta-nos saber, de fato, como essa perspectiva semântica se articula com as análises propostas pelo genebrino. Mais do que isso, e consideramos isto fundamental, resta-nos refletir como o pensamento epistemológico de Saussure relaciona-se com sua famigerada visão sobre o sentido na língua. Tendo isso em vista, faz-se mister definirmos um caminho específico de olhar para o manuscrito *Notes Item* de maneira a dar conta desse duplo objetivo. Discorramos sobre essas questões.

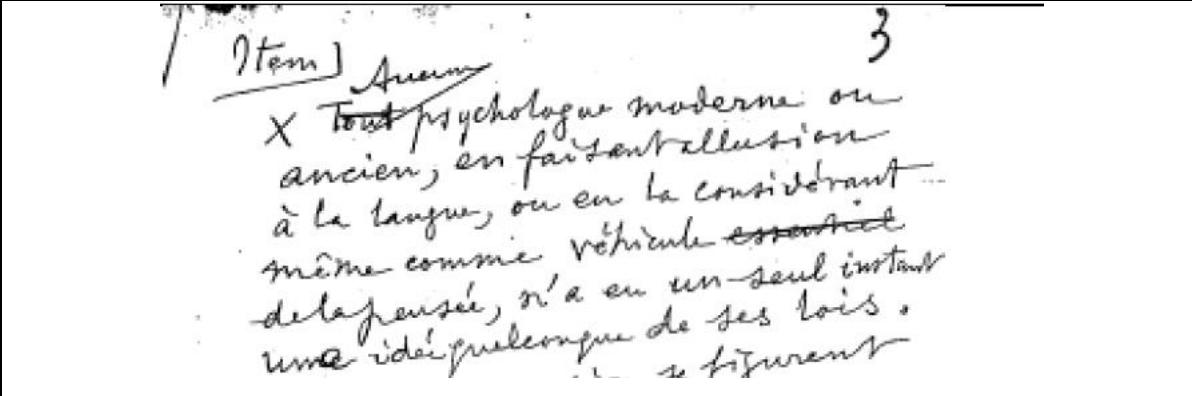
Primeiramente, é importante lembrar que a publicação recente da edição de um compilado das notas de Ferdinand de Saussure sobre aspectos da linguística geral (SAUSSURE, 2002) possibilitou, para muitos estudiosos das teorias linguísticas, uma nova vista daquilo já cristalizado pelas várias leituras do *Curso* (SAUSSURE, 1916)²⁵. Mais do que isso, a análise contrastiva dessas notas com o *Curso*, permitiu notar algo que apenas os olhares mais atentos para o *Mémoire* e para outras análises publicadas em vida pelo genebrino haviam percebido: o olhar teórico-metodológico do linguista ao fazer comentários sobre a língua. Explicamo-nos.

É possível ver, cremos, nos documentos em que Saussure discorre sobre a linguística geral, não apenas simples postulados epistemológicos, como o desejo de mostrar ao linguista o que ele faz ou como um determinado ponto de vista sobre o objeto de análise é condição *sine qua non* para que este último possa existir. Ao contrário, tais postulados parecem ser consequência de suas análises de fenômenos da língua e de sua insatisfação com a maneira de se fazê-las na linguística de seu tempo. Ora, não são poucas as vezes que, nas análises de Saussure, vêmo-lo

²⁵ Sobre algumas dessas leituras, especialmente no que tange ao seu olhar sobre problemas semânticos na obra de Saussure, refira-se ao capítulo 1 desta tese.

expressar sua insatisfação com os profissionais a ele contemporâneos, como neste trecho do manuscrito *Notes Item*:

QUADRO 1 – TRECHO DE *ITEM* E TRANSCRIÇÃO²⁶


<p>Item</p> <p>X Tout Nenhum psicólogo moderno ou antigo, ao fazer alusão à língua, ou ao considerá-la mesmo como veículo essencial do pensamento, não teve um só instante uma ideia que seja de suas leis.</p>

Fonte: SAUSSURE (1897)²⁷ – Ms.Fr.03951/15.f003²⁸

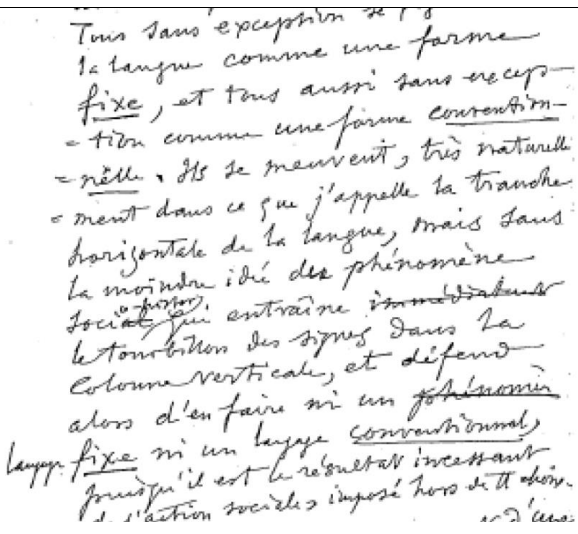
Em (con)sequência a tais lamentações sobre o tratamento da língua, Saussure parece, então, descrever sua própria solução aos problemas mencionados ou, ainda, propor reflexões elaborada sobre eles. Vejamos, por exemplo, a maneira como o linguista segue a nota supracitada.

²⁶ Com vistas a manter a fluidez do texto deste trabalho, apresentamos diretamente as transcrições com suas traduções em língua vernácula. A fim de conferir as transcrições em francês dos trechos selecionados para esta tese, refira-se aos APÊNDICES. Estes são organizados conforme o quadro a que fazem referências, i.e., dentro da sessão dos apêndices, a TRANSCRIÇÃO 1 refere-se ao QUADRO 1 da tese, a TRANSCRIÇÃO 2, ao QUADRO 2 e, assim, subsequentemente.

²⁷ As traduções para a língua portuguesa apresentadas nesta tese são de nossa inteira responsabilidade, já que, muitas vezes diferem daquelas propostas nas edições portuguesa e brasileira dos *Escritos de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2002), seja pelo fato de discordarmos delas metodologicamente ou por acreditarmos ter encontrado melhores soluções para traduzirmos o texto original em francês. Ainda, quando entendermos que, mesmo com a tradução, o entendimento de algum exemplo de Saussure possa ser prejudicado, adicionaremos ao quadro que o apresenta uma nota de rodapé para maiores esclarecimentos.

²⁸ Para fins de localização, mencionamos, ao fim de cada trecho utilizado neste tese, o código da folha manuscrita em que podem ser encontrados nos arquivos da Biblioteca Universidade de Genebra, segundo sua catalogação oficial.

QUADRO 2 – TRECHO DE ITEM E TRANSCRIÇÃO

 <p>Tous sans exception se la langue comme une forme fixe, et tous aussi sans exception comme une forme conventionnelle. Ils se meuvent, très naturellement dans ce que j'appelle la tranche horizontale de la langue, mais sans la moindre idée des phénomènes sociaux qui entraînent immédiatement la formation des signes dans la colonne verticale, et défendent alors d'en faire ni un phénomène fixe ni un langage conventionnel, puisqu'il est le résultat incessant de l'action sociale imposée hors de tout.</p>	<p>Todos sem exceção pensam a língua como uma forma <u>fixa</u>, e todos também sem exceção como uma forma <u>convencional</u>. Eles se movimentam, muito naturalmente naquilo que eu chamo de divisão horizontal da língua, mas sem a menor ideia do fenômeno social^{sócio-histórico} que conduz imediatamente o turbilhão de signos na coluna vertical, e impede portanto de concebê-la nem como um fenômeno [linguagem] <u>fixa</u> nem como uma linguagem <u>convencional</u>, uma vez que é o resultado incessante da ação social, imposta além de tudo.</p>
---	---

Fonte: SAUSSURE (1897) – Ms.Fr.03951/15.f003

Nesse recorte, notamos uma continuação da análise anterior. Além de identificar o problema linguístico (pensar “a língua como uma forma fixa” e “convencional”), Saussure demonstra como, para ele, isso pode ser problemático, apresentando, em seguida, seu pensamento sobre o assunto, ainda que de forma indireta. Aqui, o genebrino postula a existência de um plano horizontal e outro vertical possíveis de serem olhados na análise dos fatos linguísticos, de modo que é o olhar deste último que permite ver a língua como um fenômeno sócio-histórico, “resultado da ação social”, e não como algo meramente fixo ou fruto de uma convenção. Voltaremos a este trecho mais adiante em nosso texto.

Outro ponto é importante para lembrar-nos é o alerta de Bouquet (SAUSSURE, 2002) no que tange àquilo comumente presente nas notas manuscritas do linguista genebrino. Segundo ele, os assuntos tratados nos manuscritos saussurianos podem ser resumidos em três grandes grupos: “elucubrações sobre a epistemologia da Linguística”, “especulações analíticas sobre a linguagem” e uma “reflexão prospectiva sobre os estudos da linguagem” (op. cit; p.12). Assim, se consideramos que, no manuscrito que escolhemos para análise, esses tópicos parecem se unir sob a égide

de um pensamento semântico sobre a língua, podemos eleger um maneira de analisar as notas manuscritas de *Notes Item* mais de perto.

Dessa maneira, este capítulo divide-se em três partes. Na primeira delas, apresentamos o manuscrito que elegemos para nosso trabalho, apontando um pouco de sua história e de suas características materiais. Na segunda, situamo-lo dentro de nossa tese, justificando sua escolha dentre outros manuscritos saussurianos e o porquê de trabalharmos com seu *fac-símile* em detrimento de sua edição. Na terceira, por fim, refletimos sobre as questões de escrita do documento e como elas podem interferir em nossas decisões de transcrição em nossas análises.

2.1. *Notes Item*²⁹

Escrito por volta do final do século XIX e começo do XX, aproximadamente entre os anos de 1880 e 1910³⁰, o manuscrito *Notes Item* foi arquivado sob o código Ms. fr. 3951/15 por Robert Godel na Biblioteca Pública e Universitária de Genebra, na ao Suíça, a partir de um conjunto de manuscritos doados em 1958 à instituição pelos filhos de Ferdinand de Saussure. O documento apresenta 72 notas e aforismos sob a forma de entradas denominadas *Item* além de outras marcadas por uma cruz (v. FIGURA 1). O primeiro desses fatos justifica este ter sido nomeado como *Notes Item*.

²⁹ Como este será o manuscrito a que nos dedicamos nesta tese, é ele que apresentamos em fac-símile e transcrições traduzidas para a língua portuguesa. Entretanto, isso não exclui o fato de que possamos, para fins de contraste analítica, utilizarmos-nos de outros documentos vindos da mão de Saussure. Esses documentos, por não se tratarem diretamente do manuscrito que pretendemos analisar, são aqui apresentados conforme a edição de Bouquet e Engler (SAUSSURE, 2002), mesmo com todas as críticas que possamos ter a elas. Sublinhe-se, ainda, que, caso o trecho do qual tiramos a citação apresente alguma questão genética que consideramos relevante para análise, isso será colocado em relevo no texto.

³⁰ Embora essa seja a data de escrita do manuscrito estimada pelos exegetas saussurianos, perguntamo-nos, como já mencionado nesta tese, se a data de início de escrita das notas não seria anterior a isso, haja vista a menção ao trabalho de Bréal (1867) sobre o fenômeno da elipse.

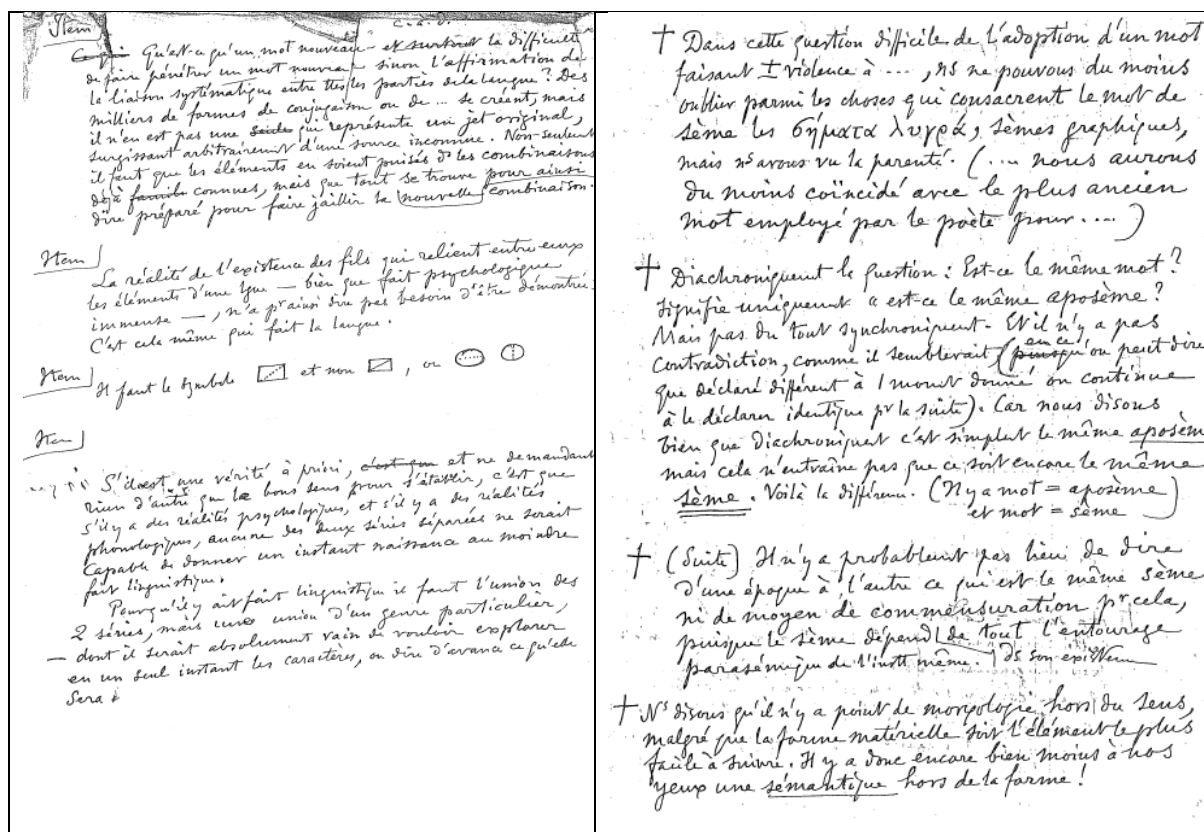


FIGURA 1 – OS ITEM DO MANUSCRITO

Fonte: Saussure, 1897 - Ms.Fr.03951/15.f004v e Ms.Fr.03951/15.f009, respectivamente

O corpo do documento é composto de folhas de tamanho irregular (v. FIGURA 2), com notas escritas a pena azul e preta, além de anotações esporádicas a lápis³¹ (v. FIGURA 3). Os originais apresentam numeração em 23 folhas.

³¹ É possível visualizar o *fac-símile* do manuscrito em questão a partir do sítio eletrônico seguinte: http://fds.unige.ch/iip4/viewer_visitor.php?imagepath=/var/www/auto_alim/public_storage&imagefilena me=ms_fr_03951_15_env.jp2&sliderOrientation=vertical&toolbarOrientation=horizontal&toolbarPositi on=outside&&annotationMode=annotation&

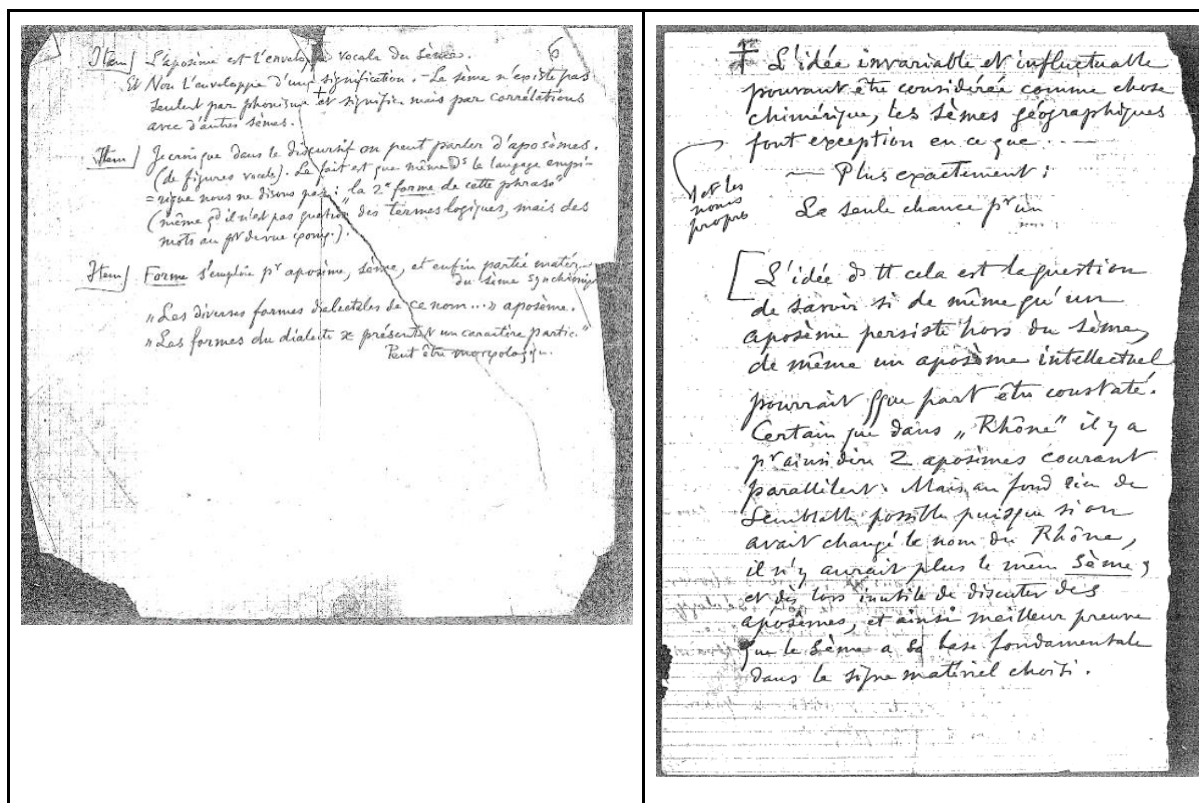


FIGURA 2 - EXEMPLOS DE FOLHAS QUE COMPÕEM O MANUSCRITO
 Fonte: Saussure, 1897 - Ms.Fr.03951/15.f006 e Ms.Fr.03951/15.f006v, respectivamente

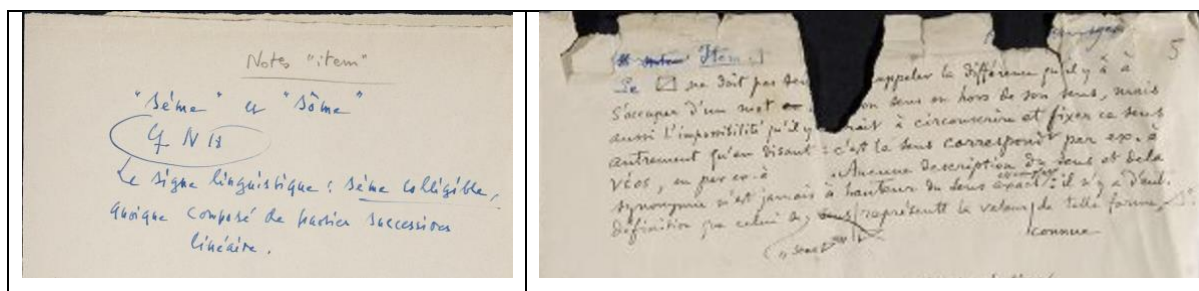


FIGURA 3 – PENAS EM CORES DIFERENTES E LÁPIS
 Fonte: Saussure, 1897 - Ms.Fr.03951/15.f000b e Ms.Fr.03951/15.f005

Apesar de ter sido publicado pela primeira vez por Engler em sua edição crítica do *Curso*, em 1974, antes da numeração das páginas do documento, veem-se observações sobre seu estatuto de catalogação, o número de páginas que o compõe (FIGURA 4) e uma indicação de referência de sua escritura (FIGURA 5).

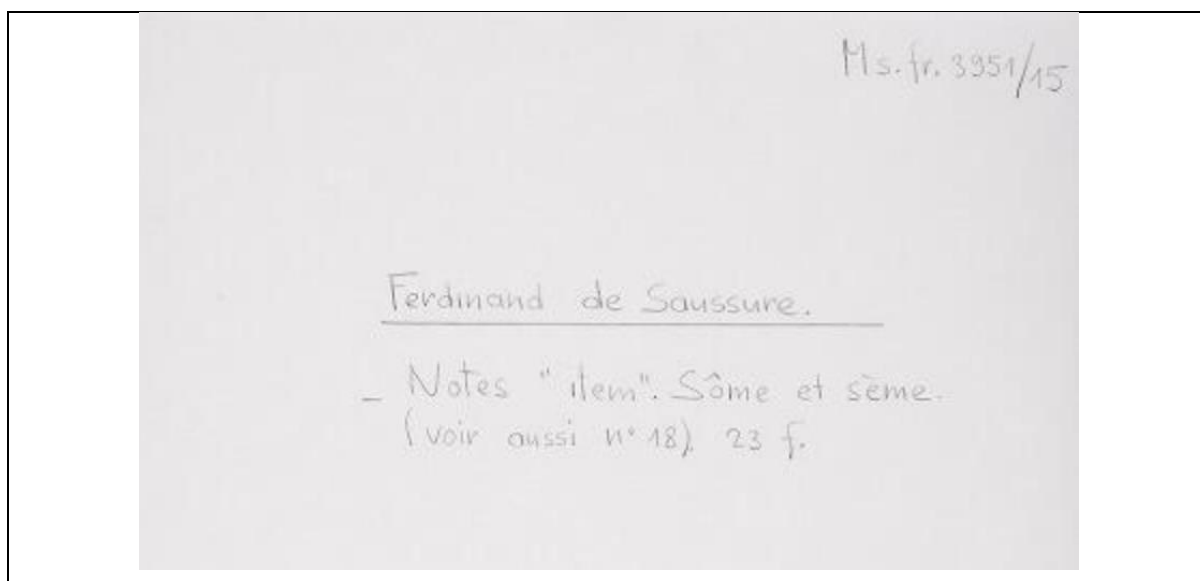


FIGURA 4 – CATALOGAÇÃO DO MANUSCRITO
 Fonte: Saussure, 1897 - Ms.Fr.03951/15-env

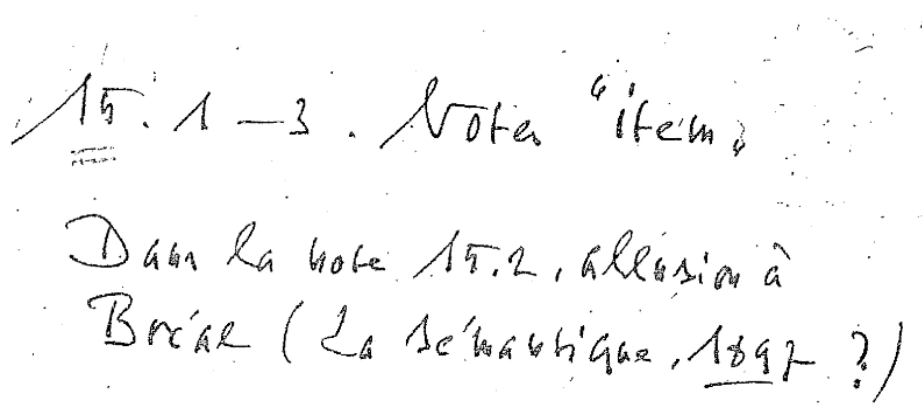


FIGURA 5 - NOTA DE ALUSÃO A BRÉAL E A ANO DE ESCRITA
 Fonte: Saussure, 1897 - Ms.Fr.03951/15.f000a

Nesta última, nota-se, em uma das notas do manuscrito, menção ao trabalho semântico de Bréal, estudioso francês que publicou em 1897 a obra que, mais tarde, seria ampliada e conhecida como *Ensaio de Semântica* (BRÉAL, 1897). Essa nota resulta em uma anotação feita por Robert Godel na data da catalogação do documento, a qual aponta uma data de referência do manuscrito, conforme podemos ver na FIGURA 5, que diz “na nota 15.2, alusão a Bréal (La Sémanthique, 1897?)”.

Entretanto, as datas de escrita ou de finalização dos *Item* que constam neste documento ainda continuam nebulosas. Por outro lado, se cremos que os aforismos, tal como aparecem, estão na ordem em que foram efetivamente escritos por Saussure, a nota de Godel, com seu ponto de interrogação na data, fornece-nos um ponto de partida: pensar que as notas foram escritas a partir de 1897, podendo, segundo alguns estudiosos da crítica saussuriana (GANDON, 1995), ter sido finalizado até o ano de 1910.

Além de ajudar a posicionar o manuscrito no tempo, a citação do ensaio bréalino aponta para o fato de haver, de fato, uma preocupação, pela parte de Saussure, de lidar com fenômenos ligados ao sentido na construção de sua teoria da língua. Dessa maneira, pode-se dizer que o manuscrito é relevante para o estudo da teorização sobre a significação dentro do projeto saussuriano, de maneira que seja possível se enveredar por outros caminhos para entender o estatuto disso na construção de seu pensamento. É justamente por isso que escolhemos esse documento como aquele a ser analisado nesta tese.

Além dos aspectos já mencionados, notam-se outras questões semióticas no documento. Um deles, e talvez um dos mais comuns em notas manuscritas de maneira geral é a presença de rasuras. Isso é importante para sua análise já que, nas notas saussurianas, há “grande flutuação das rasuras, seja quantitativamente ou qualitativamente.” (SILVEIRA, 2018:837). Em *Notes Item*, especialmente, tais rasuras apontam desde a correção de um erro, a uma substituição de palavra a questões que julgamos mais relativas a uma epistemologia linguística, como a incerteza na definição de termos ou na formulação de afirmações sobre o fazer linguístico. Embora esta constatação vá ser retomada e mais desenvolvida em nosso próximo capítulo, acreditamos, como Silveira (op. cit.) que haja “uma diversidade na frequência e funcionamento da rasura de acordo com a direção que o processo toma naquele manuscrito, ou naquela parte do manuscrito” (p.857), e que isso é fundamental no exercício hermenêutico que é sua leitura.

Outro aspecto do manuscrito que acreditamos estar intimamente ligado às rasuras que nele aparecem, é o fato de Saussure ultrapassar os limites lineares da escrita, apresentando notas laterais, sobreescritos, subscritos, entre outros, conforme vemos na FIGURA 6.

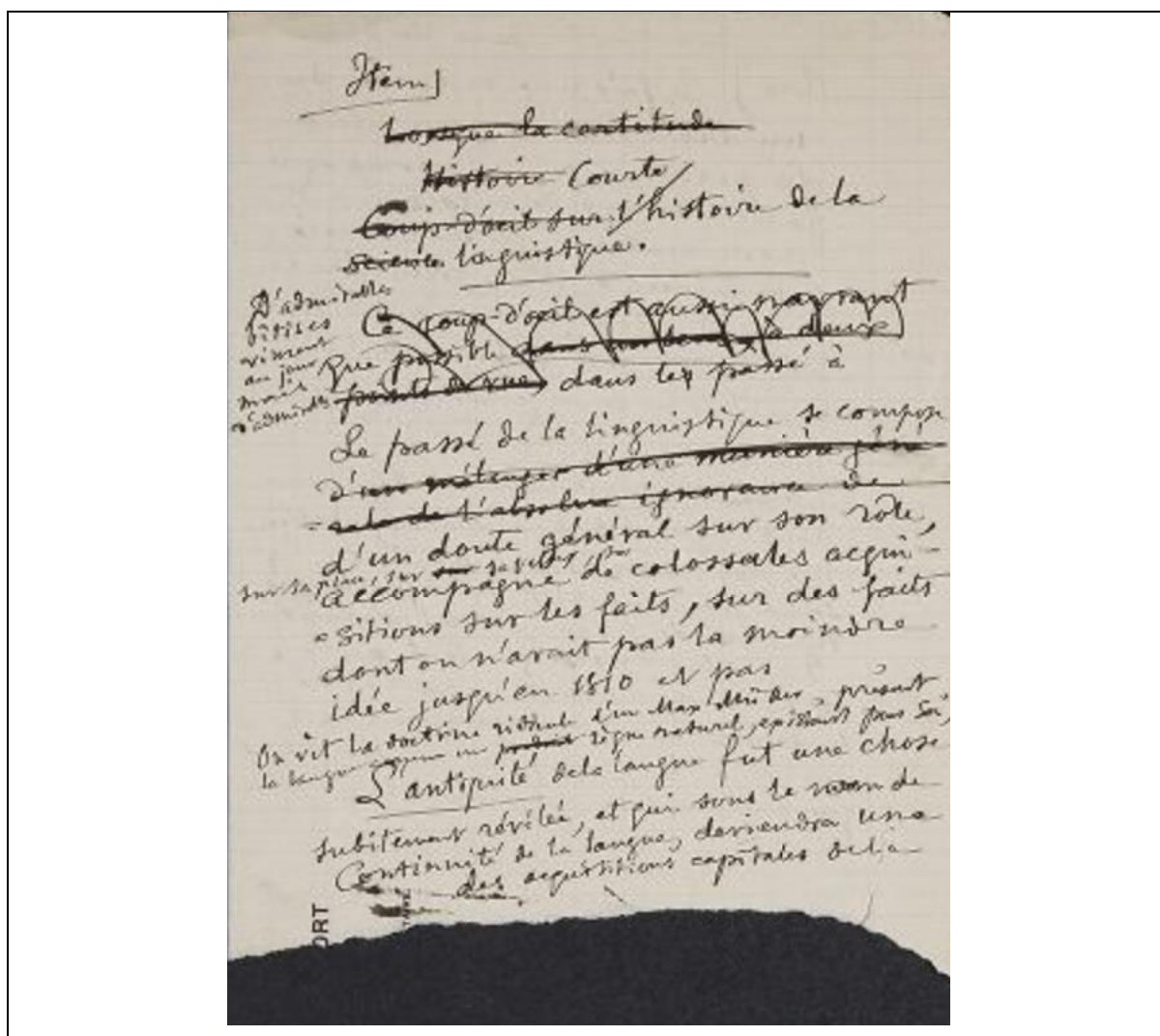


FIGURA 6 – RASURAS, NOTAS LATERAIS, SOBREESCRITOS
 Fonte: Saussure, 1897 - Ms.Fr.03951/15.f0018v

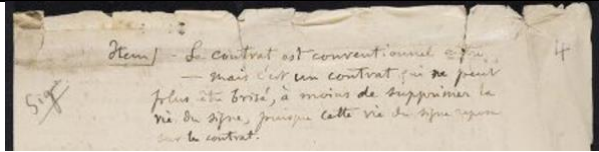
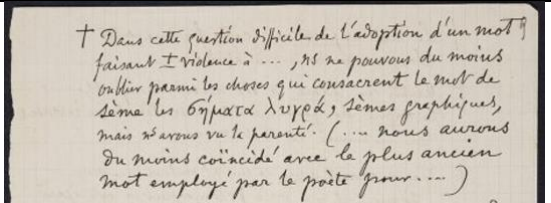
Ainda sobre as questões de escrita presentes no documento, vale ressaltar a presença não rara de períodos inacabados ou em suspenso. Este fenômeno, cujos exemplos podemos ver no QUADRO 3, aparecem em grande parte dos manuscritos saussurianos conforme nos ensina Claudine Normand (2006:86). Para a pesquisadora, essas suspensões no pensamento de Saussure, as quais chama “os brancos dos manuscritos saussurianos”³² (op. cit.; p.79), além de “sem dúvida, significativas”³³ (op. cit.; p.81), são “formas observáveis, presentes na materialidade

³² No original, em francês: *Les blancs des manuscrits saussuriens*

³³ No original, em francês: [...] *sans doute, significantes.*

do texto, tendo sua materialidade própria³⁴ (idem, ibidem). Nesse sentido, faz-se mister considerá-las onde ocorrem e qual é sua relação com os outros elementos nos períodos em que ocorrem. Obviamente, aqui, não se trata de tentar preencher o branco deixado, mas de compreender o desenvolvimento em suspenso que este evoca. Vejamos alguns deles.

QUADRO 3 – PERÍODOS INACABADOS E BRANCOS COM TRANSCRIÇÃO

	
<p>Item</p> <p>O contrato é convencional entre []</p> <p>- mas é um contrato que não pode mais ser quebrado, a menos que se suprima a vida do signo, já que tal vida do signo repousa sobre o contrato.</p> <p><u>Signo</u></p>	<p>+ Nessa questão difícil de adoção de uma palavra que seja menos violenta a ..., não podemos, pelo menos, esquecermos dentre as coisas que consagram a palavra sēma os σήματα λυγρά, sēmas gráficos, mas nós vimos o parentesco. (... nos teremos, pelo menos, coincidido a mais antiga palavra empregada pelo poeta para ...)</p>

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f004 e Ms.Fr.03951/15.f009

Ainda outro aspecto que chama atenção no manuscrito *Notes Item* é o uso de desenhos para representar algum fato de linguagem. Analisando brevemente alguns cadernos manuscritos de Saussure, vemos que o genebrino tem certo gosto pelo desenho, fazendo-os para ilustrar histórias que contava a seus filhos, ou como um simples ilustrações de algum fato de suas memórias. Isso também não é incomum em suas elocubrações sobre fatos da linguagem. Por exemplo, ele os faz para ilustrar algumas de suas afirmações no manuscrito *De l'Essence Double du Langage* (SAUSSURE, 1891), ou como podemos testemunhar nas notas dos alunos dos seus cursos de Linguística Geral (v. KOMATSU, 1993, 1996, 1997). Seguindo esse gosto pelo gráfico, o linguista também lança mão desse recurso em *Notes Item*. Assim como os brancos a que nos referimos anteriormente, é necessário pensar onde ocorrem tais desenhos e como eles se relacionam com o texto que lhes precedem ou seguem. Vejamos um exemplo na imagem abaixo.

³⁴ No original, em francês: [...] des <<formes>> observables, présentes dans la linéarité du texte, ayant leur matérialité propre.

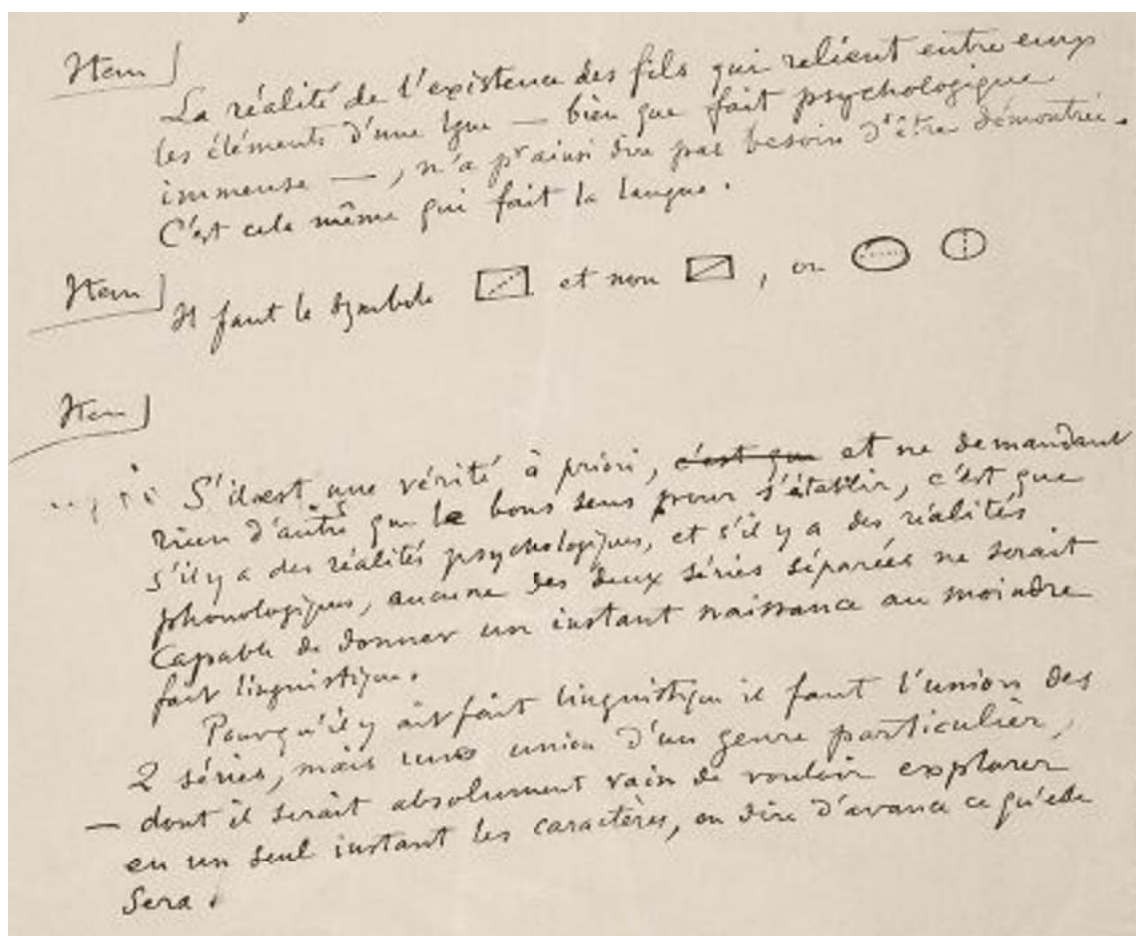


FIGURA 7 – DESENHO DE FATO DE LINGUAGEM E TEXTO

Fonte: Saussure, 1897 - Ms.Fr.03951/15.f004v

Assim, nesta seção apresentamos o manuscrito *Notes Item*, percorrendo brevemente sobre sua história, além de vermos algumas de suas características genéticas mais marcantes³⁵. Mesmo que alguns desses elementos, como rasuras e desenhos, não sejam estranhos às notas manuscritas saussurianas de maneira geral, é interessante notar sua presença no documento que analisamos nesta tese. Afinal, se ao analisarmos um manuscrito saussuriano, na esteira do que afirma Sofia (2010) estamos diante uma “obra em si mesma” (p. 207), devemos estar atentos aos movimentos significantes que nele aparecem.

³⁵ É digno de nota o fato de que, mesmo que tenhamos apresentados vários aspectos genéticos do manuscrito, afastamo-nos de uma teoria genética em si, haja vista os trabalhos empreendidos pela Crítica Genética tende a girar em torno de manuscritos literários. Além disso, essa disciplina pensa em um “pré-texto” e um “pós-texto” ao tomar documentos manuscritos como base, o que, como sabemos, não é possível nos autógrafos saussurianos, haja vista suas características peculiares.

2.2. Os Porquês do Manuscrito

Apresentado o manuscrito com que pretendemos trabalhar nesta tese, acreditamos ser necessário, ainda que brevemente, tecermos alguns comentários sobre a sua escolha. Notemos, pois, que essa construção nos traz uma ambiguidade produtiva. Em primeiro lugar, por que escolhemos o manuscrito *Notes Item* no lugar de sua edição presente nos *Escritos de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2002)? Em segundo lugar, qual a razão de termos escolhido este manuscrito em específico para nossa tese? É a essas questões que tentamos responder nesta seção.

A resposta para nossa primeira questão se encontra de modo indireto na reflexão do pesquisador membro do Instituto de Textos e Manuscritos Modernos, na França, Estanislao Sofia. Em artigo publicado em 2012, ele analisa os problemas filológicos e genéticos ligados ao manuscrito *De l'Essence Double du Langage* (SAUSSURE, 1891). Segundo sua pesquisa, o manuscrito em questão sofreu várias organizações por parte de seus editores e catalogadores, de modo que

a ordem original das paginas e do texto, [...] em muitas ocasiões, a frente o verso (duas páginas) de uma mesma folha foram separadas e, às vezes - mesmo que menos frequentemente -, a ordem do texto foi modificada no interior de uma mesma página (SOFIA, 2012, p. 38)³⁶.

Já é lugar-comum dentro dos estudos da filologia saussuriana que o documento *De l'Essence Double du Langage* é um manuscrito considerado fundamental para sua crítica. Ora, se tais modificações foram feitas em edições de um manuscrito de tal importância³⁷, o que poderíamos esperar da edição de outros manuscritos que talvez não tenham tido tanta atenção dentro da pesquisa do pensamento de Ferdinand de Saussure? Uma vez que esse questionamento nos permanece sem resposta, preferimos mergulhar nossa análise no campo da letra do linguista genebrino.

Outra questão importante no que tange às edições pode ser vista ao analisar-se mesmo os fac-símiles dos manuscritos. Muitas vezes, as cópias dos manuscritos,

³⁶Texto original, em francês: *l'ordre original des pages et du texte, [...] dans biens des occasions, le recto et le verso (deux pages) d'un même feuillet ont été séparés, et parfois même – quoique moins souvent – l'ordre du texte a été modifié à l'intérieur d'une même page* (SOFIA, 2012, p. 38).

³⁷ Para um trabalho detalhado sobre os problemas editoriais de *De l'Essence Double du Langage* e uma proposta diferente de organização daquela que conhecemos pelo trabalho de Bouquet e Engler (SAUSSURE, 2002), veja-se o trabalho curado por Rastier (2016).

devido ao material frágil trabalhado, apresentam folhas dispersas, ficando a cargo do catalogador ou do editor fazer escolhas sobre a organização das folhas cuja ordem não se pode dizer ao certo. Tais escolhas, como gestos que podem alterar a ordem e influenciar a leitura de um texto, raramente são mencionadas nos textos editados (nos quais o número de escolhas é multiplicado) ou mesmo naqueles escaneados. Dessa forma, o acesso, ainda que indireto, à letra do mestre parece-nos mais prudente ao fazermos a análise de um documento.

Além dos problemas genéticos, Silveira (2018) nos ensina que, para que se possa ver o pensamento saussuriano em constante (re)construção, deve-se atentar às marcas que este deixa em seus manuscritos. Sobre isso, a autora nos diz que “os manuscritos constituem-se como *locus princeps* para examinar o percurso de Saussure na elaboração de seu quadro teórico”. (p.837 – itálico da autora). Dessa maneira, como nosso interesse principal nesta tese é entender o percurso de elaboração teórica saussuriano no que tange a questões de sentido, consideramos o caminho dos manuscritos ser o melhor a ser seguido.

Outro ponto a favor do uso dos manuscritos é que mesmo aqueles pesquisadores que utilizam os *Escritos de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2002) como base de sua análise reconhecem a dificuldade editorial dessa obra. Esse é o caso de Flores (2023), que mesmo lançando mão apenas daquilo que considera constituir a noção obra de Saussure³⁸, admite que nos *Escritos* “há uma espécie ‘higienização’ do manuscrito” (p. 63) e que “há uma espécie de planificação das diferenças que existem entre os diferentes manuscritos em função de seus temas, datas em que foram elaborados, etc.” (p. 64). Desta forma, também admite o autor, perdem-se de vista os esforços saussurianos para constantemente (re)construir sua teoria.

Logo, ao considerarmos o fato de que podemos perder, na leitura das edições publicadas dos manuscritos, as diversas manifestações da linguagem no texto saussuriano, além de pensarmos que as rasuras, brancos, os espaçamentos entre palavras e as suspensões da escrita podem nos dar pistas sobre o desenvolvimento

³⁸ A noção de *obra* adotada por Flores nesse livro (op. cit., 2023) é aquela empreendida por Milner (1995) ao analisar o legado do psicanalista Jacques Lacan. De maneira geral, essa visão se baseia naquilo que “circula na cultura, que está à disposição de qualquer leitor nas livrarias do mundo.” (op. cit., p.35)

do pensamento saussuriano em sua escrita, consideramos que o trabalho com o *fac-símile* do manuscrito *Notes Item* é o ideal para os objetivos deste trabalho. Mais do que isso, concordamos com Silveira (2022), que sublinha que “o processo de leitura do manuscrito favorece a formação do linguista porque ele pode acompanhar o movimento de elaboração de outro linguista ao trazer a posição teórica do seu tempo, ao contrapor e propor alternativas, muitas vezes com exemplos práticos.” (p. 69). E é apoiados nisso que respondemos à segunda questão a que nos propomos.

Além do exercício de formação para o linguista que a análise de documentos manuscritos impõe, as notas reunidas em *Notes Item* nos parecem, a rigor das análises que provém da mão do mestre genebrino, tratarem de fenômenos linguísticos sob uma perspectiva peculiar para sua época. Em especial, nesse documento notamos um esforço do genebrino em determinar e delimitar os tipos de unidades de análise para uma ciência linguística, conferindo-lhe um status de ensaio epistemológico. Mais do que isso, abundam no documento alusões a sentido, significado, valor e significação, conforme veremos nas próximas sessões deste capítulo. Assim, já que nos propomos a analisar a maneira de Saussure lidar com questões relativas ao sentido nesse manuscrito e como, em fazendo isso, (re)formula seus pensamentos sobre o estatuto da língua e da ciência linguística, focamos nossas lentes nos fenômenos analisados pelo genebrino.

2.3. Escrita, reescrita e transcrição

Um dos grandes desafios da divulgação do trabalho com manuscritos é pensar na maneira como mostrá-los para quem lê a análise de modo a poder acompanhá-la de modo crítico. Com isso em mente, o pesquisador Pierre-Yves Testenoire, da Université de Paris-Sorbonne, afirma que “toda a transcrição de manuscritos, independentemente do quadro teórico em que se inscreva, é refém da tensão resultante da busca de dois objetivos contraditórios: um objetivo de *vi-legibilidade* e um objetivo de *legibilidade*”³⁹ (2017, p.91). Analisemos isso em maior detalhe.

³⁹ No original, em francês: *Toute transcription de manuscrits, indépendamment du cadre théorique dans lequel elle s'inscrit, est soumise à la tension résultant de la poursuite de deux objectifs contradictoires: un objectif de vi-lisibilité et un objectif de lisibilité.* (grifos do autor)

O primeiro objetivo mencionado por Testenoire (2017), o de *vi-legibilidade*, diz respeito às questões visuais e semióticas de um texto manuscrito em seu material originário. Dessa maneira, é importante por propiciar ao leitor/pesquisador o acesso àquilo que foi escrito e da forma que o foi, já que disponibiliza a visão dos sublinhados, rasuras e disposição espacial do manuscrito. Já o segundo, *legibilidade*, associa-se à possibilidade de leitura linear do manuscrito em um novo meio, o tipográfico, destacando-se pela linearização da leitura do documento, tornando-a mais acessível para quem quiser saber seu conteúdo estritamente textual.

Considerando esses dois pontos, Testenoire (2017) alerta para a existência de uma constante “negociação entre essas duas exigências contraditórias” (idem, p.91), de modo que é necessário ao pesquisador entender o porquê de transcrever algo e aquilo que é transcrito, além do que se usa para fazer a transcrição (idem, p.92). Tal grau de negociação, assim como a reflexão sobre as razões da transcrição, assim como de seu objeto, resultará, ulteriormente, no tipo de transcrição a ser utilizada, como a diplomática, que visa a reproduzir fielmente o manuscrito, ou a linear, que transcreve as palavras e alguns dos outros signos gráficos do documento em um texto contínuo.

Além disso, quando consideramos a apresentação do manuscrito, devemos também considerar sua condição de rascunho, ou seja, sua incompletude no que diz respeito à apresentação do pensamento de um autor e os traços característicos desse gênero. Assim, neste trabalho, tomamos duas decisões quanto à sua apresentação: i) quando o trecho selecionado para análise não demonstrar rasuras ou características que dificultem sua leitura de forma linear, optamos por uma transcrição linear⁴⁰, como a demonstrada no segundo elemento, da esquerda para direita, do QUADRO 3 (v. SUPRA). No entanto, quando, ii) houver elementos que desafiem a linearidade de leitura do texto do manuscrito ou outros elementos que não possam ser representados eletronicamente, lançamos mão de uma transcrição semi-diplomática⁴¹, de modo a tentar evidenciar os vários elementos do manuscrito, como

⁴⁰ Transcrição linear é aquela que transcreve o texto presente no manuscrito de forma corrida, desconsiderando suas quebras de linha se estas não apresentarem algum elemento significativo, como uma entrada de parágrafo ou ainda alguma rasura ou desenho.

⁴¹ Transcrição diplomática é aquela que tenta reproduzir ao máximo aquilo que está escrito no manuscrito quanto a sua disposição espacial. Uma transcrição semi-diplomática, entretanto, apesar de tentar situar espacialmente a maioria dos elementos de um manuscrito em seu lugar de forma mimética ao documento original, não adota preceitos da transcrição linear quando considera que os elementos ou a forma de algo disposto no manuscrito não interfere em sua leitura. De todos os tipos de transcrição

ensaíamos no primeiro elemento da QUADRO 3 (v. SUPRA). Além disso, com vistas a fugirmos de repetições desnecessárias no texto desta tese e evitar confusões quando ao estatuto do texto original, quando nos utilizarmos apenas uma parte de um dos *Item* do manuscrito, utilizaremos o termo *trecho* para designarmos-lo. Em contrapartida, quando quisermos alertar o leitor de que a parte analisada corresponde a toda a nota saussuriana, lançamos mão dos termos *nota* ou *Item*.

Portanto, apresentamos as convenções que utilizamos ao longo deste trabalho. Nelas, tentamos considerar as questões de escrita mais comuns no manuscrito *Notes Item* (SAUSSURE, 1897), procurando soluções para representá-las digitalmente.

QUADRO 4 - CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

<u>palavra</u>	palavra sublinhada no texto original
palavra ^{palavra}	adendo ou sobrescrito à palavra no texto original
palavra _{palavra}	adendo ou subscrito à palavra no texto original
{desenho}	sinal gráfico não identificado ou não possível de reproduzir digitalmente
[palavra]	adendo ao texto indicado por Saussure por meio de elementos gráficos como setas ou linhas deslocado ao local indicado
palavra	local original do adendo [palavra] no manuscrito
[]	interrupção abrupta do período; período incompleto
palavra	palavra rasurada no texto original
[palavra?]	palavra ou trecho de transcrição duvidosa
[???	palavra ou trecho cuja transcrição não foi possível

Fonte: O Autor.

2.4. *Intermezzo*: o objeto e sua análise

Haja vista o que discutimos neste capítulo, retomamos algumas de nossas considerações no que tange ao tratamento que daremos ao nosso objeto de análise.

que consideramos aqui, é aquela que inscreve mais traços de subjetividade do analista-transcritor, já que passa pelo seu crivo do que é relevante ou não no trecho transcrito.

Após apresentarmos o manuscrito saussuriano *Notes Item* em suas características genéticas e discutirmos a forma como o analisaremos, justificamos o porquê de sua escolha. Por fim, discutimos brevemente sobre o estatuto da transcrição no trabalho com manuscritos, apresentando nossas decisões sobre esse quesito.

Primeiramente, vislumbramos um pouco da história do documento e informações sobre sua catalogação na Biblioteca Pública da Universidade de Genebra. Logo após, mostramos os tipos de folha que compõem seu conjunto, assim como sua divisão geral em *Item*. Olhamos também para a riqueza gráfica do documento, seja pelo seu uso de desenhos por parte do genebrino, seja pelas frequentes rasuras, anotações ao longo das folhas ou por períodos incompletos, uma das razões pelas quais perferimos o trabalho com o fac-símile do texto à sua edição.

Logo após, justificamos a escolha do manuscrito. Entre os vários manuscritos saussurianos, *Notes Item* (SAUSSURE, 1897) foi selecionado por acreditarmos que seja um conjunto de notas que tratam frequentemente de temas relevantes ao quadro semântico da língua. Mais do que isso, pensamos ver, nesse manuscrito, uma maneira como as análises feitas pelo linguista genebrino fazem parte de seu pensamento epistemológico no que tange ao lugar do sentido em sua teoria linguística. Assim, a partir dele, pretendemos vislumbrar o percurso de construção de pensamento de Ferdinand de Saussure sobre tais assuntos.

Por último, discutimos os dois grandes campos sobre os quais a transcrição de um manuscrito se apoia e como, em nosso trabalho, lançamos mão de convenções de transcrição que transitam entre o linear e o não-linear. Dessa forma, tentando dar conta disso, apresentamos as convenções das quais lançaremos mão em nossas transcrições. Mais do que isso, discutimos como pensamos a análise do manuscrito em si a fim de buscarmos o lugar do sentido em tal documento. Por um lado, investigamos o olhar metodológico do linguista ao fazer comentários sobre a língua (aqui, observaremos como o genebrino analisa os fenômenos da língua sobre o que acreditamos ser um viés semântico). Por outro, de maneira complementar ao primeiro, olhamos para como esse pensamento do sentido se relaciona com a teoria linguística que Saussure formula.

3. FENÔMENOS SEMÂNTICOS NO MANUSCRITO *NOTES ITEM* – ANÁLISES

Apos refletirmos sobre como o sentido era tratado nos empreendimentos linguísticos na época de Saussure e como o pensamento do genebrino foi lido em diferentes contextos, decidimos analisar como tais questões aparecem em suas notas manuscritas, haja vista acreditarmos que o tratar o sentido na língua tem um papel fundamental no empreendimento epistemológico do linguista suíço. Assim, elegemos o conjunto de notas que compõem o documento *Notes Item*, já que, essas notas tratam repetidamente de questões relativas do que acreditamos ser uma linguística semântica. A partir disso, investigamos o caráter genético do manuscrito e refletimos sobre as condições teórico-metodológicas de sua análise para esta tese. Percorrido esse caminho, neste capítulo, olhamos, finalmente, mais detidamente para o conteúdo do manuscrito que escolhemos.

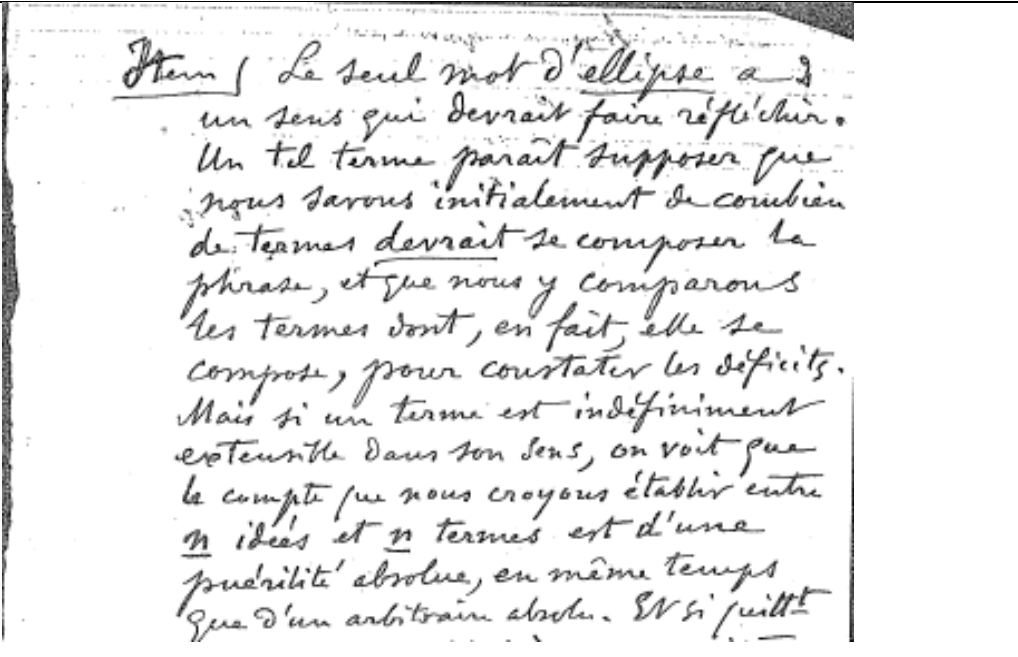
Dessa forma, neste capítulo, mostramos trechos do manuscrito em que Saussure analisa fenômenos linguísticos e/ou relativos a questões de filosofia da linguagem. Nesse contexto, consideramos a reflexão saussuriana sobre as relações da língua com o pensamento, além de fenômenos como a proposição em linguística, a analogia, a elipse e a sinonímia. A partir disso, refletimos sobre sua metodologia de análise, comentando-a e contrastando, quando necessário, nossas observações com aquelas de outros teóricos.

3.1. Fenômenos linguísticos e da filosofia da linguagem

3.1.1. Língua(gem) e pensamento

Como já demonstramos no primeiro capítulo desta tese (v. SUPRA), vários fenômenos ligados a uma disciplina semântica ou a uma visada filosófica sobre as origens e desenvolvimento da linguagem foram discutidos por linguistas na época de Saussure. Um desses debates, por exemplo, é aquele que toma as relações entre linguagem e pensamento como objeto. Considerado por Palo (2016) como um daqueles que guia o pensamento saussuriano para uma epistemologia específica da linguística, este é o primeiro dos tópicos presentes no manuscrito sobre o qual discorreremos. Com a palavra, Saussure:

QUADRO 4 – TRECHO MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

	 <p>Item (Le seul mot d'ellipse a un sens qui devrait faire réfléchir. Un tel terme paraît supposer que nous savons initialement de combien de termes devrait se composer la phrase, et que nous y comparons les termes dont, en fait, elle se compose, pour constater les déficits. Mais si un terme est indéfiniment extensible dans son sens, on voit que le compte que nous croyons établir entre <u>n</u> idées et <u>n</u> termes est d'une puérilité absolue, en même temps que d'un arbitraire absolu. Et si puillt</p>
Item	<p>A simples palavra <u>ellipse</u> tem um sentido que deveria fazer refletir. Tal termo parece supor que nós sabemos inicialmente a quantidade de termos que <u>deveria</u> compor a frase, e que nós comparamos a estes os termos dos quais, de fato, ela se compõe a fim de constatar os déficits. Mas se um termo é indefinidamente extensível em seu sentido, vê-se que a conta que cremos estabelecer entre <u>n</u> ideias e <u>n</u> termos é de uma infantilidade absoluta, ao mesmo tempo que de uma arbitrariedade absoluta.</p>

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f002

Neste trecho, Saussure reflete sobre as relações entre pensamento e formas da linguagem, posicionando-se contra aquilo estabelecido entre seus contemporâneos de que cada forma da linguagem corresponderia a uma forma do pensamento. Esta afirmação nos mostra um pressuposto daquilo que se acreditava em sua época em termos de língua. Os estudos linguísticos baseados na relação entre língua e pensamento, especialmente aqueles fundamentados na psicologia wundtiana⁴², consideravam que a língua era a expressão última do pensamento, estando ambos intimamente ligados. A partir desse entendimento, considerou-se que cada elemento do pensamento se traduziria em uma unidade linguística, de modo que cada palavra expressaria apenas e exatamente aquilo que se pensa. Saussure, no entanto, posiciona-se contra isso.

⁴² Para uma breve explicação da psicologia wundtiana, refira-se à nota 8 desta tese.

Para o genebrino, “a conta que cremos estabelecer entre n ideias e n termos é de uma infantilidade absoluta, ao mesmo tempo que de uma arbitrariedade absoluta” (SAUSSURE, 1897). Ora, dizer que tal pensamento é pueril é posicionar-se veementemente contra a noção de que um termo da língua representaria um termo do pensamento. Mais do que isso, é colocar-se em um lugar epistemológico que entende que a língua não pode ou não consegue representar o pensamento de um sujeito e, por extensão, de que a língua não constitui uma nomenclatura, haja vista crer-se que, se os termos da língua se ligariam a ideias daquilo que há no mundo, a língua corresponderia a um simples catálogo de associação de pensamentos a palavras. Essa visão é confirmada em algumas notas preparatórias para um livro de *Linguística Geral* que nunca viu a luz do dia. Nelas, Saussure (2002) escreve que “o âmago da linguagem não é constituído de nomes. É um acidente quando o signo linguístico corresponde a um objeto [...] e não a uma ideia [...]” (p.197)

Outra afirmação importante nesse trecho é o fato de o pai da linguística afirmar que “um termo é indefinidamente extensível em seu sentido” (SAUSSURE, 1897). Essa assertiva nos traz um argumento contra a associação entre língua e pensamento. Ou seja, se o sentido pode ser estendido e, por conseguinte, pode representar mais de uma ideia pré-determinada, não se pode dizer que um termo na língua possa se fixar tão-somente a um sentido ou que ideias semelhantes não possam transitar entre termos diferentes. Mais do que isso, há aqui algo particular: é possível ver uma reflexão diretamente entre um fato linguístico, sintático, e o sentido que permeia a língua. Voltaremos a isso quando analisarmos, de fato, a questão da elipse como fenômeno. Por ora, vejamos outra nota que demonstra a insatisfação do genebrino quanto à ligação direta entre língua e pensamento:

QUADRO 5 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

<p>Item) Aucun 3</p> <p>X Tout psychologue moderne ou ancien, en faisant allusion à la langue, ou en la considérant même comme véhicule essentielle de la pensée, n'a eu un seul instant une idée quelconque de ses lois. Tous sans exception se figurent la langue comme une forme <u>fixe</u>, et tous aussi sans exception comme une forme <u>conventionnelle</u>. Ils se meuvent, très naturellement dans ce que j'appelle la tranche horizontale de la langue, mais sans la moindre idée des phénomènes sociaux ^{historiques} qui entraîne immédiatement la transposition des signes dans la colonne verticale, et défend alors d'en faire ni un <u>phénomène</u> <u>fixe</u> ni un <u>langage conventionnel</u>, puisqu'il est le résultat incessant de l'action sociale imposé hors de tout choix.</p> <p>Toutefois le commencement d'une compréhension de la part des psychologues ne peut guère venir que d'une étude des transformations phonétiques</p>	<p>Item</p> <p>X Todo ^{Nenhum} psicólogo moderno ou antigo, ao fazer alusão à língua, ou ao considerá-la mesmo como veículo essencial do pensamento, não teve um só instante uma ideia que fosse de suas leis. Todos sem exceção pensam a língua como uma forma <u>fixa</u>, e todos também sem exceção como uma forma <u>convencional</u>. Eles se movimentam, muito naturalmente naquilo que eu chamo de divisão horizontal da língua, mas sem a menor ideia do fenômeno social ^{o-histórico} que conduz imediatamente o turbilhão de signos na coluna vertical, e impede portanto de concebê-la nem como um[a] <u>fenômeno</u></p>
---	---

[linguagem] fixa nem como uma linguagem convencional, uma vez que é o resultado incessante da ação social, imposta além de tudo. Todavia, o começo de uma compreensão da parte dos psicólogos não pode vir senão de um estudo das transformações fonéticas.

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f003

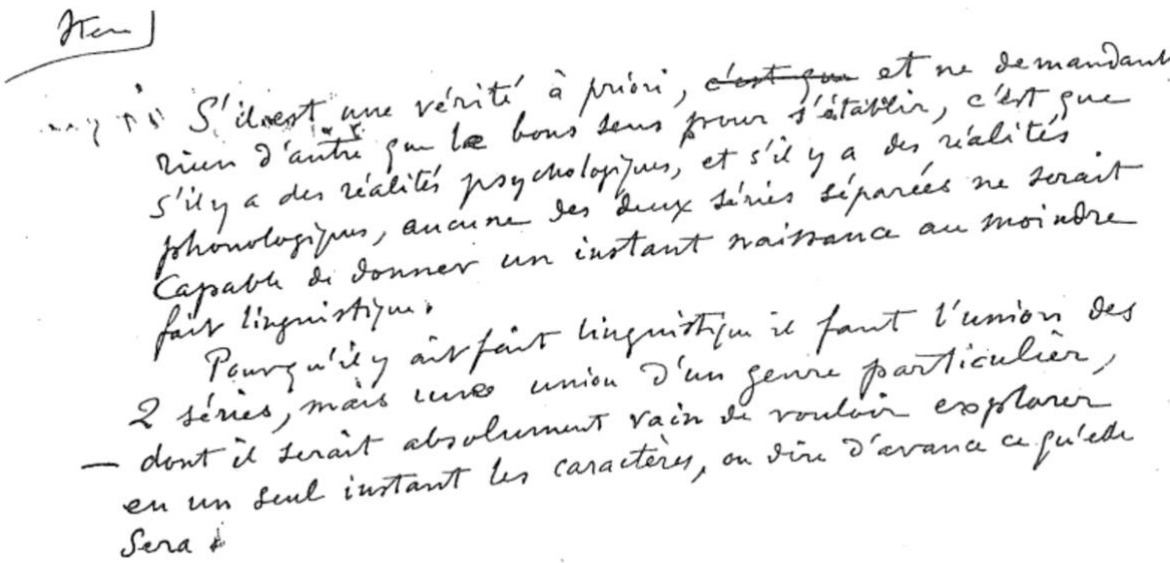
Nesta nota, Saussure critica o fato de se considerar a língua como algo que reflete o pensamento, tendo isso como consequência uma visão horizontal dos fenômenos da língua. Essa visão, muito difundida entre os psicólogos e linguistas do final do século XIX (ver, por exemplo, a visão contratualista de WHITNEY, 2010 [1875]), concebia a língua como algo imutável e que tal imutabilidade se dava por uma questão de convencionalidade social.

Eis o primeiro ponto da crítica: a língua não é “veículo essencial do pensamento” (SAUSSURE, 1897). Como apontado no trecho anteriormente glosado, se não é possível associar um termo a um pensamento diretamente, também não será possível dizer que se se considera que a língua é formada por termos, estes também não poderão associar-se propriamente. Disso, pode-se inferir que a língua (e seus termos, ou sua forma), assim como o pensamento são grandezas diferentes. Ampliaremos essa discussão adiante.

O segundo ponto a ser considerado é o fato de os termos da língua transitarem, para a maioria dos profissionais, conforme Saussure, na “divisão horizontal da língua” (1897, *ibidem*). Para o genebrino, uma visão que associa diretamente termos a pensamento está ligada à concepção de que não existiriam senão relações sintagmáticas entre os elementos de uma língua. Ou seja, ao entender que tudo aquilo que “existe” na língua reside apenas na frase como a vemos, abre-se caminho para se perceber a língua como um mecanismo que apenas etiqueta as coisas do mundo representadas no pensamento. Entretanto, ao fazer isso, o analista ignora o fato de haver, para Saussure, uma “coluna vertical” de signos que se relacionam entre si e que tratam das ações invisíveis da lingual, isto é, sua história, os sons que a compõem, etc.

Outro desdobramento possível para a discussão desse *Item* é a também negação de o pensamento, por não ser representado pela língua, consistir em objeto de análise nele mesmo para a linguística, como vemos na nota que segue:

QUADRO 6 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

 <p>Item</p> <p>S'il y a une vérité à priori, c'est que et ne demandant rien d'autre que le bon sens pour s'établir, c'est que s'il y a des réalités psychologiques, et s'il y a des réalités phonologiques, aucune des deux séries séparées ne serait capable de donner un instant naissance au moindre fait linguistique.</p> <p>Pourqu'il y ait fait linguistique il faut l'union des 2 séries, mais une union d'un genre particulier, - dont il serait absolument vain de vouloir explorer en un seul instant les caractères, on dirait d'avance ce qu'elle sera.</p>	<p>Item</p> <p>Se há uma verdade a priori, é que e que não exige nada além daquilo que o bom senso para se estabelecer, é que se existem realidades psicológicas, e se existem realidades fonológicas, nenhuma das duas séries separadas será capaz de dar a mínima luz ao menor fato linguístico.</p> <p>Porque se há fato linguístico, é necessária a união das 2 séries, mas uma união de um tipo particular, - cujos caracteres seriam absolutamente vãos de se querer explorar em um só instante; diz-se, antes de tudo, que ela será []</p>
---	--

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f004v

Nesse *Item*, Saussure afirma que nenhuma das duas séries de fatos - psicológica ou fonológica - é capaz de, por si só, explicar completamente um fato linguístico, sendo necessário sua conjunção em um único elemento para tornar possível a análise. Ora, se a o pensamento e a língua são grandezas separadas, como podemos inferir da nota que analisamos anteriormente, mas que parecem convergir em algum ponto, o que explicaria a ilusão de muitos dos linguistas contemporâneos ao genebrino, nada mais justo do que explicitar que, embora a *realidade psíquica* e a *realidade fonológica* (linguística) existam, apenas sua tomada em conjunto será possível para explicar um fato da língua. Tal afirmação encontra consonância em outros trabalhos saussurianos, que abordaremos mais tarde.

Voltando ao texto do manuscrito em análise, faz-se mister notar que, apesar das afirmações pungentes, o genebrino parece não conseguir definir ainda aquilo que, de fato, une duas realidades tão distintas entre si. O branco em sua última afirmação "[]" indica que o tipo de união ainda precisa ser descrito ou especificado, o que

evidencia a complexidade e a interdependência das diferentes dimensões da língua, ressaltando a necessidade de uma abordagem que leve em consideração ambas para a compreensão efetiva dos fenômenos linguísticos. É buscando essa resposta, acreditamos, que Saussure tenta balizar os limites de um termo ou outro no que diz respeito à grande indefinição dos fatos linguísticos que havia em seu tempo⁴³.

Olhando, portanto, para a separação que Saussure empreende entre língua e pensamento, podemos articular alguns pontos importantes de sua escrita. O primeiro deles é que tanto as realidades fonológicas de uma língua quanto as realidades psicológicas, embora concomitantes, são de natureza distinta. Nesse sentido, não se poderá dizer que um termo, ou os sons que o compõem, representam um pensamento ou tem relação direta com ele. Isso é o que será chamado, no Curso, da relação arbitrária do significante com o significado (SAUSSURE, 1916: 100 *et passim*).

O segundo ponto, que vemos como consequência do primeiro, é o fato de não ser possível uma visão na língua como algo que represente as impressões tidas pelo pensamento dos elementos do mundo físico, ou seja, os referentes. Sobre isso, o Curso coloca que a concepção da língua como nomenclatura não nos permite dizer “se a palavra é de natureza vocal ou psíquica⁴⁴” (1916:97). Assim, se tentamos ver a complexidade dos elementos em linguística considerando essas duas grandezas, entender a língua como uma mera lista de termos correspondentes a várias coisas seria contraditório. Essa questão, que também é abordada por Bréal, conforme vimos no primeiro capítulo deste trabalho, é um ponto pacífico dentro das leituras da teoria saussuriana. Entretanto, no manuscrito que analisamos, Saussure aborda esse tema, ampliando seu escopo, como vemos adiante.

3.1.1.1. A língua e sua representação

A tradição filosófica, desde o Crátilo (PLATÃO, s/d), nos traz a discussão da arbitrariedade dos nomes, de uma pretensa adaptação das formas linguísticas àquilo que elas querem significar ou à ligação dessas formas a objetos do mundo exterior. Embora todas essas questões estejam presentes de alguma forma na reflexão saussuriana sobre a linguagem, o fato de Saussure não considerar a língua como

⁴³ Sobre essa inquietude saussuriana, veja-se sua carta a Meillet, datada de 4 de janeiro de 1894.

⁴⁴ No trecho original, em francês: *Cette conception [...] ne nous dit pas si le nom est de nature vocale ou psychique.*

uma nomenclatura parece estar diretamente vinculada a seu programa linguístico. Nesse sentido, o *Item* a seguir nos mostra, ainda que nas entrelinhas, um pouco desse ponto de vista.

QUADRO 7 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

<p>Signo aposema</p> <p>Como Adão dando os</p>	<p>+Item 1. Dès qu'il y est question d'une part de la langue, on voit arriver le <u>mot</u> et le <u>sens</u>, (ou le <u>signe</u> et le <u>sens</u>) comme si c'était ce qui résume tout, mais en outre toujours des exemples de mot comme <u>arbre</u>, <u>pietre</u>, <u>Vache</u> etc, c'est-à-dire ce qu'il y a de plus grossier dans la sémiologie: le cas où elle est (par le hasard des objets qu'on choisit désigner) une simple onymique, c'est-à-dire, car là est la particula- rité de l'onymique dans l'ensemble de la sémiologie, le cas où il y a un <u>troisième</u> élément incontestable dans l'association psychologique du <u>sème</u>, la conscience qu'il s'applique à un être extérieur qui devient assez défini en lui-même pour comparer <u>échapper</u> à la loi gé- nérale du signe.</p>
<p>Signo aposema</p> <p>como Adão que dá os []</p>	<p>+Item Desde que a questão seja alguma parte da língua, vê-se aparecem a <u>palavra</u> e o <u>sentido</u>, (ou o <u>signo</u> e o <u>sentido</u>) como se isso resumisse tudo, mas, ademais, sempre os exemplos de palavra como <u>árvore</u>, <u>pedra</u>, <u>vaca</u>, <u>coi</u>, [como Adão que dá os []] quer dizer, aquilo que há de mais grosseiro na semiologia: o caso em que (pelo acaso dos objetos</p>

que se escolhem para ser designados) uma simples onímica no todo da semiologia, o caso em que há um terceiro elemento incontestável na associação psicológica do sema, a consciência de que ele se aplique a um ser exterior ~~que se torna~~ assaz definido nele mesmo para ~~comparar-se~~ escapar à lei geral do signo.

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f007

Acreditamos que o principal ponto a ser destacado neste trecho é como a onímica pode “escapar à lei geral do signo” (SAUSSURE, 1897)⁴⁵. Desta afirmação, podemos fazer alguns desdobramentos. O primeiro é que, por lógica, há uma lei geral do signo. O segundo é que essa lei considera os nomes próprios como algo que se lhe foge. Analisemos a lei geral dos signos.

Primeiramente, é importante lembrarmos que o termo *signo*, tal como o conhecemos no *Curso* (SAUSSURE, 1916), não está bem definido. Segundo Flores (2022), nos documentos reunidos nos *Escritos de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2002), o genebrino

usa expressões como “forma exterior”, “signos vocais”, “som”, “figura vocal”, “soma”, entre outras, para nomear aquilo que, finalmente, ficará conhecido como ‘significante’. Ele também usa expressões como “ideia”, “contrassoma”, “antissoma”, “parassoma”, entre outras para nomear aquilo que, mais adiante, ficará conhecido como “significado”. Por fim, Saussure usa expressões como “símbolo independente”, “grupo som-ideia”, “sema”, entre outras para nomear aquilo que conhecemos por “signo” (p. 98).

Além disso, Depecker (2012), em seu estudo dos manuscritos saussurianos, nos alerta que o próprio termo *signo* era bastante utilizado na época de Saussure para delimitar a palavra em seu aspecto vocal. Levando isso em consideração no contexto dessa nota, que parece tomar justamente a concepção de *signo* para a qual Depecker nos alerta, podemos pensar que essa lei geral dos signos possa ser o fato de ele não designar algo no mundo físico, haja vista que não é representação direta do pensamento, e justamente por isso, guardar em si um princípio de arbitrariedade com relação aos objetos físicos. Enquanto nossa posição se assemelha com a já defendida por Engler (1962), para quem os nomes próprios e geográficos são aqueles

⁴⁵ Para um estudo detalhado sobre os nomes próprios e seu estatuto na linguística saussuriana, veja-se o trabalho de Henriques (2021).

que “escapam ao arbitrário”⁴⁶ (p. 58) e, portanto, à lei geral dos signos, há outras visões sobre esse fenômeno, como a de Fehr (2000), para quem a “lei geral” seria o fato de os signos serem transmitidos através do tempo. Não exploraremos essa última, pois sua relação direta com casos semânticos da língua não é explícita, uma vez que privilegia o aspecto diacrônico das relações linguísticas, tal como já vimos quando analisamos o pensamento semântico em Whitney e Bréal (v. SUPRA)

O segundo ponto ao qual devemos voltar nosso olhar é o fato de que, ao afirmar que, nos casos dos nomes próprios, “há um terceiro elemento incontestável na associação psicológica do sema” (SAUSSURE, 1897), o linguista poderia admitir que, em alguns casos, a língua poderia ser utilizada para se referir a algo físico. Para Henriques (2021), entretanto, Saussure se refere, nesse caso, à consciência do falante na fala, de modo que a “onímica seria um fenômeno que ocorre no âmbito da fala, o que é pertinente se considerarmos que o apossema é o invólucro vocal do sema⁴⁷” (p.116).

Assim, se pensarmos nessa primeira sequência de notas, temos alguns pontos interessantes a considerar. Partindo do princípio que a língua, ou aquilo que se apreende dela, não representa o pensamento, Saussure rompe com uma visão contrualista da língua, que a pensa como uma relação direta entre um termo e um pensamento definido. Como consequência disso, a língua não poderá também ser nominalista, ou seja, não poderá representar os objetos do mundo, já que fazer isso seria entender as formas da língua como um conjunto de ideias pré-existentes para o mundo físico para colar-se aos objetos a que estão pré-destinadas. Disso, temos que a língua é constituída de termos arbitrários com relação às ideias que designam⁴⁸.

Além disso, o linguista genebrino admite que, mesmo havendo essa separação entre língua e pensamento, no plano da língua, para se poder explicar algo, é necessário ver aquilo que se entendia como língua (ou seja, os signos vocais) juntamente ao pensamento para que se entenda que há duas realidades diferentes em jogo e que apenas considerando essas duas grandezas em conjunto é que

⁴⁶ No trecho original, em, francês : [...] *il n’ya plus pour lui [Saussure] que les noms propres et les noms géographiques qui échappent à l’arbitraire*. Colchetes nossos.

⁴⁷ Voltaremos à discussão do apossema como invólucro vocal do sema e como unidade da fala quando analisarmos detidamente os termos empregados por Saussure em seu empreendimento para delimitar uma unidade da linguística.

⁴⁸ Também consideramos importante ressaltar a importância desse salto teórico. Para Flores (2022), “a recusa da língua como nomenclatura [...] tem a função de estabelecer a base para a formulação da arbitrariedade do signo linguístico, uma das noções mais fundamentais de Saussure” (pp. 93-94)

podemos ter um objeto, de fato, analisável dentro da realidade do que ele considera como língua. A união de tais grandezas (“a palavra e o sentido ou o signo e o sentido”, nas palavras de Saussure), em teoria, designariam toda uma lei geral dos termos da língua. No entanto, haveria certos elementos – os nomes próprios – que escapariam a essa lei, por invocarem também um terceiro elemento, exterior, para figurar psicologicamente a essas grandezas.


Por fim, pensamos haver um elemento que une essas discussões: o sentido. Seja em sua concepção como o pensamento ou como o lado psíquico da língua, o sentido parece estar no cerne das notas de Ferdinand de Saussure, haja vista que acreditamos ser a sua existência em termo lato ou sua ausência na consideração de análises da língua que mobilizam algumas das análises que empreendemos de suas notas manuscritas. Vejamos, pois, se essas noções aparecem em outras notas do manuscrito que analisamos.

3.1.2. A proposição e as partes do discurso na lógica e na linguística

Nos estudos lógico-filosóficos, o termo proposição designa, de maneira geral, um enunciado declarativo ou aquilo que é por ele declarado. Essa doutrina, formulada pela primeira vez por Aristóteles (cf. ABBAGNANO, 2007), é considerada como uma expressão do pensamento, podendo ser julgada como verdadeira ou falsa. Para o filósofo grego, isso poderia se dar pela análise da categoria dos nomes e dos verbos (ARISTÓTELES, s/d). Na Idade Média, no entanto, Tomás de Aquino amplia a discussão da verdade ou falsidade da proposição para o sujeito, entendendo que a verdade ou a falsidade estão no intelecto do indivíduo que a profere (AQUINO *apud* ABBAGNANO, 2007). Essas duas posições concebem a proposição linguística como uma externalização direta do pensamento.

Já nos estudos linguísticos, a palavra proposição foi tomada de empréstimo da filosofia, com o objetivo de descrever, como muitos outros termos, “as unidades da língua, na passagem da sintaxe ao texto” (SILVA, 2019:131). É considerando esses contextos que lemos o pensamento de Saussure a esse respeito:

QUADRO 8 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

	<p><u>Item</u> Dans la proposition tout se 1^o réduit au sujet et au prédicat, et 3^o à ce que j'appelle la conjonction. [Vocatifs à réserver.]</p> <p>Mais le sujet et le prédicat n'ont rien à voir avec les "parties du discours, distinguées sur un autre principe."</p> <p>a.) Le sujet peut être un substantif, ou un pronom, ou un adjectif, ou un nom de nombre comme immédiate évidence. - Mais de même un verbe (infinitif), car voy. + bas pourquoi l'infinitif ne change pas la nature du verbe.</p> <p>b.) Prédicat peut être également tout cela.</p> <p>c. Conjonction peut être "conjonction" ou adverbe</p> <p> On peut imaginer une langue qui, aussitôt qu'un adjectif serait sujet lui octroyerait une forme particulière. Cela ne changerait rien aux choses logiques. Et c'est pourquoi de même il n'y a rien de particulier au fait que λέγομεν ne puisse pas être sujet. Il suffit que λέγειν puisse l'être. En parlant nègre nous avons nous dire pour λέγομεν, et dire mauvais pour λέγειν κακόν.</p>
Item	<p>Na proposição tudo se reduz ao sujeito e ao predicado, e 3º àquilo que eu creio à conjunção. [vocativos à parte]</p> <p>Mas o sujeito e o predicado não têm nada a ver com as "partes do discurso, distintas por um outro princípio."</p> <p>a) O sujeito pode ser um substantivo, ou um pronome, ou um adjetivo, ou um numeral como evidência imediata. - Mas da mesma forma um verbo (infinitivo), já que ver. + abaixo o por que do infinitivo não mudar a natureza do verbo.</p> <p>b) Predicado pode ser igualmente todos esses:</p> <p>c) Conjunção pode ser "conjunção" ou advérbio.</p> <p>{desenho} Pode-se imaginar uma língua que, quando um adjetivo lhe fosse sujeito, ocorrer-lhe-ia uma forma particular. Isso não mudaria nada as coisas lógicas. É por isso que, da mesma maneira, não há nada de particular no fato de que λέγομεν não possa ser sujeito. É suficiente que λέγειν possa sê-lo. Grosso modo, nós temos <u>nós dizer</u> para λέγομεν, e <u>falar mal</u> para λέγειν κακόν.</p>

Aqui, vemos algumas considerações de Saussure sobre a proposição. Ao escrever que tudo se remete ao sujeito e ao predicado, vemos ressoar, na escrita do genebrino, a filosofia aristotélica sobre a composição da proposição: sujeito e predicado, nome e verbo. O linguista, entretanto, vai além disso, adicionando elementos importantes a ela, como os vocativos e as conjunções, considerados como termos alheios à proposição propriamente dita. Além disso, e este é o ponto inicial de nossa análise deste *Item*, o genebrino afirma: “o sujeito e o predicado não têm nada a ver com as ‘partes do discurso, distintas por um outro princípio.’” (SAUSSURE, 1897)

À primeira vista, Saussure parece querer separar as funções sintáticas das classificações morfológicas das palavras. Isso é corroborado pelo fato de ele apontar que diversas classes gramaticais podem exercer diferentes funções dentro da proposição. Se considerarmos isso em conjunto àquilo posto pelo suíço após o desenho de uma mão, ou seja, de que alguns termos não precisariam assumir formas morfológicas distintas ao assumirem posições sintáticas diferentes e que isso não influenciaria o funcionamento da língua e que, nas línguas, basta que uma forma ocupe determinada posição, podemos ver um esboço da teoria saussuriana do valor linguístico. Explicamo-nos.

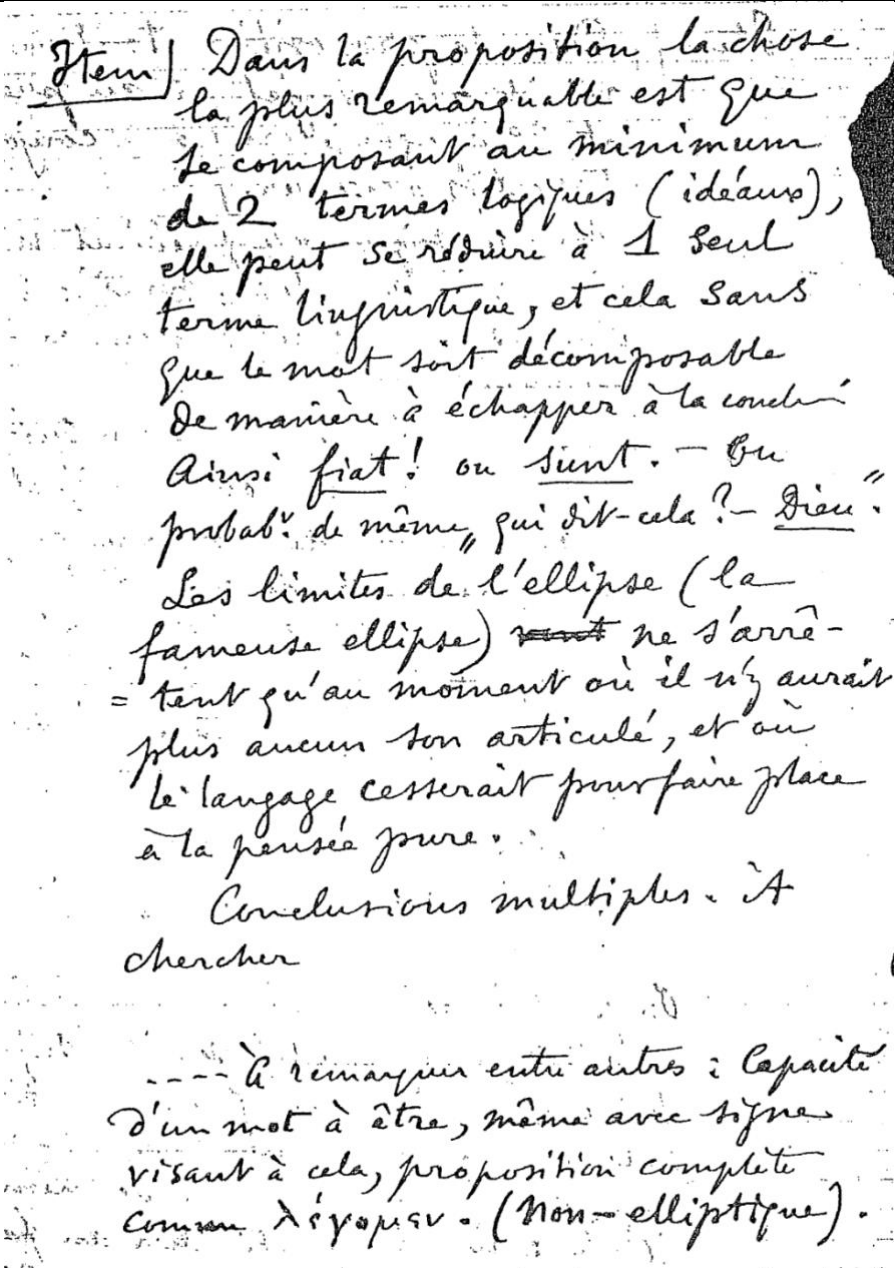
Em essência, o valor de um signo é definido pela sua posição dentro de uma rede de termos opostos e contrastantes. É um produto das relações, diferenças e oposições entre os signos linguísticos dentro de um sistema, e não apenas de sua significação positiva. O valor de um signo, vemos no Curso, é determinado pelo que ele não é (SAUSSURE, 1916:162)— ou seja, pelas outras palavras com as quais ele contrasta no sistema. Pensando no exemplo dado por Saussure, o que importa não é necessariamente a morfossintaxe da palavra e sim o lugar que ela ocupa na frase, assumindo um papel determinado pelo contraste como os outros elementos que com ela interagem.

Por outro lado, se considerarmos a proposição meramente como um fenômeno lógico e veritativo, podemos interpretar aquilo que Saussure coloca como uma separação dos fatos lógico-psíquicos dos fatos linguísticos. Ou seja, se nesse caso, Saussure tomar a proposição em toda sua concepção filosófica, ele a verá como algo representante direta do pensamento. Nesse sentido, se nela “tudo se reduz ao sujeito e ao predicado” (SAUSSURE, 1897), esses termos poderiam corresponder à categorias do pensamento. Por analogia, dizer que elas “não têm nada a ver com as

partes do discurso" (SAUSSURE, 1897) poderia ser um esforço de separar as realidades da língua (as palavras, as partes do discurso), de sua realização no pensamento (o sujeito e o predicado).

Ainda sobre as relações psíquicas e linguísticas na proposição, Saussure escreve que

QUADRO 9 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

 <p>Item] Dans la proposition la chose la plus remarquable est que le composant au minimum de 2 termes logiques (idéaux), elle peut se réduire à 1 seul terme linguistique, et cela sans que le mot soit décomposable de manière à échapper à la conclusion. Ainsi <u>fiat!</u> ou <u>sunt.</u> – Ou probab^l de même, qui dit cela? – <u>Dieu</u>. Les limites de l'ellipse (la fameuse ellipse) ne ne s'arrêtent qu'au moment où il n'y aurait plus aucun son articulé, et où le langage cesserait pour faire place à la pensée pure.</p> <p>Conclusions multiples. À chercher</p> <p>--- à remarquer entre autres : Capacité d'un mot à être, même avec signe visant à cela, proposition complète comme $\lambda \epsilon \gamma \omega \sigma \nu$. (Non-elliptique).</p>	<p>Item Na proposição, a coisa mais notável é, sendo composta por dois termos lógicos (ideais), ela pode se reduzir a um só termo linguístico, e isso sem que a palavra seja decomponível de maneira a fugir da conclu[são?]. Assim, <u>fiat!</u> ou <u>sunt.</u> – Ou provavelmente, da mesma maneira, “quem diz isso? <u>Deus</u>”. Os limites da elipse (a famosa elipse) vão não param no momento em que não haja mais som articulado algum, e onde a linguagem cessaria a fim de dar lugar ao pensamento puro.</p>
--	--

Várias conclusões. Pesquisar.

----- Assinalar, entre outros: a capacidade de uma palavra de ser, mesmo com signo que vise a isso, uma proposição completa como λέγομεν = (não-elíptica).

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f001v

Aqui, notamos mais uma vez a negação da total correspondência entre língua e pensamento, desta vez, exemplificado por proposições em que ocorre a elipse. Segundo Saussure, pela elipse aparecer justamente onde não há forma (“no momento onde não haja mais som articulado algum”), a linguagem daria “lugar ao pensamento puro” (SAUSSURE, 1897). No entanto, isso parece inconcebível, como veremos no estudo mais detalhado que o genebrino faz desse fenômeno.

3.1.3. A Elipse o Excesso de Valor da/na Língua

QUADRO 10 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

	<p><i>Item</i> Le seul mot d'ellipse a un sens qui devrait faire réfléchir. Un tel terme paraît supposer que nous savons initialement de combien de termes devrait se composer la phrase, et que nous y comparons les termes dont, en fait elle se compose, pour constater les déficits. Mais si un terme est indéfiniment extensible dans son sens, on voit que le compte que nous croyons établir entre n idées et n termes est d'une vérité absolue, en même temps que d'un arbitraire absolu. Et si, quitte la phrase particulière, nous raisonnons en général, on verra probab. très vite que rien de tout n'est ellipse, par le simple fait que les signes du langage sont toujours adéquats à ce qu'ils ex- priment, — quitte à reconnaître que tel mot ou tel tour exprime plus qu'on ne croyait.) L'ellipse n'est autre chose que le surplus de valeur</p> <p>Réciproquement il n'y aurait pas un seul mot douté de sens sans ellipse, mais dès lors pourquoi parler d'ellipse (comme Bréal) comme s'il y avait une norme quelconque au-dessus de laquelle les mots sont elliptiques. Ils le sont sans aucune interruption ou sans aucune approximation exacte, précise du</p>
Item	<p>A simples palavra <u>elipse</u> tem um sentido que deveria fazer refletir. Tal termo parece supor que nós sabemos inicialmente a quantidade de termos que <u>deveria</u> compor a frase, e que nós comparamos a estes os termos dos quais, de fato, ela se compõe a fim de constatar os déficits. Mas se um termo é indefinidamente extensível em seu sentido, vê-se que a conta que cremos estabelecer entre <u>n</u> ideias</p>

e n termos é de uma infantilidade absoluta, ao mesmo tempo que de uma arbitrariedade absoluta. E se evitando a frase particular, nós raciocinássemos no geral, veríamos, provavelmente muito rápido que nada é elipse, pelo simples fato de os signos da linguagem serem sempre adequados àquilo que eles exprimem, - arriscando-se a reconhecer que tal palavra ou tal evasão exprimem mais do que se acreditava. [Reciprocamente, não existiria uma só palavra dotada de sentido sem elipse, mas então por que falar de elipse (como Bréal) como se houvesse uma regra qualquer para a qual as palavras sejam elipses. Elas o são sem qualquer interrupção ou sem qualquer apreciação exata possível do []] A elipse não é outra coisa senão excesso de valor.

Reciprocamente, não existiria uma só palavra dotada de sentido sem elipse, mas então por que falar de elipse (como Bréal) como se houvesse uma regra qualquer para a qual as palavras sejam elipses. Elas o são sem qualquer interrupção ou sem qualquer apreciação exata possível do []

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f002

Neste *Item*, como vimos em um trecho anteriormente, Saussure posiciona-se contra a noção de que a língua representaria o pensamento. Para justificar sua análise, o genebrino toma o exemplo do fenômeno sintático-semântico elipse, que consiste na omissão de um ou mais termos de uma oração por questões de estilo ou para se evitar a repetição de tais elementos apenas para se cumprir requisitos da sintaxe de uma língua.

Se reanализarmos a afirmação “a conta que cremos estabelecer entre n ideias e n termos é de uma infantilidade absoluta, ao mesmo tempo que de uma arbitrariedade absoluta” (SAUSSURE, 1897) sob a luz do fenômeno da elipse...

Também nesse sentido, o pai da linguística afirma que “um termo é indefinidamente extensível em seu sentido” (SAUSSURE, 1987). Além de essa assertiva nos trazer um dos argumentos saussurianos contra a associação insensata entre língua e pensamento, ela nos mostra algo particular: a associação de um fenômeno estritamente linguístico - um termo -, à noção de sentido. Assim, aqui é possível ver uma reflexão diretamente entre um fato linguístico, sintático, e o sentido que permeia a língua. Explicamos: ao se colocar contra o próprio nome do fenômeno sintático *elipse*, já que este pressupõe uma falta e pressupor tal implica pensar que existe uma equivalência entre forma, sentido e pensamento em termos numéricos dentro de uma proposição qualquer, Saussure propõe que se reflita sobre a língua como um todo, afirmando que as formas linguísticas (assim como sua falta) “são sempre adequad[a]s àquilo que exprimem” (idem, ibidem). Nesse sentido, Saussure propõe, ainda que indiretamente, a junção da análise linguística de elementos concretos da língua (os termos e sua organização em uma proposição) com aquilo

que está em ausência no contínuo linguístico, mas que perpassa e organiza a trama linguística: o sentido.

Devido a isso, mencionar o autor do *Ensaio de Semântica* em “mas então por que falar de elipse (como Bréal)” (SAUSSURE, 1897), não nos parece gratuito. Cabe uma nota sobre tal menção, no entanto: um dos indícios utilizados para datar o manuscrito *Notes Item* entre os anos 1897 e 1890 foi a citação à obra de Bréal. A obra publicada em primeira edição em tal data, o *Ensaio de Semântica* (BREAL, 1897), entretanto, pouco menciona a elipse, já que ao varrermos a obra a procura do termo, vêmo-lo em apenas oito ocorrências, sendo que nenhuma delas retoma explicação ou teorização sobre o tal fenômeno. Por outro lado, como vimos no primeiro capítulo desta tese, obra bréalina *Les Idées Latentes du Langage* (BREAL, 1868), teoriza sobre como é natural das línguas e do pensamento humano preencherem lacunas deixadas por formas linguísticas que se modificam com o tempo. A isso, Bréal (1868:09) chama *elipses internas*, ou ainda, ideias latentes da língua.

Nesse sentido, acreditamos fazer mais sentido que Saussure, ao mencionar Bréal, refira-se à sua obra de 1868 e não à de 1897, já que nesta não apenas sua interpretação de elipse interna é discutida, mas também devido à maneira como ela funciona, como uma sintaxe interna que regularia as mudanças das formas e do significado dos elementos da língua no tempo. A crítica de Saussure a esse pensamento dá-se justamente aqui. Ao se perguntar do porquê de se “falar de elipse (como Bréal) como se houvesse uma regra qualquer para a qual as palavras sejam elipses” e que explicar que “elas o são sem qualquer interrupção ou sem qualquer apreciação exata possível do []” (SAUSSURE, op. cit.), o genebrino parece entender o pensamento de Bréal no que há elementos internos à língua que causam o fenômeno, mas critica o fato de que possa haver uma regra específica que os explique, já que isso seria, mais uma vez delimitar uma forma linguística a uma forma única de pensamento ou, em última análise, dizer que uma forma tem um e apenas um sentido. É em vista disso que acreditamos que Saussure afirme que “a elipse não é senão excesso de valor” (idem, ibidem).

Vejamos: se, para além da definição gramatical de elipse e do pensamento bréalino de ideias latentes à língua, considerarmos a elipse como uma falta de signo (aqui na acepção de forma da cadeia falada), podemos intuir, sob a luz da noção de valor saussuriana (SAUSSURE, 1916), de que há elipses constitutivas na seleção pelo sistema de uma forma em detrimento de outra em uma concepção vertical da

língua. Dessa forma, ao tornar flagrante a elipse como uma evidência d“o excesso de valor” da língua, Saussure aponta que o valor, no sistema linguístico, é essa falta constituinte da própria língua, que horizontalmente pode apagar uma forma (mas não seu sentido), e verticalmente as apaga de forma natural para que seja possível a própria cadeia proposicional. Mais do que isso, ao afirmar que “não existiria uma só palavra dotada de sentido sem elipse” (SAUSSURE, 1897), o linguista suíço adianta sua perspectiva de que na língua não existem mais do diferenças (SAUSSURE, 1916) e, principalmente, de que são essas diferenças que constituem o sentido em seu sistema.

3.1.4. A mudança analógica

Pensada inicialmente pelos gramáticos gregos como o fato que demonstra o caráter de regularidade atribuído à língua (DUBOIS et al, 2006) e, mais contemporaneamente a Saussure, pelos Neogramáticos como uma explicação para as excessões das leis fonéticas, a analogia caracteriza-se como um fenômeno que explicaria a replicação de fonemas e morfemas de uma língua a fim de formar palavras semelhantes a ela. Mais do que isso, essa maneira de a língua funcionar seria responsável pelos processos criativos da língua, já que, como “condição primordial de toda a linguagem” (BRÉAL, 1897), ela permitiria a compreensão mútua entre os falantes de uma língua, tornando, também possível o aprendizado de uma língua por parte das crianças (idem, ibidem). É com base nesses pensamentos, correntes em sua época, que Saussure explora a mudança analógica em seus cursos de Linguística Geral na Universidade de Genebra.

No *Curso* (SAUSSURE, 1916), a noção de mudança analógica é discutida no contexto da evolução linguística, destacando como a língua muda com base em processos mentais de simplificação e regularização. Saussure explica que a mudança analógica ocorre quando formas linguísticas são alteradas para se alinharem a padrões mais regulares, muitas vezes devido à tendência humana de buscar uniformidade e simplificação nos sistemas linguísticos. Essa mudança não segue necessariamente causas fonéticas ou históricas diretas, mas surge da influência de uma forma ou estrutura já existente sobre outra.

Por exemplo, um verbo irregular pode ser regularizado com base em padrões dominantes de conjugação. Esse tipo de mudança reflete o caráter social e

sistemático da língua, reforçando a ideia de que o sistema linguístico é moldado tanto por tendências internas quanto pelas práticas coletivas dos falantes. Em suma, a mudança analógica demonstra como a linguagem não é estática, mas sim dinâmica, regulada por tendências tanto estruturais quanto psicológicas.

Ainda sobre a analogia, Saussure escreve que

QUADRO 11 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

(um parasema)	<p>Item] Faire ^{de} attention que dans le changement analogique il n'y a pas changement de l'aposeme d'aposeme. Le paradoxe s'éclaire déjà si au lieu de dire "changement d'aposeme" on dit changement de l'aposeme d'un mot, ou de l'aposeme d'un <u>seme</u>. On crée un autre <u>seme</u> (lequel a naturellement de son côté un aposeme). Il n'y a pas changement d'une partie du 1^{er} seme. Le changement est entièrement dans le domaine des <u>semes</u>. Il est entièrement guidé par le sens.</p> <p>C'est une création parasémique. De même qu'il y a des influences parasémiques et des conservations parasémiques.</p> <p>Mais une difficulté sera de démarquer la création et l'influence parasémique, qui peut changer complètement le sens d'un <u>seme</u>, sans que nous reconnaissons que c'est un autre <u>seme</u>. Or quand la "forme" change, nous disons formellement que c'est un autre <u>seme</u>. Cette différence est-elle justifiée?</p> <p style="text-align: right;">108</p>
(um parasema)	<p>Item – Prestar muita atenção para o fato de que na mudança analógica não há mudança <u>de apossema de apossema</u>. O paradoxo fica claro já se, em vez de dizermos "mudança de apossema", dissermos "mudança do apossema <u>de uma palavra</u> ou do apossema <u>de um seme</u>". Criamos um outro seme (o qual tem naturalmente a seu lado um apossema). Não há mudança <u>de uma parte</u> do 1.º seme. A mudança é inteiramente no campo dos <u>semes</u>. Ela é inteiramente guiada pelo sentido.</p> <p>É uma criação parassêmica. Da mesma forma que há influências parassêmicas e conservações parassêmicas.</p> <p>Mas uma dificuldade será demarcar a <u>criação</u> e a <u>influência</u> parassêmica, que pode mudar completamente o sentido de um <u>sema</u>, sem que reconheçamos que é um outro <u>sema</u>. Ou quando a "forma" muda, dizemos formalmente que é um outro <u>sema</u>. Essa diferença se justifica?</p>

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f011v

Antes de discutirmos propriamente o trecho acima, talvez seja importante esclarecer, mesmo que brevemente, algum dos termos utilizados por Saussure nesse

Item. Nesse sentido, os termos que aqui aparecem são *sema*, *parasema*, e *apossema*. Conforme veremos em detalhe no próximo capítulo desta tese, *sema* refere-se àquilo que o mestre genebrino chamará de signo linguístico, enquanto *parasema* corresponde às relações de um signo linguístico com outro, especialmente naquilo que no *Curso* é chamado de eixo associativo da língua. Já o *apossema* pode ser visto ou como a parte sonora do signo linguístico, ou em interpretações mais detidas do termo⁴⁹, como uma unidade da fala. Guardemos isso em mente para a discussão que segue.

Em primeiro lugar, analisemos a afirmação do linguista ao dizer que o fato analógico não consiste na mudança de um *apossema*. Se considerarmos o *apossema* como a parte acústica do *sema* (signo linguístico), podemos ler essa assertiva como uma negação a uma simples mudança fonética de uma palavra no tempo. Ora, isso dialoga com a linguística feita pelos neogramáticos, que consideravam esse fenômeno linguístico como uma explicação às excessões de suas leis fonéticas. Em outras palavras, os contemporâneos de Saussure, ao considerar as regras que regiam os sons na evolução de um estado de língua a outro, consideravam como analógicas as palavras que fugiam a tais princípios, sendo elas um simples ato de criatividade por parte do falante que perduraram no tempo, mas que, ao fim e ao cabo, tratavam-se da mesma palavra, apenas com uma forma fonética diferente. O mestre genebrino, entretanto, coloca-se contra essa posição, afirmando que a mudança se dá no *sema* todo, que a “mudança é inteiramente no campo dos *semas*” (SAUSSURE, 1897), ou seja, que um outro signo diferente do primeiro é criado.

No entanto, se lemos aqui *apossema* da maneira como defende Mejía (1999), isto é, como uma unidade da fala, podemos ampliar nossa análise para algo além do que acabamos de discutir. Nesse sentido, podemos retomar a afirmação de Saussure como algo que nos diz que, embora se origine na fala, a mudança analógica não se restringe a ela, de modo que não se muda “o *apossema* de uma palavra” (SAUSSURE, 1897), ou seja, não se muda aquilo que foi enunciado, deixado de individual de uma palavra em determinado tempo⁵⁰, mas, sim, há o surgimento de uma nova palavra (*sema*, *signo*). Levando em consideração o que afirma Castro

⁴⁹ Sobre isso, veja-se, por exemplo, o instigante trabalho de Mejía (1999) e nossa discussão no item 4.2.2 desta tese.

⁵⁰ Voltaremos a essa discussão quando virmos, no próximo capítulo desta tese, a definição saussuriana de *apossema* como “cadaver de *sema*” (SAUSSURE, 1897).

(2019), de que “a oposição entre língua e fala na abordagem do fenômeno da analogia lança luz sobre o falante, enquanto sujeito da fala e sujeito da língua” (p.820), podemos entender que é justamente na fala que a analogia nasce, de modo que é o sujeito falante que a cria com base naquilo que a língua lhe oferece. É nesse sentido que, no CLG (SAUSSURE, 1916), temos a afirmação de que “tudo é gramatical na analogia; acrescentamos, porém, imediatamente, que a criação, que lhe constitui o fim, só pode pertencer, de começo, à fala”⁵¹ (pp.226-7). Em outras palavras: o fenômeno analógico se coloca no limiar da fala e da língua⁵², por, respectivamente, tomar como base um *apossema*, mas não sua mudança e por resultar na criação de um novo *sema*.

Outro ponto importante a ser ressaltado nesse trecho é a asserção de que a analogia resulta de uma criação parassêmica. Ora, se como colocamos anteriormente, um parassema é um signo linguístico em relação a outro, poder-se-ia dizer que que a *criação analógica*, como uma *criação parassêmica*, coloca um novo signo (*sema*), dentro do sistema linguístico, não substituindo aquele que toma como base. Dito de outra maneira, há a criação de um novo signo linguístico no sistema da língua e esse signo coloca-se como uma opção no *eixo vertical da língua* – aquele das relações associativas –, para o uso por parte da massa falante, que, eventualmente, elegerá um signo ou outro. Isso se confirma nas anotações de Redlinger do primeiro curso de Linguística Geral ministrado por Saussure na Universidade de Genebra. Em seus cadernos consta que “toda movimentação analógica implica também a movimentação das diferenças”⁵³ (SAUSSURE, 1907:67). Ou seja: se, como sabemos da teoria saussuriana, o sistema da língua é composto de diferenças (SAUSSURE, 1916), colocá-las em movimentação significa, entre outras coisas, criar uma forma concorrente no plano das associações, de modo que a forma criada por analogia poderá, ou não, efetivar-se em tal sistema.

Todas essas questões se alinham quando consideramos que “a mudança [...] é inteiramente guiada pelo sentido” (SAUSSURE, 1897). Analisemos essa afirmação por partes. Primeiramente, a mudança analógica é guiada pelo sentido jutamente por

⁵¹ No original, em francês: [...] *tout est grammatical dans l'analogie ; mais ajoutons toute de suite que la création qui en est l'aboutissement ne peut appartenir d'abord qu'à la parole.*

⁵² Esta também é a conclusão a que chegamos Castro (2019), Silva (2019), entre outros estudiosos desse fenômeno, embora adotem outros meios de análise.

⁵³ No original, em francês: *Tout rapprochement des analogies implique aussi le rapport des différences.*

não consistir em uma mudança apossêmica e, sim, na criação de um novo sema, ou seja, o que importa para Saussure é a união de um sentido a uma forma e não simplesmente a mudança de uma forma no interior da língua. Depois, se pensarmos na analogia como uma criação parassêmica, teremos também o sentido como regulador dessa operação linguística, haja vista que no rol dos semas possíveis para referir-se a algo, aquele que poderá, de fato, entrar no sistema da língua, será aquele que fará mais sentido à massa falante. Além disso, a operação é parassêmica a partir do momento em que propõe um novo signo a partir das relações já existentes em outros signos da língua. Essas proposituras, entretanto, não são aleatórias (são guiadas pelo sentido!): na formação “imexível”, por exemplo, atribui-se o prefixo i(m)-, já existente na língua, e com valor negativo, a um adjetivo, seguindo o esquema já existente *praticável* : *impraticável* – *mexível* : x. Vê-se, portanto, a presença de “mecanismos semânticos” (cf. BOUQUET, 1997:139) no funcionamento da mudança analógica.

Um último ponto a se condierar nesse trecho do manuscrito é a indagação saussuriana sobre a dificuldade e a justificativa de se diferenciarem, no seio da língua, aquilo que é da ordem da criação ou da influência parassêmica. Em outras palavras, o linguista interroga-se sobre a maneira de diferenciar os semas que nasceram de um quadro analógico daqueles que já existem, em relação, aos outros, na língua, haja vista poder haver mudança de sentido de um sema sem que se lho reconheça. A indagação final do genebrino, entretanto, parece responder a essa questão, ressaltando a real importância de pensar sobre isso, já que, considerá-lo seria cogitar estados de língua em tempos diferentes e, segundo o próprio Saussure, isso não faria sentido, já que “uma língua qualquer, em um momento qualquer, não é outra coisa senão um vasto emaranhado de formações analógicas, algumas absolutamente recentes, outras remontando tão longe que podemos apenas adivinhá-las⁵⁴” (SAUSSURE, 2002:161).

⁵⁴ Esta citação provém das notas de Saussure para a *Segunda Conferência na Universidade de Genebra*, ocorrida em 1891.

3.1.5. A Sinonímia

Outro fenômeno semântico que é tratado, desta vez *en passant*, por Saussure em suas *Notas Item* é a sinonímia. Tal fato pode ser definido tradicionalmente como a possibilidade que dois ou mais termos têm de se substituírem em enunciados isolados ou em todos os contextos, podendo isso ocorrer com unidades linguísticas maiores, como frases (DUBOIS et al, 2006). No entanto, ao olharmos os pensamentos manuscritos pelo mestre genebrino, notamos uma visão um tanto quanto diferente dessa concepção.

Embora no *Curso* (SAUSSURE, 1916) não encontremos passagem que se dedique estritamente à análise da sinonímia, na sessão *La Valeur Linguistique*, defrontamo-nos com a afirmação de que “no interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem ideias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como temer, recear, ter medo não têm valor próprio a não ser pela sua oposição”⁵⁵ (p.160). Aqui encontramos uma primeira acepção possível para a sinonímia dentro dos trabalhos saussurianos, que é aquela mais próximo da definição clássica que conhecemos (ver SUPRA). Essa posição é corroborada por Willems (2021), professor da Universidade de Ghent, da Bélgica, para quem, apesar do genebrino enfatizar a papel do valor linguístico e da oposição, nesse trecho, “a sinonímia representa [...] a semelhança semântica (quase sinonímia ou ‘plesionímia’) de diferentes palavras que mantêm relações de significado ‘associativas’ no que pode ser referido (usando um termo posterior) como um campo semântico particular.”⁵⁶ (WILLEMS, 2021:119).

Quando lemos, porém, a continuidade do texto do *Curso*, vemos que Saussure vai além dessa primeira definição vista por Willems⁵⁷, insistindo no papel do valor linguístico nesse fenômeno. Ainda para o genebrino,

há termos que são enriquecidos pelo contato com outros; por exemplo, o novo elemento introduzido em *décrépito* (“um velho *décrépito*” [...]) resulta da coexistência de *décrépito* (“uma

⁵⁵ No original, em francês: *Dans l'intérieur d'une même langue, tous les mots qui expriment des idées voisines se limitent réciproquement : des synonymes comme redouter, craindre, avoir peur n'ont de valeur propre que par leur opposition.* (grifos do autor)

⁵⁶ No original, em inglês: *Synonymie thus stands for the semantic similarity (near-synonymy or “plesionymy”) of different words that entertain “associative” meaning relations in what can be referred to (using a later term) as a particular semantic field.*

⁵⁷ Willems (2021) propõe três definições diferentes do fenômeno dentro dos trabalhos saussurianos: a que abordamos, uma que enfatiza o papel das diferenças e relações sígnicas e outra que aborda a multifuncionalidade de uma palavra.

parede décrépite”). Assim, o valor de qualquer termo é determinado por aquilo que o rodeia.⁵⁸ (SAUSSURE, 1916:160)⁵⁹

Dessa maneira, a sinonímia de um termo só poderá existir a partir dos termos que estão em relações com este. Essa é a argumentação que encontramos, primordialmente, na edição de *Da Dupla Essência da Linguagem* presente nos *Escritos de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2002). Lá, é possível confirmar o fato de que Saussure não ignora o tema da sinonímia em sua reflexão linguística. Tanto isso é verdade que encontramos o seguinte trecho, editado a partir dos documentos manuscritos pelo genebrino:

O fato primeiro e fundamental é que, não importa qual o sistema de signos que se ponha em circulação, se estabelecerá, instantaneamente, uma sinonímia, pois o contrário é impossível e equivaleria a dizer que não se atribui valores opostos a signos opostos (SAUSSURE, 2002, p. 78).

Aqui, Saussure argumenta que o fenômeno da sinonímia faz parte do sistema linguístico, mas não porque signos têm o mesmo significado, mas por se colocarem em relação em relação ao outro. Assim, o fenômeno existiria pelo fato de “um signo que existe por oposição a um outro, ou em dois ou três signos por oposição a um ou dois outros, etc.” (SAUSSURE, 2002:78) poderem se contrapor em grupos a partir do valor que lhes é atribuído na língua. Em outras palavras, a sinonímia surge não a partir de significados compartilhados pela massa falante, positivos, mas das relações de diferença entre os signos dentro do sistema. Saussure didatiza isso por meio de um exemplo: um missionário tentaria inculcar em um povo indígena a ideia de “alma” para fins de catequese. No entanto, nesse idioma, há duas ideias para tal palavra – uma correspondente a “sopro” e outra a “respiração”. Para o mestre,

a simples oposição das duas palavras, “sopro” e “respiração”, dita imperiosamente por alguma razão secreta sob qual das duas deve se colocar a nova ideia de alma, a tal ponto que, caso ele escolha, inabilmente, o primeiro termo em vez do outro, pode resultar daí os mais sérios inconvenientes para o sucesso do seu apostado lado – ora, essa razão secreta só pode ser uma

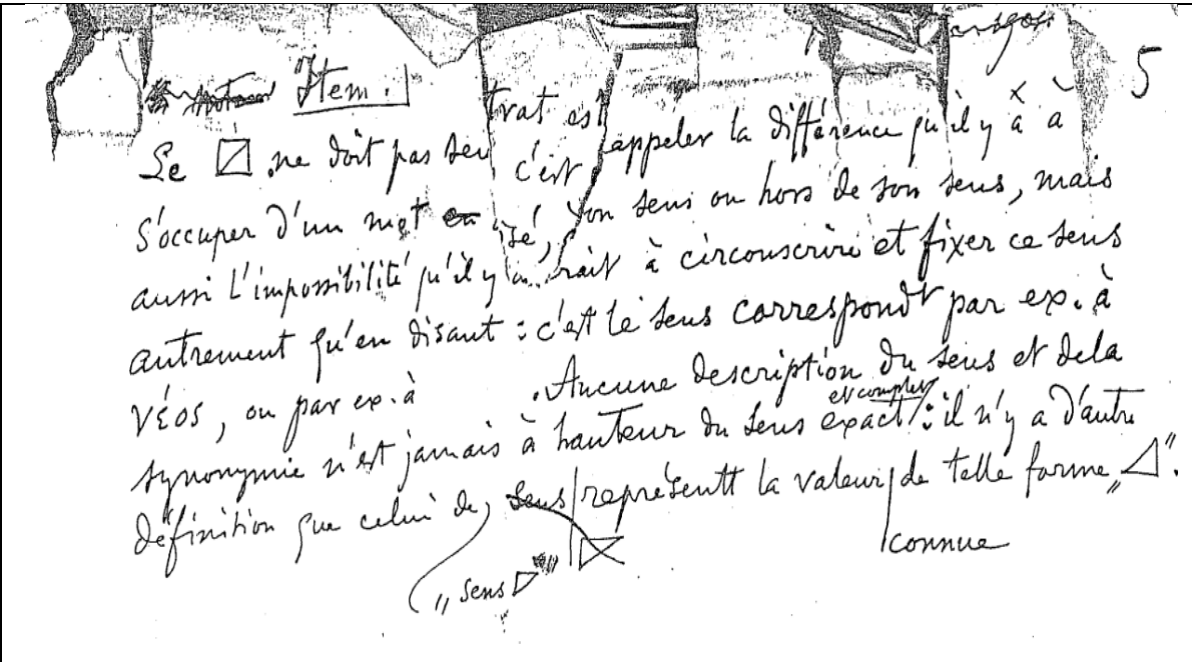
⁵⁸ No original, em francês: [...] il y a de termes qui s'enrichissent par contact avec d'autres ; par exemple, l'élément nouveau introduit dans décrepit (<< un veillard décrepit >> [...]) résulte de la coexistence de décrépi (<< un mur décrépi >>). Ainsi, la valeur de n'importe quel terme est déterminé par ce que l'entoure.>>

⁵⁹ O exemplo de Saussure se perde na tradução para o português, já que na língua francesa, a associação de sentidos se dá na comparação de uma pessoa decrépita, ou seja, senil, e uma parede sem reboco (crépi, em francês, significa reboco ou as sujidades dele decorrentes). Assim, quando Saussure afirma que « o valor de qualquer termo é determinado por aquilo que o rodeia », ele se refere, no exemplo, a essa mudança de significado dos termos dé-crépi (verbo) e décrepit (adjetivo).

razão negativa, já que a ideia positiva de alma escaparia totalmente, de antemão, à inteligência e ao sentido do povo em questão (idem, ibidem).

Ou seja, mesmo “sinônimas” dentro de um contexto mais amplo, é a oposição entre as formas que lhes permitem uma significação aproximada, o que dialoga de perto com o princípio do sistema de valores saussuriano. Nas palavras de Lima e Melo (2019), esse diálogo leva Saussure a compreender os fatos de sinonímia “servindo-se de um arcabouço através do qual buscou entender a estrutura e o funcionamento linguístico enquanto fenômeno semiológico.” (p.66). Vejamos se aquilo que encontramos no manuscrito *Notes Item* assemelha-se a essas posições já colocadas.

QUADRO 12 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

 <p>The image shows a handwritten manuscript snippet from Saussure's 'Notes Item'. The text is written in French and discusses the relationship between a word and its meaning, specifically focusing on the impossibility of fully capturing the meaning of a word through a definition or synonymy. The handwriting is cursive and somewhat messy, with some corrections and annotations. A small square symbol is drawn next to the word 'Se'.</p>	<p>Item</p> <p>O {desenho} não deve [apenas?] [lembrar?] a diferença que existe em lidar com uma palavra em [???] [seu?] sentido ou fora de seu sentido, mas também a impossibilidade que [haveria?] de circunscrever e fixar esse sentido de maneira que não fosse dizendo: “é o sentido correspondente, por exemplo, a $\gamma\epsilon\omicron\varsigma$, ou, por exemplo, a []. Nenhuma descrição do sentido e da sinonímia jamais está à altura do sentido exato^e ^{competo}: não há outra definição que aquela de “sentido {desenho} sentido {desenho} que represente o valor conhecido de dada forma” {desenho}</p>
--	---

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f005

Nesse trecho, temos uma afirmação categórica de Saussure: “nenhuma descrição do sentido e da sinonímia jamais estará à altura do sentido exato e completo”. (SAUSSURE, 1897). O primeiro pressuposto dessa sentença é de que há

descrições do sentido e da sinonímia, mas que elas serão sempre incompletas. O segundo tem função de justificar o primeiro - existem sentidos exatos e completos. Vejamos isso em mais detalhe.

Ao afirmar que as descrições do sentido e da sinonímia jamais poderiam ser completas, Saussure coloca-se no plano dos valores da língua. Ora, se não há “definição que não seja a do sentido que represente do conhecido de uma dada forma” (SAUSSURE, 1897), o genebrino diz que as relações de sentido apenas se darão no jogo entre valores linguísticos, não podendo ser dados de antemão por um sentido “completo”, de cunho meramente psicológico. Assim, podemos inferir que a sinonímia de uma dada unidade linguística só se dá em determinado contexto se as oposições entre os elementos do sistema linguístico em seus eixos associativo e sintagmático assim permitissem. Isso confirma, de certa forma aquilo colocado em outras obras saussurianas: a sinonímia pode existir, mas ela só se dá por oposição dentro de um sistema linguístico. E mais: o fato de ela poder existir apenas por oposição confirma o fato de os signos serem entidades negativas e que não significam senão por contraste com outro signo, não existindo um signo ou uma significação completa ou que preexista ao sistema da língua.

Isso nos faz, entretanto, olhar para outra questão levantada pelo genebrino: a possível existência de um “sentido completo” na língua. Ao representar as palavras no trecho acima como uma união de duas formas triangulares, Saussure separa, em cada uma delas, o sentido (“sens”) e a forma (“forme”). Ora, se o sentido é apenas uma das entidades que constituem as palavras, a existência de um sentido “completo” não poderia existir, haja vista que, para significar, este deveria estar ligado a uma forma, conforme veremos mais explicitamente no próximo capítulo de nossa tese. Mais do que isso, no caso da sinonímia, podemos inferir que apenas uma noção psicológica semelhante entre unidades da língua não seriam o suficiente para explicar tal fenômeno, visto que um sentido sempre estará, na concepção saussuriana, ligado a uma forma.

3.2 Fenômenos semânticos em *Notes Item*

Neste capítulo, mergulhamos, de fato, nas anotações manuscritas de Ferdinand de Saussure do manuscrito *Notes Item* (SAUSSURE, 1897), explorando suas reflexões sobre a relação entre língua e pensamento, a natureza da proposição

e fenômenos semânticos como a elipse, a mudança analógica e a sinonímia e como suas análises podem nos mostrar o lugar que o sentido ocupa em suas notas.

Primeiramente, observamos como Saussure refuta a noção simplista de que a língua espelha diretamente o pensamento. Para ele, a língua não é um mero sistema de nomenclatura, já que os termos linguísticos são inerentemente extensíveis em seu significado, o que contradiz a ideia de uma correspondência direta entre pensamento e expressão linguística. Quando olhamos para a proposição, vimos uma extensão dessa análise, especialmente no que tange ao valor que um elemento pode ou não assumir em determinada posição dela.

Quando voltamos nossa análise para a elipse, exploramos a noção de "excesso de valor" na língua. Para Saussure, a elipse não representa uma falha, mas sim, uma consequência da natureza multifacetada dos signos linguísticos e de suas relações entre si. Dessa maneira, pudemos destacar que, para Saussure, a capacidade de um termo linguístico – ou nenhum – poder significar de várias maneiras, evidencia a complexidade semântica e a riqueza de valores que reside na língua como um sistema.

Já no nosso estudo da mudança analógica, podemos destacar o poder da criação parassêmica (ou seja, de como os signos em relação entre si dão vazão à criação de novas formas) como um processo de simplificação e regularização linguística, revelando a dinâmica interna da língua e o papel ativo dos falantes na construção da linguagem. Essa mudança, como todas os outros fenômenos que observamos, não se dá puramente pelas formas linguísticas puras, mas sim é guiada pelo sentido.

Por último, quando vimos a maneira que Saussure percebe a sinonímia, partimos para a problematização da visão tradicional de uma mera substituição de termos que teriam sentidos idênticos. Para Saussure, ao contrário de se dar pela identidade entre termos, a sinonímia surge da oposição entre signos linguísticos, com seu valor sendo definido pela relação entre os eles dentro do sistema.

Dessa forma, tentamos evidenciar a abordagem de Saussure no que diz respeito à análise de fenômenos da linguagem. Para nós, o genebrino sublinha várias vezes a imbricação necessária e indissociável entre aspectos da forma pura e do sentido, considerando também as dimensões históricas e sociais que moldam a língua. Acreditamos, pois, que é primordialmente pelo sentido e por causa do sentido

que o mestre analisa a língua, o que faz com que seu pensamento seja apresentado de uma maneira tão singular.

4. O SENTIDO E AS UNIDADES DA LÍNGUA (OU: EM BUSCA DO FIO DE ARIADNE)

No capítulo anterior desta tese, analisamos como Saussure foca sua atenção a fenômenos específicos da língua, como a proposições, a elipse, a analogia e a sinonímia. Nessas análises, pudemos notar que o genebrino lança mão de um ponto de vista que considera o sentido como aquilo que une suas considerações. No entanto, durante essas observações, uma questão parecia incomodar bastante o mestre: aquilo que de fato é matéria de análise para o linguista. Dessa forma, dividimos este último capítulo em duas partes.

Na primeira sessão deste capítulo, discutimos como o sentido encontra lugar na teoria saussuriana de acordo com dois trechos do manuscrito *Notes Item*. Ao avançarmos nossa discussão, olhamos para como o mestre linguista se interroga sobre a maneira de incluir a discussão sobre o sentido na língua dentro de uma ciência linguística.

Na segunda parte deste capítulo, pensamos mais detalhadamente sobre a reflexão de Saussure no que diz respeito às unidades linguísticas. Assim, a partir de trechos do manuscrito *Notes Item* (SAUSSURE, 1897), discutimos como o sentido, tomado como parte constitutiva das unidades de análise de uma ciência linguística, pode apontar para uma virada epistemológica em uma teoria linguística em constante (re)construção.

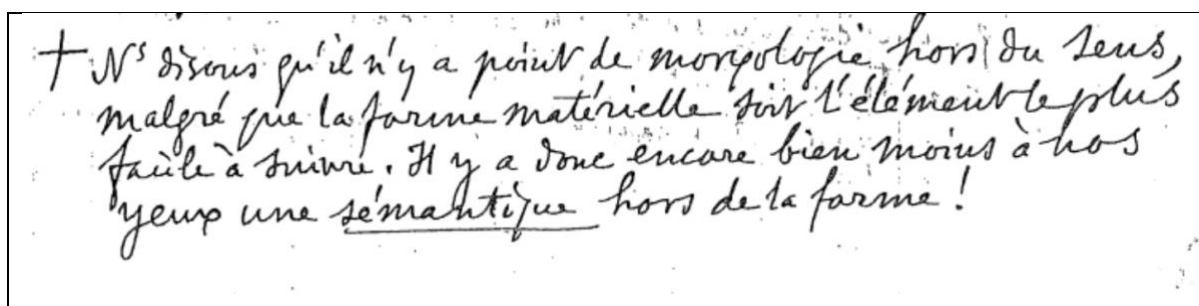
Por último, discutimos as análises compreendidas nos dois últimos capítulos desta tese. Nessa última parte, resumimos nossos achados sobre o lugar do sentido no manuscrito saussuriano *Notes Item* (SAUSSURE, 1897), e algumas de suas consequências teórico-metológicas para o pensamento de uma linguística semântica na teoria do genebrino, especialmente no que concerne à constante reformulação de seus conceitos e como isso contribui para uma eventual epistemologia da linguística. Começamos, então, com o lugar do sentido.

4.1. A morfologia e a semântica coexistem

Considerada por muitos como “essencial para a determinação do procedimento de análise”⁶⁰ (BENVENISTE, 1964:119), os diferentes níveis de análise linguística, como tradicionalmente os conhecemos, separam diferentes esferas da língua (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática) a fim de estudar seus fenômenos separadamente, dada “a natureza articulada e o caráter discreto de seus elementos”⁶⁰ (idem, ibidem). Nesse sentido, é comum para os estudos linguísticos pós-saussurianos terem-se especializado em diferentes áreas.

Por outros motivos, entretanto, os estudos pré-saussurianos lançavam mão de análises que, geralmente, privilegiavam apenas um dos vários níveis de análise linguística. Mais do que simplesmente um recorte metodológico, a razão de muitos deles abordarem somente, por exemplo, a fonologia de uma língua, devia-se ao fato de muitos estudiosos a considerarem como um organismo vivo ou como uma instituição histórica. Assim, como aquilo que, além da escrita, podia-se tentar apreender com mais facilidades como dados, eram os sons de determinada língua. Esse investimento não apenas contribuiu para a comparação de línguas em diferentes estados históricos como forneceu a muitos linguistas da época ferramentas para tentar explicar a forma de uma língua por meio de outra. Também por causa disso, quando analisamos os estudos dos Neogramáticos, deparamo-nos com questões de fonologia e morfologia dentro da história das línguas. Saussure, entretanto, parece entender que a análise das línguas não deve se restringir à mera morfologia. Vejamos o trecho seguinte.

QUADRO 13 – TRECHO MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO



⁶⁰ Trecho original, em francês: « La notion de *niveau* nous paraît essentielle dans la détermination de la procédure d'analyse. Elle seule est propre à faire justice à la nature *articulée* du langage et au caractère *discret* de ses éléments. » (itálicos do autor)

+ Nós dizemos que não existe morfologia fora do sentido, mesmo que a forma material seja o elemento mais fácil a se seguir. Existe, então, muito menos, a nossos olhos, uma semântica fora da forma!

Fonte: SAUSSURE (1897) - - Ms.Fr.03951/15.f009

Primeiramente, lemos a afirmação de Saussure sobre a forma material da língua. Ora, se este é o elemento mais fácil a se seguir em uma análise, pode-se inferir que toda análise já realizada, por sua trivialidade, já a faziam. Como colocamos anteriormente, os estudos pré-saussurianos e os contemporâneos a Saussure tomavam como objeto de análise a forma (fonema ou morfema) das línguas e sua “evolução” ao longo do tempo. Mesmo aqueles que tentaram propor uma análise de questões ligadas ao sentido ou àquilo que escapa à forma, como Bréal (1897), acabaram por fazê-lo de uma maneira a privilegiar como a forma muda em razão do sentido. Assim, ao colocar que não há forma – “ou morfologia⁶¹”, nas palavras do genebrino -, fora do sentido, vê-se não apenas uma crítica àquilo feito por seus contemporâneos, mas também, e principalmente, o objetivo de se dar um lugar ao sentido dentro das análises linguísticas.

Se olharmos com atenção, entretanto, para início e o fim do trecho que analisamos, parecemos encontrar um símbolo de ouroboros: não existe forma fora do sentido e não existe sentido fora da forma. Essa pretensa redundância por parte do genebrino nos faz pensar além da simples necessidade de inclusão do sentido na linguística de seu tempo. Encontramos aqui uma outra forma de falar daquilo que no *Curso* (SAUSSURE, 1916) seria denominado signo linguístico. Afinal, se falamos de uma morfologia (um conjunto significativo formado por um som ou por um conjunto deles) ligada a uma semântica (um sentido ou um conceito), temos a definição clássica de signo linguístico: “Chamamos de signo a combinação do conceito e da imagem acústica”.⁶² (op. cit.; p.99)

Existe, ainda, outro ponto a ser considerado na afirmação de que “não há ponto de morfologia fora do sentido” (SAUSSURE, 1897): a maleabilidade e extensão do conceito de signo e, por conseguinte, daquilo que podemos considerar como o sentido que se liga a essa forma. Se considerarmos que um morfema geralmente

⁶¹ Vale aqui lembrar que, nos estudos linguísticos dos séculos XVIII e XIX, o termo morfologia se referia ao estudo geral da forma de uma língua, e não necessariamente às relações morfológicas que concebemos na linguística atual.

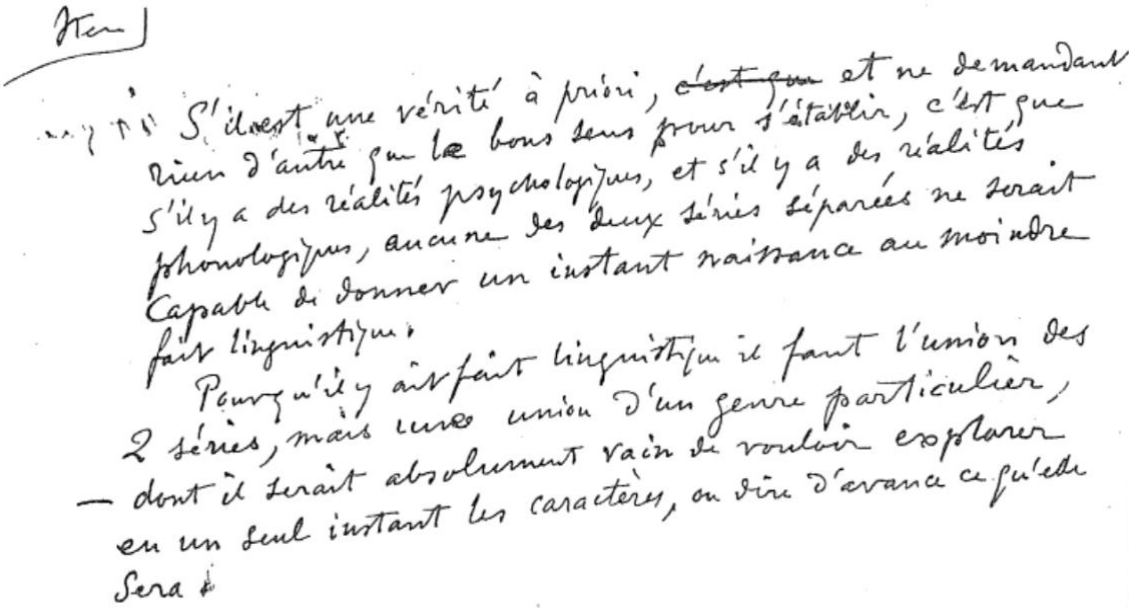
⁶² No original, em francês: “*Nous appelons signe la combinaison du concept et de l’image acoustique*” (destaque dos autores)

corresponde a um conjunto de fonemas em relação sintagmática que, em conjunto, se constituem havendo um sentido particular (BENVENISTE, 1964), podemos inferir que i) a unidade linguística defendida por Saussure não é necessariamente uma palavra, podendo ser menor do que ela e ii) o sentido que se liga à forma linguística não é, necessariamente, da ordem de um conceito concreto. Pensemos um pouco mais sobre essas afirmações.

Nossa argumentação aqui baseia-se no fato de que um morfema não necessariamente formará uma palavra, sendo a maioria delas constituídas de, ao menos, dois deles. Assim, se pegarmos uma palavra como *pontualmente*, poderemos, grosso modo, identificar os morfemas *pontu-*, *-al* e *-mente* além de suas realidades fonológicas /poNtu/, /al/, /meNte/⁶³. Cada uma dessas unidades remete a um sentido: *pontu* remete a algo específico, *-al* tem a função de formar adjetivos a partir de substantivos e *-mente*, em final de palavra, forma advérbios com a função de designar o modo como algo é feito. Assim, temos três formas e sentidos diferentes que podem ser analisados separadamente (ou seja, três unidades), já que também formam outras palavras na língua portuguesa (*pontualidade*, *essencial* e *corretamente*, por exemplo). Além disso, no que tange à semântica dessas formas, elas podem remeter a um conceito, como no caso de *pontu-* ou a uma função linguística ligada a um conceito, como *-al* e *-mente*, por exemplo. Embora esses pontos sejam possíveis de análise, nos parece que a principal preocupação saussuriana se coloca na união entre som e ideia, como vemos no seguinte *Item* e em vários outros.

⁶³ Usamos aqui as proposições de Câmara Jr. (1999) para fazer as transcrições fonológicas das palavras em Língua Portuguesa

QUADRO 14 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

 <p> <i>Non</i> ... S'il y a une vérité à priori, c'est que et ne demandant rien d'autre que le bon sens pour s'établir, c'est que s'il y a des réalités psychologiques, et s'il y a des réalités phonologiques, aucune des deux séries séparées ne serait capable de donner un instant naissance au moindre fait linguistique. Pourquoi il y ait fait linguistique il faut l'union des 2 séries, mais une union d'un genre particulier, - dont il serait absolument vain de vouloir explorer en un seul instant les caractères, ou dire d'avance ce qu'elle sera. </p>	<p>Item</p> <p>Se há uma verdade a priori, é que e não exigiria mais nada do que o bom senso para se estabelecer, é que, se há realidades psicológicas, e se há realidades fonológicas, nenhuma das suas series separadas seria capaz de dar à luz um mínimo fato linguístico por um estante que fosse.</p> <p>Porque [se?] há fato linguístico, é necessária a união das duas séries, mas uma união de um tipo particular, - pela qual seria absolutamente vão querer explorar por um momento sequer os caracteres, ou dizer de antemão que ela será []</p>
---	--

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f004v

Nesse trecho, vemos, mais uma vez, Saussure dizer que tanto o plano das formas (*realidades fonológicas*) quanto o plano do sentido (*realidades psicológicas*) devem ser considerados em conjunto. No entanto, vemos que aqui essa discussão é levada para o campo dos “*fatos linguísticos*”⁶⁴.

Se retornarmos ao *Curso* (SAUSSURE, 1916), especialmente aos capítulos dedicados à linguística sincrônica (p. 142 et passim), veremos que os termos fato, realidade e unidade linguística muitas vezes se confundem e são utilizados como alternativas para a noção de valor. Segundo o próprio genebrino, “todas as noções abordadas neste parágrafo não diferem essencialmente daquilo que iremos chamar

⁶⁴ Embora extremamente rica, não entraremos aqui na discussão sobre o que é um ato, um fato ou um dado em Linguística, principalmente por grande parte do entendimento atual a respeito desse assunto ter-se dado após o desenvolvimento da teoria saussuriana. Assim, privilegiaremos o assunto tal como ele aparece na obra saussuriana.

doravante valores⁶⁵.” (p. 153). Logo, se entendermos como fatos linguísticos aquilo que constitui a língua – ou seja, seus valores –, podemos dizer que nesse *Item* temos não somente uma constatação sobre os aspectos epistemológicos da linguística, mas também uma constatação sobre o próprio caráter da língua (não é apenas fonação; também é sentido). Ou seja: como Saussure anuncia como uma de suas características epistemológicas fundantes, de o ponto de vista criar o objeto, podemos ver aqui um ponto de vista sobre a constituição da língua que determina sua maneira de fazer linguística⁶⁶.

Por outro lado, se focamos nossas lentes somente na afirmação de que “nenhuma das duas séries isoladas seria capaz de dar à luz um fato linguístico por um instante que fosse” (SAUSSURE, 1897), uma veríamos mais um lamento metodológico por parte do genebrino com relação a uma linguística que só olha para o “avanço” das formas fonéticas das línguas. Dessa maneira, ao discutir, posteriormente, no *Curso* (SAUSSURE, 1916), as realidades e entidades concretas da linguística sincrônica, é-se categórico: “não existem fatos linguísticos independentes de uma maneira fônica destacada em elementos significativos⁶⁷” (p.155). Dito de outra forma, não há realidade ou unidade de análise linguística que possa separar o som do significado.

Portanto, pode-se inferir que, nas reflexões saussurianas, colocar o sentido como parte integrante da linguística é ponto fundamental. Para fazer isso, ele pensa não apenas nas questões daquilo que constitui a língua (seus sons, suas formas), mas a obrigatoriedade de isso ser, em uma análise linguística, levado em consideração como um conjunto indissociável. Assim, vemos Saussure pensar como integrar o sentido à uma unidade de análise da língua.

4.2. As unidades de análise da língua: o significar como elemento integrante

Mesmo deixando claro que a inclusão do sentido é um ponto fundamental para o estudo das línguas, também vemos, em alguns *Item*, indagações e elocubrações

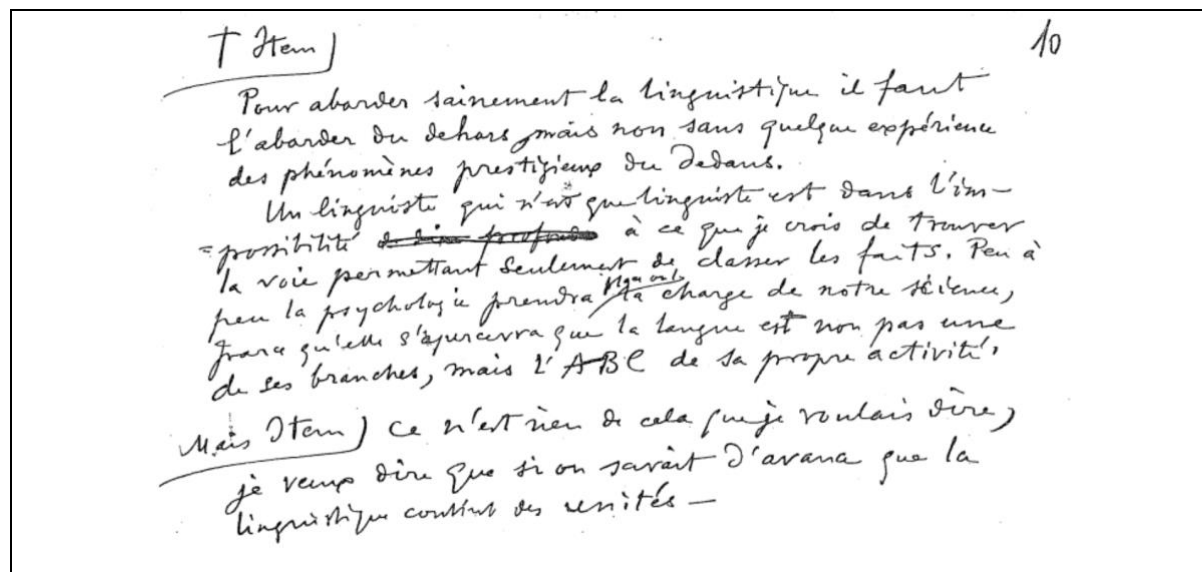
⁶⁵ No original, em francês: << toutes les notions touchées dans ce paragraphe ne diffèrent pas essentiellement de ce que nous avons appelé ailleurs des valeurs >> (destaque do autor)

⁶⁶ Para um estudo mais detalhado sobre o ponto de vista na teorização saussuriana, veja-se o trabalho de Marques (2021).

⁶⁷ No original, em francês: << il n'y a pas de faits linguistiques indépendants d'une manière phonique découpée en éléments significatifs >>

da parte de Saussure sobre como devem-se entender, de fato, as unidades de análise linguística e como isso diz respeito sobre o fazer linguístico. Vejamos os *Item* que aparecem em sequência na página numerada como 10 no documento:

QUADRO 15 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

 <p><i>Item 10</i></p> <p>Pour aborder saine-ment la linguistique il faut l'aborder du dehors mais non sans quelque expérience des phénomènes prestigieux du Dedans.</p> <p>Un linguiste qui n'est que linguiste est dans l'im-possibilité de le faire à ce que je crois de trouver la voie permettant seulement de classer les faits. Peu à peu la psychologie prendra ^{sa} charge de notre science, parce qu'elle s'apercevra que la langue est non pas une de ses branches, mais l'ABC de sa propre activité.</p> <p><i>Mais Item</i> Ce n'est rien de cela que je voulais dire, je veux dire que si on savait d'avance que la linguistique contient des unités –</p>	<p>Item</p> <p>Para abordar a linguística razoavelmente, é necessário abordá-la de fora, mas não sem alguma experiência dos fenômenos importantes de dentro.</p> <p>Um linguista que não é nada além de linguista encontra-se na impossibilidade de dizer profundamente, pelo o que creio, de encontrar a via que permite apenas de classificar os fatos. Pouco a pouco, a psicologia assumirá [??] nossa ciência, já que ela dar-se-á conta que a língua não é uma de suas ramificações, mas o ABC de sua própria atividade.</p> <p>Mas Item Não é nada disso que eu queria dizer, eu quero dizer que, se soubéssemos de antemão que a linguística contém unidades – []</p>
---	--

Fonte: SAUSSURE (1897) - - Ms.Fr.03951/15.f010

Nesses *Item* percebemos uma preocupação com uma abordagem sensata da linguística, que consistiria em considerar os fenômenos “de dentro” e “de fora”. Podemos interpretar essa afirmação de várias maneiras. Uma delas é entendermos esses termos como um ensaio das discussão que aparecerá no segundo curso de Saussure como linguística “interna” e “externa”. Para o próprio Saussure, segundo as notas do caderno de Riedlinger,

linguística externa = tudo aquilo que concerne à língua sem entrar em seu sistema. Podemos falar de linguística externa? Se temos algum escrípulo, podemos dizer: estudo interno e externo da língua. O que entra no lado externo: história e descrição externa. Nesse lado,

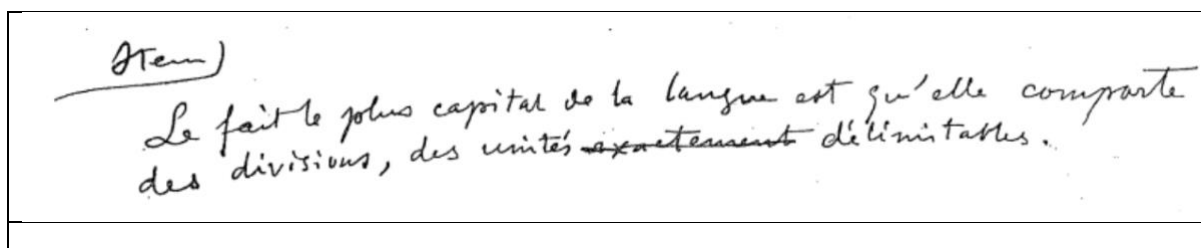
entra[m] coisas importantes. A palavra da linguística evoca, sobretudo, a ideia desse conjunto. (In: ENGLER *apud* DE MAURO, 1967:428)⁶⁸

Assim, abordar a linguística “de fora” pode ser entendido como abordar os fenômenos que concernem a linguística externa, ou seja, a história das línguas e aquilo que era feito normalmente pelos contemporâneos de Saussure. Na esteira dessa mesma interpretação, abordar a linguística “de dentro” seria pensar as regras que compõe a língua, o sistema.

Entretanto, podemos ampliar esse entendimento: quando pensarmos que abordar a linguística de fora é estudar a língua apenas pelo viés do que era feito pelo “linguista que não é nada além de linguista” no tempo de Saussure, essa abordagem nada mais é do que o estudo da forma nela mesma. Dito de outro modo, o linguista no tempo de Saussure, alheio aos fatos psíquicos, vê apenas a forma material da língua. Assim, quando o genebrino afirma que não se pode ignorar a experiência do fato linguístico “de dentro”, podemos inferir que ele se refere a essas questões ignoradas pelo linguista: o psíquico⁶⁹, o sentido, pois apenas considerando ambos haveria possibilidade de delimitar os fatos que compõem a língua.

Esses fatos, por outro lado, não parecem ser dados de antemão; parecem ser separados em unidades? Mas que unidades são essas? Saussure não completa sua afirmação, deixando-nos apenas a asserção de que a língua é composta de unidades e que essas, como vemos abaixo, são delimitáveis.

QUADRO 16 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO



⁶⁸ No original, em francês: [...] *linguistique externe* = tout ce qui concerne la langue sans entrer dans son système. Peut-on parler de *linguistique externe*? Si l'on a quelque scrupule, on peut dire : étude interne et externe de la linguistique. Ce qui rentre dans le côté externe : histoire et description externe. Dans ce côté rentre[nt] des choses importantes. Le mot de linguistique évoque surtout l'idée de cet ensemble.

⁶⁹ Note-se aqui também que Saussure diz que a língua é a base para os estudos da psicologia. Isso implica que, necessariamente, há um psiquismo na língua que não pode ser ignorado, mas que também não pode ser estudado nele mesmo, sobre risco de a psicologia “tomar o lugar” da linguística. Parece-nos que essa reflexão gira em torno da delimitação do objeto que tem como objetivo ulterior a definição de uma ciência.

Item

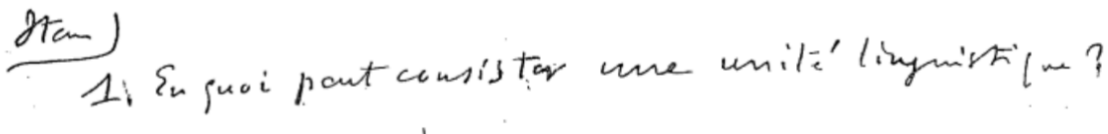
O fato mais importante da língua é que ela comporta divisões, unidades ~~exatamente~~ delimitáveis.

Fonte: SAUSSURE (1897) - - Ms.Fr.03951/15.f010

Vemos nesse *Item* que Saussure usa o termo *divisões* em vez de unidades, e que lhes considera delimitáveis. A rasura sobre o advérbio *exatamente*, entretanto, atrai nossa atenção. Se há, de fato, unidades ou divisões dentro da língua, como a delimitação delas não pode ser exata? Do que elas dependem, de fato?

A falta de exatidão e dificuldade da divisão dos elementos da língua se confirma no clássico exemplo dado no *Curso* (SAUSSURE, 1916:146) para a sequência [siʒəlapʁɑ̃]⁷⁰ podemos ter duas divisões possíveis. Na argumentação do mestre, a primeira é *si je la prends* (se eu a pego, em português) e a segunda *si je l'apprends* (se eu aprendo isso). Ora, tal flutuação se dá pela sequência [lapʁɑ̃], que pode tanto ser recortada como “pegá-la” (*la prends*) ou como “aprendê-lo” (*l'apprends*). A argumentação saussuriana sobre essa dificuldade continua com os exemplos [lafɔʁsdyvɑ̃] e [ilməfɔʁsapʁabl], respectivamente *la force du vent* (a força do vento) e *il me force à parler* (ele me força a falar). Embora *force* [fɔʁs] tenha a mesma forma sonora nos dois exemplos e possa ser recortada como unidade em ambos, ela constituirá uma unidade diferente, haja vista ter “um sentido completamente diferente” (p.147). Assim, embora não se possa dizer que a divisão das unidades da língua é exata, como bem rasura Saussure (uma possível reformulação de pensamento do genebrino), já temos uma pista de que ela depende do recorte feito pelo falante daquilo que é enunciado. Nesse sentido, Saussure se pergunta, enfim

QUADRO 17 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

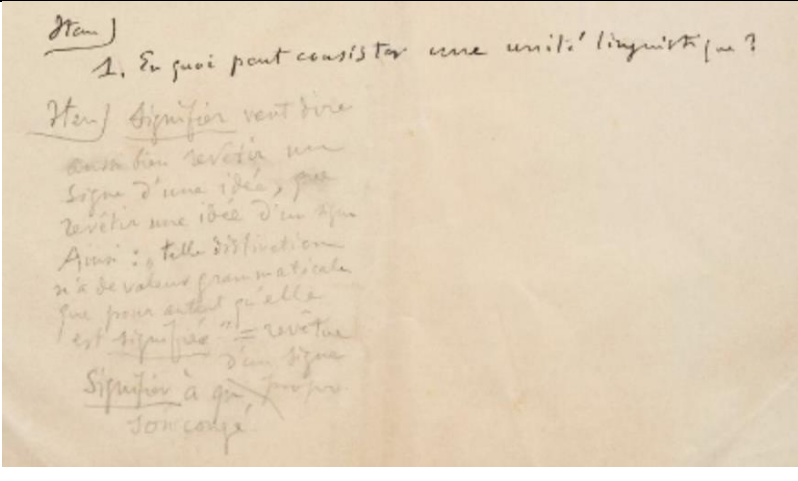

<p>Item</p> <p>1 Em que pode consistir uma unidade linguística?</p>

Fonte: SAUSSURE (1897) - - Ms.Fr.03951/15.f010

⁷⁰ Para as transcrições fonéticas de línguas que não sejam a portuguesa, utilizamos os símbolos propostos pelo Alfabeto Fonético Internacional (IPA)

Se considerarmos toda a elaboração conceitual que vimos ser feita por Saussure até agora, a resposta, para nós que já conhecemos a teoria saussuriana como ela aparece no *Curso* (SAUSSURE, 1916), pode parecer óbvia: fazê-lo a partir do sentido, trazendo o significar para a análise. Assim, logo em sequência a essa pergunta, Saussure anota, a lápis, no canto da página o seguinte:

QUADRO 18 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

	 <p>Item) 1. En quoi peut consister une unité linguistique ?</p> <p>Item) Signifier veut dire revêtir un signe d'une idée, ou revêtir une idée d'un signe. Ainsi : la telle distinction n'a de valeur grammaticale que pour autant qu'elle est signifiée = revêtue d'un signe. Signifier à qui pour son compte.</p>	
Item	<p><u>Significar</u> quer dizer tanto revestir um signo de uma ideia quanto revestir uma ideia de um signo. Assim, “tal distinção não tem valor gramatical a não ser que ela seja <u>significada</u>” = revestir um signo próprio.</p> <p><u>Comunicar</u> suas férias a alguém.</p>	

Fonte: SAUSSURE (1987) - Ms.Fr.03951/15.f010

Essa anotação, que parece ter sido adicionada depois das outras notas da mesma página pelo genbrino, nos leva a refletir também sobre o “lugar físico” da reflexão do sentido nesse manuscrito. Se prestarmos atenção ao todo do manuscrito, veremos que o verso dessa página encontra-se em branco (v. FIGURA 8), algo que não é muito comum nesse manuscrito. Assim, especulamos a possibilidade de essas reflexões sobre a unidade linguística terem sido interrompidas e retomadas em outro momento, já que apenas a página 12 se encontra escrita novamente e era costume de Saussure aproveitar todo o espaço da página que escrevia (veja-se os *fac-símiles* de outras páginas completas de *Notes Item* neste trabalho).

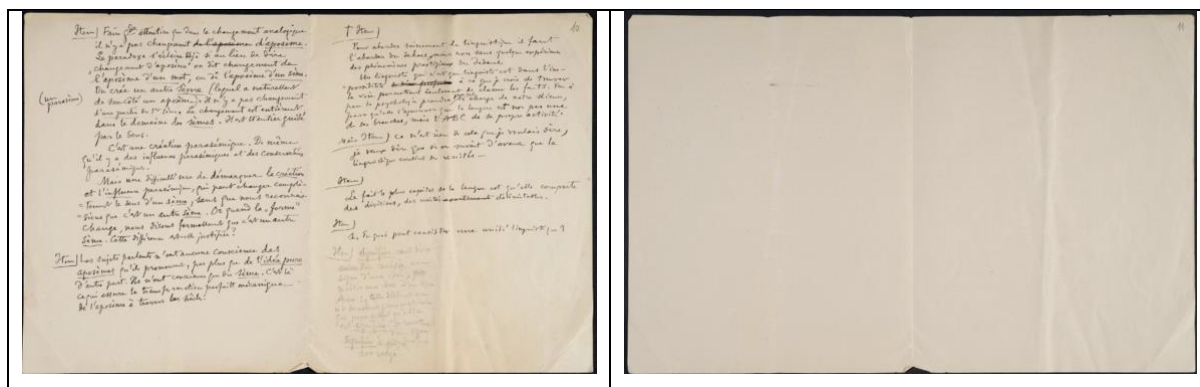


FIGURA 8 – FOLHAS 10 E 11 DE NOTES ITEM

Fonte: Saussure, 1897 - Ms.Fr.03951/15.f010, Ms.Fr.03951/15.f010v e Ms.Fr.03951/15.f011 respectivamente

Outro motivo que nos leva a pensar isso é o fato de constataremos um pequeno salto temático⁷¹ entre essa discussão e o próximo *Item*, que discute a nulidade dos signos e, outra nota após essa, que trata da espacialidade dos signos no tempo. Então, antes de analisar o que a nota diz, pensemos brevemente sobre o seu lugar.

Primeiramente, vejamos o que vem antes da anotação sobre o *significar*. Os *Item* que aparecem imediatamente antes, na mesma página que as observações feitas a lápis por Saussure tratam, como já analisamos (vejam-se os QUADROS 16, 17 e 18), da divisão da língua em partes delimitáveis, que podem ser vistos como fatos linguísticos, ou ainda, como a unidade que pode constituir a análise da língua. Essa discussão, de maneira geral, aponta para o problema de se dizer o que, de fato, pode ser concebido como objeto de análise dentro de uma ciência em formação.

Em segundo lugar, constataremos a temática das notas que seguem a definição de significar. Tais *Item* mesmo que, grosso modo, ainda discutam a dificuldade de se delimitar uma unidade em linguística, dão foco para outros pontos desse ponto complexo. Um deles aborda a nulidade dos signos em isolamento; os seguintes, a uniespacialidade dos signos (ou seja, a impossibilidade de, na cadeia falada, termos mais de um signo atuando ao mesmo tempo no mesmo “espaço”). Dessa forma, se considerarmos a anotação sobre significar como algo relevante na progressão temática dos *Item* e no lugar onde aparece, poderíamos depreender que pensar no

⁷¹ Dizemos aqui “pequeno”, pois consideramos que todos os termos da linguística saussuriana, pelo caráter epistemológico que carregam, dialogam entre si, mesmo que sejam reformulados ao longo do tempo.

significar e, conseqüentemente, no sentido na língua, é condição *sine qua non* para entender a divisão das unidades linguísticas e, entendendo-as como o signo linguístico, pensar sobre suas particularidades. Isso se dá, principalmente, pela definição que Saussure traz para a noção de significar.

Segundo o genebrino, *significar* “quer dizer tanto revestir um signo de uma ideia quanto revestir uma ideia de um som” (SAUSSURE, 1897). Um primeiro ponto a considerar nessa definição é a reciprocidade entre *ideia* e *som*. Conforme já vimos em outros pontos desta tese, uma das principais críticas de Saussure ao pensamento da língua entre seus contemporâneos e na tradição filosófica era o fato de que se consideravam as realidades sonoras e psicológicas separadamente, sendo que, para ele, essa separação não deveria existir se se queria abordar a língua de maneira efetiva. Nesse sentido, “revestir um signo⁷² de uma ideia” ou “revestir uma ideia de um som” (idem, ibidem) relaciona-se ao fato de que ambas as grandezas não podem ser separadas. Mais do que isso, ao pensamos no exemplo que o genebrino coloca, “comunicar⁷³ suas férias a alguém” (idem, ibidem), talvez possamos pensar que a questão principal não consiste apenas em “revestir” um som uma ideia um do outro, mas como isso, de fato, aparece na comunicação, na *língua discursiva*, para utilizarmos termos saussurianos (idem). Por isso, aqui, entendemos que não basta significar algo, mas sim, pensar como essa significação se entrelaça com os outros signos da língua. Isso, por fim, determinaria o que é uma unidade em linguística.

Assim, para tentar lançar luz sobre as questões que concernem este problema, utilizemo-nos das palavras do próprio Saussure no seu segundo curso de Linguística Geral, confirme nos informa De Mauro (1967) a partir da edição crítica de Engler:

a ideia de unidade seria talvez mais clara para alguns, se falássemos de unidades significativas. Mas devemos insistir no termo *unidade*. De outra maneira, estamos expostos a termos uma ideia falsa e a crermos que há palavras existentes como unidades e que a elas se cola uma significação. É, pelo contrário, a significação que delimita as palavras no pensamento⁷⁴. (In: ENGLER *apud* DE MAURO, 1967:461 – itálico do autor)

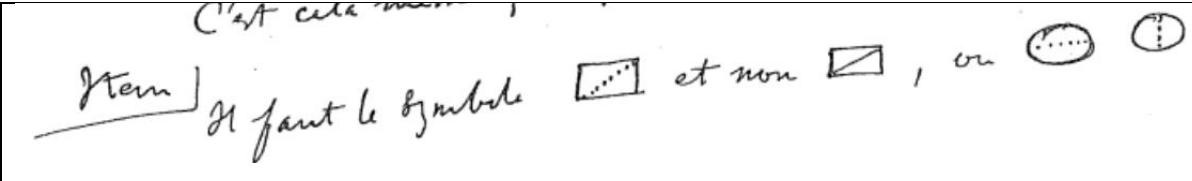
⁷² Note-se que, neste contexto, assim como em grande parte do manuscrito *Notes Item*, o termo signo refere-se ao lado sonoro da língua,.

⁷³ Em francês, o verbo *signifier* (significar), que consta no Item analisado, conforme a TABELA 22, segundo o dicionário Larousse, também tem a acepção literária de *faire savoir officiellement, expressément quelque chose à quelqu'un* (SIGNIFIER, 2024), ou seja, de deixar alguém saber algo oficialmente ou comunicar expressamente algo a alguém. Isso se perde na tradução para a Língua Portuguesa.

⁷⁴ No original, em francês: *L'idée d'unité serait peut-être plus claire pour quelqu-uns, si on parlait d'unités significatives. Mais il faut insister sur le terme unité. Autrement, on est exposé à se faire une idée fausse et à croire qu'il y a des mots existents comme unités et auxquels s'ajoute une signification. C'est au contraire la signification qui delimite les mots dans la pensée.*

Isso pode nos mostrar que, de certa forma, as ideias em discussão por Saussure no manuscrito que analisamos⁷⁵ ganha forma mais madura em seus cursos de Linguística Geral em Genebra. Essas ideias, de trazer o significar como elemento integrante para o olhar do linguista, também fazem parte de seu esforço em delimitar uma unidade científica para a Linguística. Assim, o genebrino parece entender que, em se tratando desse elemento,

QUADRO 19 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO


<p>Item</p> <p>É necessário o símbolo {desenho} e não {desenho}, ou {desenho} {desenho}</p>

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f004v

Perguntamo-nos, então, em primeiro lugar, que símbolos são esses. Os desenhos em questão consistem em dois quadrados divididos diagonalmente do canto inferior esquerdo ao canto ao canto superior direito por pontilhados e, depois, uma linha reta. Após, temos dois círculos divididos, respectivamente, por uma linha pontilhada horizontalmente e, outra, verticalmente. Mas a que eles se referem?

Entendemos esses símbolos como mais um ponto na discussão sobre o que constitui a unidade linguística tão procurada por Saussure. Nesse ponto, julgamos que a negação das representações com um traçado contínuo entre as unidades e a predileção daquelas com linhas pontilhadas em seu interior dizem respeito, mais uma vez, da inseparabilidade da realidade fônica da língua de sua realidade psíquica. Em outras palavras, ao pensar as representações daquilo que viria a ser o signo linguístico, mesmo de maneira gráfica, o mestre genebrino insiste na inseparabilidade de suas partes.

⁷⁵ É importante notarmos que muitas das ideias que encontramos em gestação no manuscrito *Notes Item* (SAUSSURE, 1897) também podem ser encontradas, ainda que enunciadas de outra forma, em outros manuscritos de Ferdinand de Saussure, por exemplo o *De la Double Essence du Language* (SAUSSURE, 1891). Por isso, juntamente com Silveira (2007, 2022), entendemos os manuscritos saussurianos com um espaço propício para se investigar as ideias em constante (re)escrita e (re)formulação e que permitiram a Saussure fundar a Linguística Moderna.

Por fim, nesta sessão da tese, abordamos o problema da unidade linguística e de sua delimitação. Em nossas análises de trechos de *Notes Item*, vimos a dificuldade apontada por Saussure sobre aquilo em que, de fato, poderia consistir em uma unidade de análise da língua e como ela poderia ser apreendida dentro dos fatos linguísticos. Assim, pudemos observar como a presença do sentido se coloca como condição essencial para que isso seja feito, já que é a partir dele que se pode consituir algo na língua e ele será a balisa para diferenciar uma unidade de outra. Essa unidade, que para nós, atualmente, recebe o nome de signo linguístico, no manuscrito que analisamos parece não ter um nome definido, ou melhor, parece transitar por vários termos conforme sua elaboração teórica amadurece. É esse o objeto da sessão que segue.

4.3. As unidades de análise da língua: o problema do signo

Como sabemos, o entendimento de que a língua é composta por signos linguísticos é considerado, dentro da teoria saussuriana, um “princípio epistemológico” (cf. NORMAND, 2007). Entretanto, o pensamento que resultou em tal terminologia parece ter estado em constante reformulação por Saussure, como podemos observar em seus manuscritos⁷⁶. Em *Notes Item* (SAUSSURE, 1897), especialmente, o desenvolvimento dessa noção intimamente ligada às discussões de unidade linguística parece ser alvo de ativo interesse por parte do genebrino. Não podemos, no entanto, avançar nossa análise sem antes entendermos, mesmo que panoramicamente, de quais âmbitos intelectuais Saussure pode ter vindo com relação a esse aspecto – o do signo.

Dentro da tradição ocidental, a noção de signo, parece deslizar entre vários domínios. O primeiro deles, na filosofia grega clássica, usa o signo para entrelaçar a relação entre linguagem e mundo, de modo que tanto para Platão como para Aristóteles, “o signo estrutura-se em um modelo triádico” (ROSÁRIO, 2024:309) compondo-se geralmente de algo referente ao nome das coisas, às suas ideias, e ao que elas podem representar no mundo físico, todos eles considerando a linguagem verbal. Ainda dentro do campo da filosofia, desta vez a medieval, Santo Agostinho expande essa discussão para aquilo que vai chamar de “signos convencionais”

⁷⁶ Sobre a recorrência de temas nos manuscritos saussurianos, veja-se a nota 71.

(aqueles criados pelo homem) e “signos naturais” (aqueles criados diretamente por Deus, sem intervenção humana alguma), considerando, conforme o que nos ensina Rosário (op. cit.; p.310), “diferentes linguagens, o que, na semiótica moderna, se consolida”.

Compreendido, portanto, como uma unidade de análise geral para, grosso modo, o que acontece no mundo, nos estudos linguísticos pré-saussurianos, o entendimento de signo tomou um outro rumo. Isso se deu, principalmente, devido aos pressupostos de pesquisa das linhas de pesquisa linguísticas que, ou preocupavam-se com a origem e comparação de diferentes línguas em diferentes estágios (ao exemplo dos trabalhos de Schlegel, Bopp, Grimm), ou que viam a língua com um organismo vivo (ao exemplo dos estudos de Schleicher). De uma maneira ou outra, esses estudos tomavam as formas nelas mesmas a fim de compará-las, fossem estas formas extraídas de textos antigos, como no caso dos Comparativistas, ou de dados de fala, como em alguns estudos neo-gramáticos. Sendo assim, essas pequenas unidades, os signos, referiam-se a unidades morfológicas ou a unidades fonéticas de uma dada língua, ora dissecando a forma em si, ora relacionando-a com outras formas dentro da estrutura de uma dada língua ou comparando-a com as formas de outras línguas conhecidas⁷⁷.

Saussure, entretanto, como já vimos em outras sessões desta tese, parece ir contra muitos desses pressupostos. Logicamente, sua visão de uma unidade de análise da língua também seria diferente, como também já discutimos. Vejamos, entretanto, como o genebrino se insere nessa tradição no diz respeito a nomear sua unidade linguística.

4.3.1. Soma e sema: um problema terminológico ou epistemológico?

Em *Notes Item*, há uma sequência de notas nas quais se discute a noção de signo, soma, sema e outros termos para designarem a unidade linguística e suas relações. Começemos nossa análise por aquela que encabeça esse eixo temático no manuscrito.

⁷⁷ Aqui, vale ressaltar, como coloca Ducrot, em seu *Estruturalismo e Linguística* (1968), que a noção de estrutura e sistema já existiam na linguística do século XIX, mas que eram diferentes das noções utilizadas hoje (p.42).

QUADRO 20 – ITEM MANUSCRITOS E TRANSCRIÇÃO

Item. - Diferença [] de novo do termo de Sema sur celle de signo.

1. (Pas essential). Signo peut être non vocal. Mais Sema aussi. - Mais signo peut être = geste direct. C.à.D. hors d'un système et d'une convention.

Sema = signo faisant partie d'un système

Sema = 1. signo conventionnel.
2. signo faisant partie d'un système (également conventionnel).
3.

On peut dire ainsi:

Sema = signo participant aux différents caractères qui seront reconnus être des signes/de la langue (vocal ou autre),
Les caractères à marquer dès l'abord sont: —

Item. - Entre autres, le mot de Sema écarte, on voudrait écarte, toute prépondérance et toute séparation initiale entre le côté vocal et le côté idéologique du signo. Il représente le tout du signo, c.à.D. signo et signification unis en une sorte de personnalité.

Item. - Mais de reste il serait faux de dire que nous voyons faisons une question très capitale de Sema au lieu de signo.
Vérité est que parasema et aposema sont des notions capitales. Or, une fois que —

Item - Diferença [] de novo do termo de sema do de signo.

Item- Mas de resto seria falso dizer que nós vemos fazemos uma questão muito capital de sema no lugar de signo.

A verdade é que parasema ou aposema são noções capitais, ou, uma vez que []

1. (Não é essencial) Signo pode ser ou não vocal. Mas Sema também. - Mas signo pode ser = gesto direto. Ou seja, fora de um sistema ou de uma convenção.

Sema = signo que faz parte de um sistema

Sema = 1. signo convencional.

2. signo que faz parte de um sistema (igualmente convencional).

3.

Pode-se dizer também:

Sema = signo que participa das diferentes características

	que serão reconhecidas ser daqueles ^{os signos} /da <u>língua</u> (vocal ou outra), As características a destacar desde o começo são: []
Item	Entre outros, a palavra <u>sema</u> descarta, ou deseja descartar, toda <u>preponderância</u> e toda separação inicial entre a parte vocal e a parte ideológica do signo. Ela representa <u>o todo do signo</u> , quer dizer, signo e significação unidos em um tipo de personalidade.
Item-	Mas de resto seria falso dizer que nós vemos fazemos uma questão muito capital de <u>sema</u> no lugar de signo. A verdade é que <u>parassema</u> ou <u>apossema</u> são noções capitais, ou, uma vez que []

Fonte: SAUSSURE (1897) - - Ms.Fr.03951/15.f005v

No começo de sua nota, Saussure já aponta haver uma diferença entre *signo*⁷⁸ e *sema*, sendo esse último um novo termo. Mas em que consiste essa diferença? Para o genebrino, a principal diferença entre os dois termos é que *sema* é um *signo* que faz parte de um sistema. Em outras palavras, é um signo regido por uma convenção e por um sistema mais amplo que também faz parte de uma convenção. Fora isso, o mestre dos linguistas não parece ver nenhuma diferença prática na composição de *signo* e *sema*. Tanto isso é verdade que Saussure aponta que “não faz questão” (SAUSSURE, 1897) da mudança de um termo por outro, o que nos leva a inferir que, neste ponto da reflexão saussuriana, não há uma definição clara entre significante e significado, ou que haja outra diferença epistemológica capital que justifique sua troca, conforme vemos no *Curso* (SAUSSURE, 1916) ou esperaríamos na comparação com o que seus contemporâneos admitiam como signo.

O essencial, para Saussure, conforme ele mesmo escreve, é a diferença na noção de *parassema* e *apossema*, mas não nos diz o porquê disso. Se olharmos com atenção para a definição dada pelo genebrino para esses dois termos⁷⁹, veremos que

⁷⁸ Como vamos notar em diversas partes do manuscrito, Saussure não parece se contentar com o termo *signo*, especialmente como este era utilizado por seus contemporâneos. Tanto isso é verdade que *sema*, o termo cunhado pelo genebrino, nada mais é do que *signo* em grego antigo. A pergunta que julgamos necessária, no entanto, é: por que essa insistência em querer se distanciar do termo? Para nós, além de tentar trazer mais clareza à luz das concepções dos fatos linguísticos, Saussure se interessa em se afastar do plano filosófico da linguagem, onde o termo foi gestado, haja vista ser esse o lugar epistemológico que estavam a maioria dos seus contemporâneos no que tange às relações de língua e pensamento. Como vemos já nas primeiras análises do manuscrito, o genebrino nega essa concepção.

⁷⁹ Veja-se uma breve explicação sobre essa nomenclatura na sessão 3.1.4 desta tese e para um maior aprofundamento na sessão 4.3.2 deste mesmo documento.

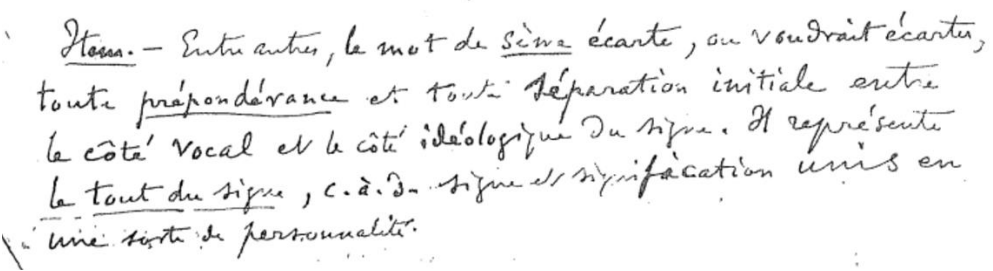
o que está realmente em jogo nesta nota é, apesar da introdução de um novo termo, a diferença primordial que deve fazer quando os signos relacionam-se entre si no seio na língua ou quando são proferidos na fala por algum falante. Entendemos, portanto, que, aqui, temos uma discussão das diferenças entre língua e fala na constituição de uma unidade linguística, qualquer que seja seu nome ou constituição. Isso apontaria para uma eventual diferença entre uma linguística dedicada à língua e outra à fala e às unidades que lhes servem de base de análise? Não podemos dizê-lo com certeza, mas a afirmação de Saussure sobre *parasema* e *apossema* serem “noções capitais” (SAUSSURE, 1897) realmente chama a nossa atenção.

Algo explícito, entretanto, que pode ser visto nessa nota é a presença de princípios de semiologia. O signo ou o sema, aqui indiferentes por enquanto, podem “ser ou não vocais” (SAUSSURE, 1897), o que pode incluir sistemas convencionais como a escrita ou línguas que não dependam de vocalização, como as diversas línguas de sinais do mundo. Talvez por essa razão não vemos, neste primeiro momento, uma distinção de termos que defina e separe epistemologicamente o campo dos sons do campo das ideias.

Outro ponto a se notar neste trecho são os destaques dados às palavras *convenção* e *sistema*. Essas palavras são importantes porque, para Saussure, são elas que determinam a principal diferença epistemológica entre signo e sema. Enquanto o primeiro termo parece abarcar qualquer tipo de representação, o segundo, que será mais amplamente utilizado em *Notes Item* (SAUSSURE, 1897), como uma unidade inerente à língua, é definido como “um signo que faz parte de um sistema (igualmente convencional)” (idem, ibidem). Analisemos essa afirmação por partes. Se o *sema* é um *signo* que faz parte de um sistema, ele necessariamente se relaciona com outros *semas* (daí a importância maior do *parasema*) e, portanto, adquire valor. Afinal, para Saussure, o *sema* compartilha as diferenças dos outros signos da língua.

Assim, vemos nessa nota algo que vai além da discussão terminológica, da diferença de *signo* e *sema*. Nela, vemos alguns princípios de semiologia que concernem a constituição de uma unidade linguística e de suas características. Também notamos que Saussure parece não se importar capitalmente com terminologia dos termos que propõe, mas sim com a diferença que eles podem ter no âmbito teórico, discussão que continua na seguinte nota:

QUADRO 21 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

 <p><i>Itessa. – Entre autres, le mot de <u>sema</u> écarte, ou voudrait écarte, toute prépondérance et toute séparation initiale entre la cote' vocal et la cote' idéologique du signe. Il représente le tout du signe, c.à.d. signe et signification unis en une sorte de personnalité.</i></p>
<p>Item Entre outros, a palavra <u>sema</u> descarta, ou deseja descartar, toda <u>preponderância</u> e toda separação inicial entre a parte vocal e a parte ideológica do signo. Ela representa <u>o todo do signo</u>, quer dizer, signo e significação unidos em um tipo de personalidade.</p>

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f005v

Aqui, já notamos uma definição mais concreta das noções de signo e sema. Se antes, a diferença desses termos residia na separação entre elementos que faziam parte ou não de um sistema linguístico, e que, segundo Saussure, não fazia diferença capital em questões terminológicas, agora signo e sema parecem abordar duas unidades epistemologicamente diferentes. Discorramos sobre isso.

Neste *Item*, Saussure aponta duas grandezas que compõem o signo: “a parte vocal” e a “parte ideológica” (SAUSSURE, 1897), de modo que o sema englobaria ambas “como uma espécie de personalidade” (idem, ibidem). A partir disso, podemos chegar a duas conclusões. A primeira é que, em alguns momentos, quando se refere *signo*, Saussure já o compreende como um todo som-ideia⁸⁰, mas por uma questão de clareza, já que esse termo pode evocar muitas coisas dentro dos estudos da linguagem ou da filosofia, o genebrino prefere o termo *sema*, já que esse “descarta [...] toda a preponderância e toda a separação inicial” entre as partes que o compõem (idem, ibidem).

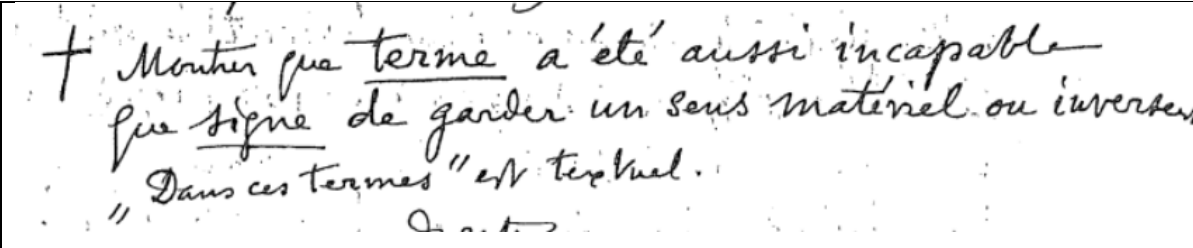
A segunda conclusão a que chegamos deriva da primeira. Mesmo entendendo a problemática de *signo*, Saussure ainda o usa em alguns momentos em suas notas (“o todo do signo”, signo e significação” etc.), o que nos permite compreender que o genebrino, mesmo tendo cunhado o termo *sema*, ainda considera o termo signo como

⁸⁰ O termo *som-ideia* é tomado emprestado do neologismo saussuriano presente no manuscrito *De l'Essence Double du Langage* (SAUSSURE, 1891), quando Saussure o utiliza para tentar designar o que hoje conhecemos como *signo linguístico*. É interessante notar em *Notes Item* (SAUSSURE, 1897), entretanto, como a angústia do genebrino tanto em deixar claro a inseparabilidade dos dois termos quanto definir o que compete a cada um deles.

algo corrente e não o descarta totalmente de sua reflexão. No manuscrito que analisamos, podemos notar a noção de *signo* alternando como forma sonora e como união de som e ideia. Isso nos mostra, na esteira das reflexões de Silveira (2022), um rastro da constante elaboração e re-elaboração teórica saussuriana. Particularmente nesta nota, o que vemos de diferente em sua elaboração é a predileção terminológica por parte do mestre de um termo em relação a outro e, epistemológica, em apontar as partes que compõem de fato a unidade linguística.

Apesar dessa fixação temporária de um termo específico, em outras partes do manuscrito *Notes Item*, Saussure ainda discorre sobre a problemática de um nome que represente a unidade linguística e, em fazendo isso, podemos ver outras de suas preocupações teóricas. Vejamos:

QUADRO 22 – TRECHO MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO


<p>+ Mostrar que <u>termo</u> foi tão incapaz quanto <u>signo</u> de manter um sentido material ou inversamente. "Nesses termos" é textual.</p>

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f009v

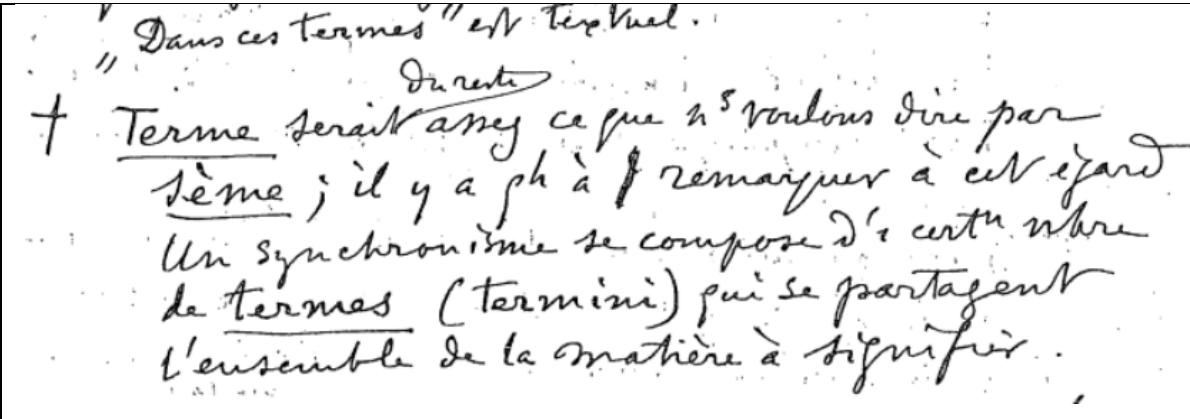
Neste trecho, por exemplo, temos a discussão sobre o vocábulo termo. Embora ele já exista e seja utilizado dentro dos estudos da linguagem (veja-se o uso do *passé composé*⁸¹ na nota), ele parece não ser considerado como bom por Saussure. Isso pode ser visto no grau injuntivo na nota, como se o genebrino estivesse querendo se lembrar de mostrar a falta de propriedade do termo em algum estudo. Entretanto, o que consideramos mais importante aqui é a comparação dessa incapacidade com a própria palavra signo.

Além da problemática de ser confundido com uma expressão textual, como "nesses termos", *termo*, assim como signo, não consegue "manter um sentido

⁸¹ Em língua francesa, a estrutura verbal composta pelo auxiliar *être* ou *avoir* no presente e pelo verbo principal no *participe passé* forma o que se chama de *passé composé*. Segundo o dicionário Larousse, esse tempo do modo indicativo é utilizado para exprimir "que o processo já está acabado no momento da enunciação" (PASSÉ, 2024)

material ou inversamente” (SAUSSURE, 1897). Ou seja, tanto *termo* como *signo* não satisfazem terminologicamente, pois podem remeter a outras grandezas que não comportam a união da forma e do sentido em uma unidade. Mesmo assim, Saussure escreve o seguinte:

QUADRO 23 – TRECHO MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

	<p>+ <u>Termo</u> seria ^{de resto} assaz aquilo que nós queremos dizer por <u>sema</u>; há algo a se notar a esse respeito. Um sincronismo se compõe de certo número de <u>termos</u> (termini) que partilham o conjunto da matéria a significar.</p>
--	--

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f009v

Apesar dos problemas apontados por Saussure sobre a falta de aptidão de *termo*, ele compara o vocábulo a *sema*, que até onde entendemos, é a palavra que Saussure parece eleger para a unidade linguística. Essa comparação, entretanto, não nos parece contraditória, pois o genebrino, nesse trecho, aparenta querer mostrar uma característica especial dessa palavra: segundo ele, “um sincronismo se compõe de certo número de termos [...] que partilham o conjunto da maneira a significar” (SAUSSURE, 1897). Essa afirmação nos leva às seguintes questões: um termo/sema só significa em conjunto? É possível o conjunto mudar o significado do um? Pensemos na teoria saussuriana como um todo para nos ajudar a responder tais perguntas.

A primeira de nossas indagações pode ser respondida pela noção de *sincronismo*. Para Saussure, uma análise sincrônica da língua, dá-se por pensar a organização do seu sistema de signos em momento dado. Assim, se pensamos que, ainda para o mestre linguista, um signo sempre terá valor em um sistema em relação a outro signo, o “conjunto da matéria a significar” (SAUSSURE, 1897) sempre será

isso - um conjunto. Nesse sentido, a significação na língua se dá justamente no vínculo estabelecido entre um signo e outro, ou nas palavras presentes no *Curso*, pelo fato de um signo ser “o que os outros não são”⁸². (SAUSSURE, 1916:162). Isso posto, podemos inferir que um sema/termo/signo significa em conjunto, mas não só isso, como discutimos adiante.

Nossa segunda questão diz respeito à resposta que tivemos da primeira. Ora, se é o conjunto das unidades sincrônicas que estabelece, entre si, o valor de cada uma, é possível que, positivamente, um conjunto de signos possa mudar o significado de um apenas um deles? Se além da teoria do valor, pensarmos especificamente nas relações sintagmáticas entre os signos. Como é colocado no *Curso* (SAUSSURE, 1916), “colocado em um sintagma, um termo adquire seu valor apenas porque esse se opõe àquele que o precede ou àquele que o segue, ou a ambos.”⁸³ (p.171). É o que ocorre, por exemplo, em francês, nas sequências *Il a mangé tous les baguettes* (Ele comeu todos os baguetes) e *Il a mangé tous les deux baguettes* (Ele comeu ambos os baguetes), quando ocorre uma mudança do valor da palavra *tous*, que representa uma totalidade, quando em conjunto com *les deux*, passa a representar apenas uma ênfase de um número específico.

Entretanto, é possível ainda explorarmos mais a palavra *sincronismo*, o que pode nos levar a outra interpretação da passagem que selecionamos. Se o considerarmos não simplesmente uma sequência no plano sintagmático da língua, mas como um ato de enunciação, talvez possamos compreender a partilha do “conjunto da matéria a significar” à maneira como, na fala, muitas vezes, usamos várias palavras para significar algo completamente diferente (no uso de ironia, por exemplo) daquilo que signos isolados poderiam, em um caráter positivo, quererem demonstrar.

Assim, nessa sessão analisamos trechos do manuscrito *Notes Item* (SAUSSURE, 1897) que demonstram a mudança da compreensão saussuriana no que tange ao nome das unidades linguísticas, focando na sua mudança do uso de signo para sema. Embora a insatisfação de Saussure com a terminologia existente seja evidente, particularmente com palavras como termo ou signo, cujas limitações,

⁸² No original, em francês: « *Leur [des signes] plus exacte caractéristique est d’être ce que le autres ne sont pas* »

⁸³ No original, em francês: « *Placé dans un syntagme, un terme n’acquiert sa valeur que parce qu’il est opposé à ce qui précède ou ce qui suit, ou à tous les deux.* »

segundo ele, impedem que capture totalmente a relação complexa entre o som e o significado de uma unidade linguística dentro do sistema, sua rejeição da terminologia vigente reflete sua tentativa constante em desenvolver uma ciência mais rigorosa a fim de compreender como a língua opera como um sistema. Nesse sentido, a escolha de *sema* é menos uma decisão terminológica e mais um reflexo de uma abordagem epistemológica que reflete o lugar primordial do sentido em sua teoria⁸⁴. Além disso, pudemos observar fortes acenos à importância da análise sincrônica dos fatos linguísticos e, ainda, a maneiras como a fala pode estar implicada nessas análises.

4.3.2. Sema, paressema, apossema e o sujeito falante

Mais do que o esforço para definir um nome para uma unidade como *sema*, em *Notes Item* (SAUSSURE, 1897), Saussure cunha termos correlatos a este como maneira de estruturar seu pensamento teórico. Esse vocabulário análogo gira, de maneira geral, em torno de *sema*, caracterizando-se como *soma*, *parassema*, *apossema* etc. Assim, nessa parte de nosso trabalho, exploramos como o mestre genebrino se esforça para definir tais conceitos e quais são suas possíveis implicações em sua teoria do sentido. Começamos com a nota que versa sobre o *parassema*:

⁸⁴ Nossas observações, nesse sentido, corroboram aquilo defendido por Silveira (2022), que coloca que a mudança terminológica em Saussure tem caráter muito mais epistemológico do que terminológico, além de revelar o processo de construção de sua teoria, já que, quando o genebrino muda um termo já consagrado, é porque considera que este não dê mais conta de abarcar sua visão sobre aspectos específicos da língua, como mostramos nessa sessão.

QUADRO 24 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

<p>Item</p> <p>segunda</p> <p>que um signo dado a sua completa existência fora dos signos concorrentes ou sistema</p>	<p><u>Item</u> Les <u>parasèmes</u></p> <p>Pour un mot quelconque ^{est parti} situé dans la langue un autre mot, même n'ayant avec les ^{aucune} parenté « parenté », est un <u>parasème</u>. Sa seule et simple ^{du parent} qualité est de faire partie du même système psychologique de signes; de manière que si l'on trouve, après observation, qu'il n'y a point d'importance à observer pour un signe donné l'ensemble des signes concourants, le mot de parasème devra tomber, et réciproquement ^{il devra} substituer si on constate qu'un mot n'est ^{pas} pas autonome dans le système donné ^{compte} fait part</p>
<p>Item</p> <p>segunda</p> <p>que um signo dado a sua completa existência fora dos signos concorrentes ou sistema</p>	<p><u>Os parasemas</u></p> <p>Para uma palavra qualquer <u>situada</u> ^{que faça parte da} na língua uma outra [segunda] palavra, mesmo não tendo com sua ??? “parentesco” algum, é um <u>parasema</u>. Sua única e simples ^{do parasema} qualidade é de partir do mesmo sistema psicológico de signos; de maneira que se percebemos, após observação, que não há nada de importância a observar⁸⁵ em um signo dado O conjunto dos signos concorrentes, a palavra de parasema deverá cair, e reciprocamente ^{ela deverá} substituir se se constata que uma palavra não é ^{mais(?)} contada autônoma no sistema do qual ela faz parte</p>

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f008

Nesta nota, vemos Saussure definir parasema como uma palavra concorrente com outra em um sistema linguístico dado. Essa acepção do termo nos leva a pensar nas relações sígnicas que caracterizam um sistema de valores linguísticos *in absentia*, ou seja, “uma série mneumônica virtual” (SAUSSURE, 1916:171), já que partem “do mesmo sistema psicológico de signos” (SAUSSURE, 1897) de outra palavra.

É essa partida do mesmo sistema psicológico que pensamos relacionar-se com aquilo que, nas primeiras notas do manuscrito, vimos Saussure chamar de “turbilhão de signos da parte vertical da língua”⁸⁶ (SAUSSURE, 1897). Ora, são essas relações

⁸⁵ A imagem do manuscrito nos deixa em dúvida se este trecho está sublinhado ou rasurado. Optamos aqui pela rasura, mas apresentamos, também, uma pequena análise do trecho caso este tenha sido destacado pelo genebrino.

⁸⁶ Para uma análise mais detida da nota em que isso aparece, refira-se à sessão 3.1 desta tese.

entre unidades que não aparecem na superfície da língua, haja vista estarem na memória do falante, que o genebrino menciona quando discorre sobre as relações associativas entre os signos linguísticos (SAUSSURE, 1916: 173 et passim). Para ele, um signo dado pode implicar outros em uma série com um elemento comum, seja esse elemento um fonema, um morfema ou uma associação de significado com o signo base (p.174).

No entanto, algo que nos chama atenção nessa nota é quando Saussure usa a expressão “signos concorrentes” (SAUSSURE, 1897). No contexto das relações associativas, entendemos *signos concorrentes* como aqueles que poderiam estar na mesma constelação de palavras de um signo dado. No entanto, quando o genebrino coloca que a palavra “deverá cair” ou ser substituída quando não for mais “autônoma” (idem, ibidem) em um sistema, entendemos que Saussure está se referindo a fenômenos específicos da língua, como a sinonímia ou a analogia. Explicamo-nos.

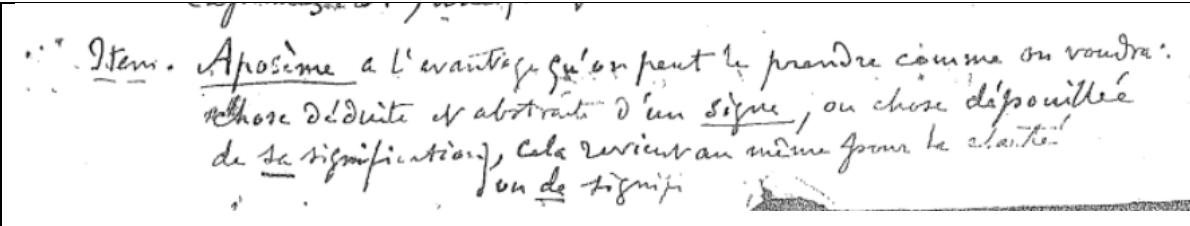
Em fenômenos como a sinonímia ou a analogia, temos palavras que “concorrem” com outras. No primeiro caso, por uma questão de significação semelhante; no outro, pela existência de duas formas fonéticas que concorrendo entre si em determinado estado de língua. Nesse sentido, se entendemos corretamente, nesses casos, também serão as relações associativas da língua que determinarão quais signos, de fato, prevalecem ou são escolhidos no sistema linguístico, o que dialoga diretamente com o que já discutimos (v. QUADRO 13 e discussão que segue), já que, como aponta Mejía (1999), “a noção de parasema cristaliza o arbitrário no nível sincrônico: ela implica o sistema, a natureza psíquica da unidade e a determinação momentânea – espacial e temporal – desse sistema, o parasema é, portanto, a incarnação do valor linguístico”⁸⁷ (p.242).

Esses pensamentos são corroborados se considerarmos o trecho rasurado (v. nota 85) como, em vez disso, sublinhado por Saussure. Ora, “se não há nada de importante a observar em um signo dado” (SAUSSURE, 1897), isto é, isolado dos outros, este signo não tem importância no todo da língua. Dito de outra forma, apenas os signos em relação parassêmica (ou de valor, nas palavras do *Curso*) fazem sentido em uma análise da língua.

⁸⁷ No original, em francês: « [...] la notion de parasème cristallise l'arbitraire au niveau synchronique : elle implique le système, la nature psychique et la détermination momentanée – spatiale et temporelle – de ce système, le **parasème** est ainsi l'incarnation de la **valeur synchronique**. » (destaques da autora)

Além das reflexões sobre o *parasema*, em *Notes Item* (SAUSSURE, 1897), o mestre genebrino cunha outro termo, o *apossema*. Veremos aqui, que embora esse termo procure dar conta apenas do aspecto fonatório da língua em diferentes contextos, ele dialoga com o sentido na medida em que parece se colocar como a parte material daquilo que o falante faz com a língua. Vejamos o que Saussure escreve.

QUADRO 25 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO


<p>Item. <u>Apossema</u> tem a vantagem de poder ser tomada como quisermos: coisa deduzida e abstrata de um <u>signo</u>, ou coisa extraída de <u>sua</u> significação [ou <u>de</u> signifi], isso ??? mesmo formar a ??? ou <u>de</u> signifi</p>

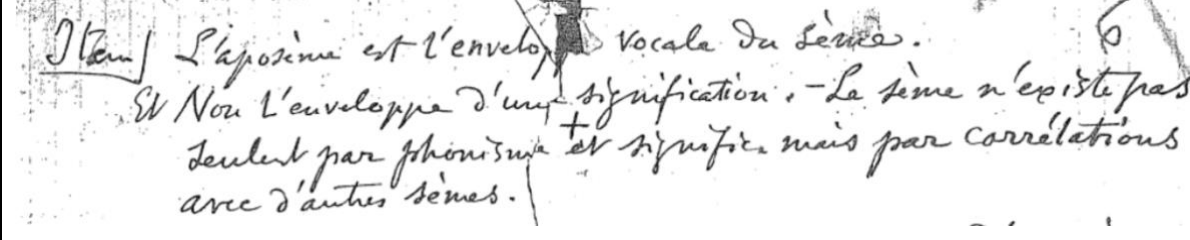
Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f005v

Em um primeiro olhar para essa nota, vemos Saussure definir *apossema* de duas maneiras. A primeira diz respeito a uma abstração do signo. A segunda, a algo extraído de sua significação. Embora ambas as noções nos deem ideia de algo que não seja concreto para a língua, elas podem nos alçar a dois patamares de interpretação.

Se levarmos em consideração a definição de *signo* como um conjunto sonoro, aquilo que pode ser abstraído dele, ou seja, que não é concreto para a análise da língua, essa abstração dirá respeito à fonação individual de cada indivíduo em detrimento das realidades fonológicas da língua. Entretanto, quando se considerarmos o sintagma “algo extraído de sua [do signo] significação” (SAUSSURE, 1897), talvez o que tenhamos aqui seja, uma concepção de *signo* definida como a união de som e sentido não ligados a um sistema, como vimos anteriormente. Assim, poderíamos pensar simplesmente no som de algo (já que falamos da extração da *significação* de um *signo*). De qualquer forma, acreditamos que, com *apossema*, podemos pensar em algo relativo à fonação ou ao som de um elemento da língua, mas o que exatamente ainda não nos fica claro nessa nota.

O pensamos ter claro, entretanto, é que o *apossema* diz respeito a algo que não faz parte de um conjunto. Termo derivado de *sema* (σημα), *apossema* incorpora o afixo apo- (ἀπό) que, em grego, significa “fora de” ou “afastado de”. Resta-nos compreender, todavia, se estamos lidando com algo fora do *sema* ou do *signo*, o que fica um pouco mais claro em outra nota de Saussure sobre o tema.

QUADRO 26 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

 <p>Item] L'apossema est l'enveloppe vocale du Sema. Et Non l'enveloppe d'une signification. - Le sema n'existe pas seulement par phonisme et signifié, mais par corrélations avec d'autres semas.</p>	<p>Item O apossema é o envelope vocal do sema. E não o envelope de uma significação. - O sema não existe apenas por fonação e significação, mas por correlação com outros semas.</p>
--	--

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f006

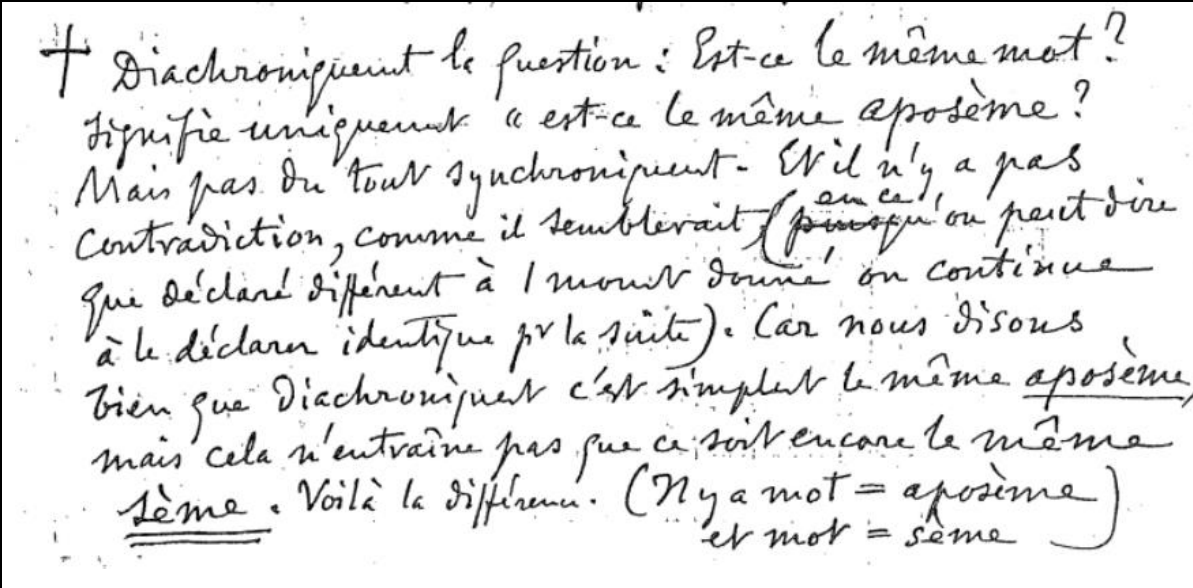
Nesse *Item*, temos uma pista melhor daquilo que deve estar “fora” do *apossema*. Nesta definição, o *apossema* é “o envelope vocal do sema e não o envelope de uma significação”. (SAUSSURE, 1897). Nesse sentido, haveria, dentro do pensamento saussuriano, o *sema*, que uniria o som e o sentido em uma unidade que faz parte de um sistema, e o *apossema*, que seria, para além do som que já está no *sema* (“o envelope de uma significação”), uma outra realidade vocal. Para Mejía (1999), essa definição apontaria para uma interpretação do *apossema* como uma “unidade de fala” (p.252). Mas que fala é essa?

Se entendermos a nota que complementa este trecho (o sema existe não por fonação e significação, mas por relação com outros semas), podemos inferir que a unidade de fala, esse envelope do sema, é aquilo que escapa ao linguista no trabalho com o sistema da língua em seu aspecto puramente relacional e negativo, é a positivação dos *semas* na cadeia da fala. Em outras palavras, são os sons que carregam e entregam, como um envelope, os *semas* para outro falante. É a parte física ou mecânica da enunciação⁸⁸.

⁸⁸ Aqui temos, talvez, um indício do sentido. Mesmo como uma unidade que pretende dar conta do físico e motor da fala, esta estaria presente, mesmo que indiretamente, naquilo que os falantes fazem com a língua – a falam (mesmo que não se deem conta disso). Se nos permitirmos ir mais longe em

Essas constatações, entretanto, nos levam a uma pergunta: seria o *apossema* um indício de uma linguística destinada à fala por parte de Saussure? Ou simplesmente um indício de separação de questões fonéticas (ligadas ao *apossema*) das fonológicas (ligadas ao *sema*) em uma análise dos sons da língua? Ou há ainda outra possibilidade de entendermos o vocábulo *apossema* para além disso? Vejamos outros trechos do manuscrito em que esse termo aparece a fim de procurarmos uma resposta para essas indagações.

QUADRO 27 – TRECHO MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

 <p>+ Diachroniquement la question: Est-ce le même mot? signifie uniquement « est-ce le même <i>aposème</i>? Mais pas du tout synchroniquement - Et il n'y a pas contradiction, comme il semblerait (^{en ce} parce qu'on peut dire que déclaré différent à 1 moment donné on continue à le déclarer identique par la suite). Car nous disons bien que diachroniquement c'est simplement le même <i>aposème</i>, mais cela n'entraîne pas que ce soit encore le même <u>sème</u>. Voilà la différence. (N'y a mot = <i>aposème</i> et mot = <i>sème</i>)</p>	<p>+ Diacronicamente, a questão: é a mesma palavra? significa unicamente “é o mesmo <i>apossema</i>?” Mas definitivamente não sincronicamente - e não há contradição, como poderia parecer, (desde ^{já} que podemos dizer que considerada diferente a 1 momento dado, continuamos a declará-la idêntica desse ponto em diante). Porque nós dizemos bem que, diacronicamente, é simplesmente o mesmo <u>apossema</u>, mas isso não implica que ele ainda seja o mesmo <u>séma</u>. Eis a diferença. (Há palavra = <i>apossema</i> e palavra = <i>séma</i>)</p>
--	---

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f009

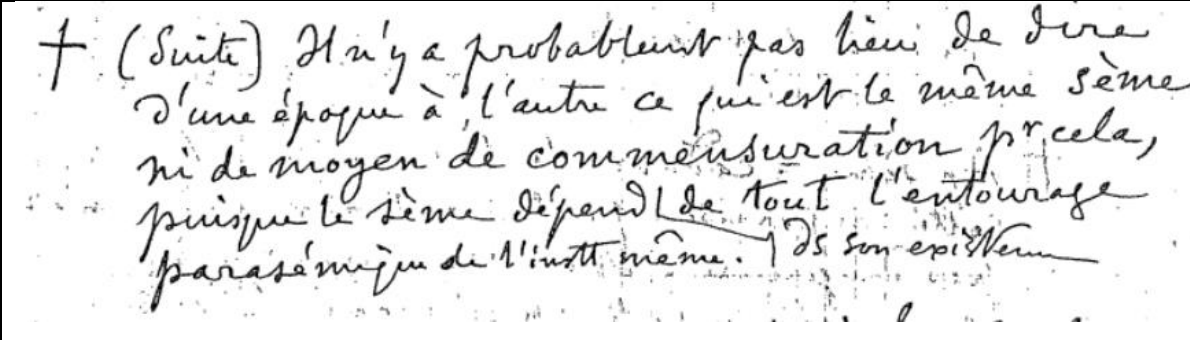
Neste trecho, notamos uma relação estabelecida entre *apossema* e os estudos diacrônicos da língua. Assim, o que parecer estar em jogo aqui é a questão da identidade linguística em diferentes momentos. Sobre essa questão, o *Curso* (SAUSSURE, 1916), nos traz o seguinte:

nossas elocubrações, poderíamos dizer que é o *apossema* que permite o funcionamento do “circuito da fala”, conforme ele é apresentado no *Curso* (SAUSSURE: 1916:27).

para que eu possa dizer que uma unidade persiste idêntica a ela, ou que tudo persiste como unidade distinta, mudou de forma ou significado - já que todas essas coisas são possíveis - devo saber o que tomo como base para afirmar que um elemento retirado de uma época, por exemplo, a palavra francesa *chaud*, é a mesma coisa que um elemento trazido para outra época, por exemplo, o latim *calidum*.⁸⁹ (p.249)

A isso, Saussure responde que essas duas palavras se constituem como identidades diacrônicas e que afirmá-lo indica que “elas passaram, de uma a outra, por meio de uma série de identidades sincrônicas **na fala**, sem que jamais o laço que as unia tivesse sido rompido pelas transformações fonéticas sucessivas”⁹⁰ por que passaram (idem, p.250 – negrito nosso). Logo, a identidade linguística diacrônica, que se dará pelo sentido, será também determinado e resultado da fala e do tempo. Assim, dizer que diacronicamente tratamos do mesmo apossema, significa dizer que tratamos de diferentes unidades (*semas*), mas que essas unidades têm uma identidade se comparadas em tempos diferentes (*apossemas*). Assim, vemos aqui uma outra definição de apossema: a de unidade diacrônica, tal como alerta Mejía (1999) em seu trabalho. Isso se confirma no trecho que segue essa nota.

QUADRO 28 – TRECHO MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

	<p>+ (Sequência) Não há provavelmente razão para se dizer de uma época a outra o que é o mesmo sema. nem de maneira de comensuração disso, já que o sema depende [em sua existência] de todo o entorno parassêmico do instante mesmo. em sua existência</p>
--	---

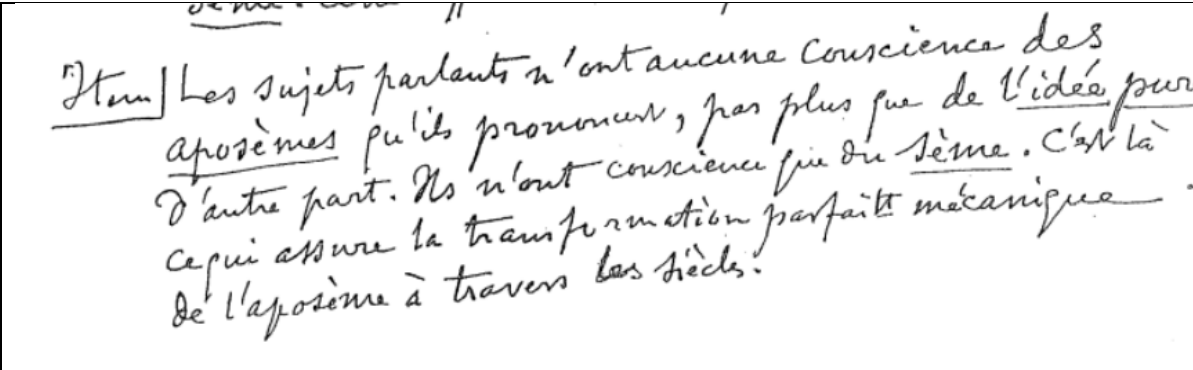
Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f009

⁸⁹ No original, em francês: [...] pour que je puisse dire qu'une unité a persisté identique à elle-même, ou que tout en persistant comme unité distincte, elle a changé de forme ou de sens – car tous ces sont possibles, - il faut que je sache sur quoi je me fonde pour affirmer qu'un élément pris à une époque, par exemple le mot français *chaud*, est la même chose qu'un élément pris à une autre époque, par exemple le latin *calidum*. (destaques dos autores)

⁹⁰ O trecho completo, no original, em francês: Or l'identité diachronique de deux mot aussi différents que *calidum* et *chaud* signifie simplement que l'on a passé de l'un à l'autre à travers une série d'identités synchroniques dans la parole, sans que jamais le lien qui les unit ait été rompu par les transformations phonétiques sucessives." (destaques dos autores)

Ora, se o *sema* muda porque o *entorno parassemico* também o faz, é porque, em uma diacronia, temos diferentes *apossemas*, conforme vimos acima, mas na sincronia da língua, o que vemos são relações diferentes entre diferentes signos em um sistema. Dito de outro modo, na comparação entre estudos sincrônicos da língua, as relações de valor entre os signos mudam porque tomam outra configuração de língua. Nesse sentido, por mais o que o *apossema* seja o mesmo – ou seja, que haja identidade diacrônica – os *semas* serão outros, pois houve reorganização interna do sistema da língua. Isso se confirma na seguinte nota:

QUADRO 29 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO


<p>Item Os sujeitos falantes não têm consciência alguma dos <u>apossemas</u> que eles pronunciam, muito menos do que a <u>ideia pura</u> por outro lado. Eles só têm consciência do <u>sema</u>. É isso que assegura a transformação perfeitamente mecânica do apossema através dos séculos.</p>

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f011v

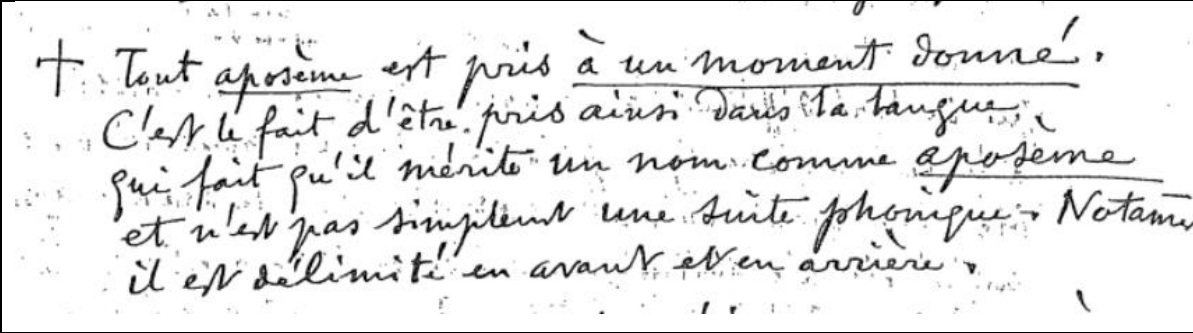
Analisemos primeiro a última parte desta nota: “É isso [a falta de consciência dos falantes sobre o apossema ou a ideia pura] que assegura a transformação perfeitamente mecânica do apossema através dos séculos” (SAUSSURE, 1897). Se aqui entendemos, como anteriormente, apossema como uma “unidade diacrônica” (MEJÍA, 1999), veremos que é justamente o fato de os falantes não terem consciência sobre como o tempo e as forças sociais agem sobre a língua, entendendo somente sua realidade sincrônica (a dos semas).

Assim, a transformação dos apossemas com o tempo nos remete àquilo que vemos no *Curso* (SAUSSURE, 1916) como as noções em volta da mutabilidade do signo linguístico (p.108 et passim). Há, entretanto, uma diferença teórica entre as duas noções. No *Curso* (op. cit.), a mutabilidade diz respeito ao constante deslocamento das relações entre significante e significado, podendo ser de ordem fonética, morfológica ou mesmo semântica, se considerarmos esses níveis de análise

em separado, e liga-se direramente à noção de arbitrariedade do signo linguístico e à sua imutabilidade e que diz respeito a “princípios semiológicos gerais” (idem, p.111) Entretanto, aqui vemos uma mudança que diz respeito somente à fonação, fora de um sistema de valores, se é que bem entendemos a noção de *apossema* como unidade diacrônica. Uma passagem, todavia, nos achama a atenção: “os **sujeitos falantes** não têm consciência alguma dos *apossesmas* que eles **pronunciam**” (SAUSSURE, 1897 - **negrito nosso**).

Se tomarmos o verbo pronunciar em sua acepção de ativar os órgãos fonatórios com o objetivo de emitir um som, talvez tenhamos na primeira linha desta nota realmente a noção de *apossema* como um envelope vocal em uma condição diacrônica. Entretanto, se o pensarmos junto com o sintagma “sujeitos falantes”, talvez nossa interpretação seja diferente e ligue *apossema* a uma das primeiras definições que vimos: à parte mecânica da enunciação ou, em outras palavras, à fala. Essa definição, que nos suscita uma dúvida sobre um outro ponto de análise nas notas saussurianas, pode também ser inferida do trecho que lemos a seguir.

QUADRO 30 – TRECHO MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO


<p>+ Todo <u>apossema</u> é tomado <u>em um dado momento</u>. É o fato de ser tomado também na língua que faz ele merecer um nome como <u>apossema</u> e não seja simplesmente uma sequência fônica. Notemos que ele é delimitado antes e depois.</p>

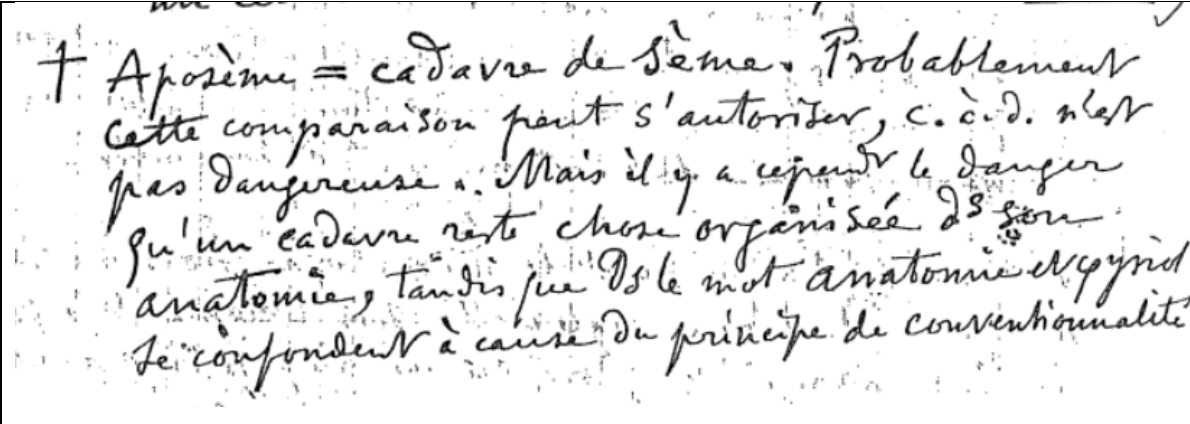
Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f009v

A primeira sentença desse trecho nos leva, mais uma vez, à ambiguidade do termo. Se um *apossema* pode ser tomado um dado momento, isso pode tanto significar que ele representa um dado linguístico diacrônico, isto é, de uma análise feita de um momento dado da língua, como fazer referência à eterealidade do momento da fala, que ocorre concomitantemente com a seleção de *semas* na língua.

A próxima sentença do trecho confirma nossa segunda hipótese, mas leiamo-la mais de perto.

Se é o fato de esse fenômeno ser também “tomado na língua” (SAUSSURE, 1897) e não ser “mera sequência fônica” (idem, ibidem) que o faz “merecer um nome como apossema” (idem, ibidem), então podemos inferir que há fenômenos que não são tomados na língua, que são mera sequência fônica e que não merecem o nome de apossema. Mas o que isso nos diz sobre o pensamento saussuriano nesse trecho? Isso parece nos apontar a maneira como Saussure vê a própria ambiguidade do termo. Segundo Mejía (1999), a fim de tentar desfazer a dubiedade criada pelo vocábulo *apossema*, o genebrino cunha outros termos como *intertoma*, que uniria tanto a “mera sequência fônica” diacrônica e sincrônica em um só termo, e “*soma*”⁹¹, que seria, a sequência de sons que não é tomado na língua sincrônica, faz parte do seu passado, o cadáver do sema, como vemos no seguinte quadro:

QUADRO 31 – TRECHO MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

 <p>+ Aposème = cadavre de Sème. Probablement cette comparaison peut s'autoriser, c. à d. n'est pas dangereuse. Mais il y a cependant le danger qu'un cadavre reste chose organisée d's son anatomie, tandis que le mot anatomie et <i>gynid</i> se confondent à cause du principe de conventionalité.</p>	<p>+ Apossema = cadáver de sema. Provavelmente essa comparação pode ser autorizada, quer dizer, não é perigosa. Mas há, no entanto, o perigo que um cadáver continua coisa organizada em sua anatomia, ao mesmo tempo em que na palavra anatomia e ??? se confundem por culpa do princípio da convencionalidade.</p>
--	--

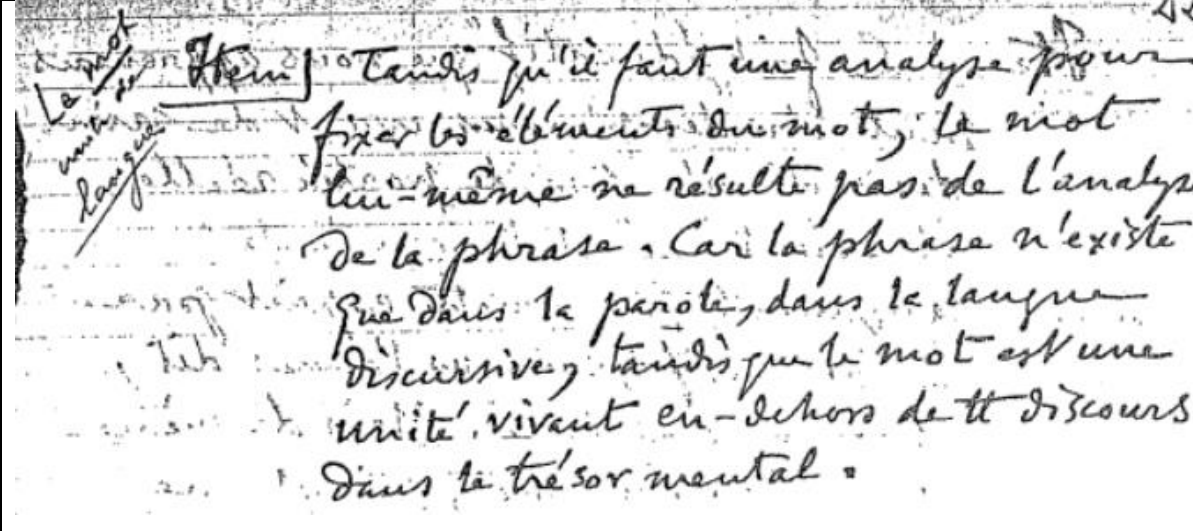
Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f022

⁹¹ Pelo fato de *intertoma* e *soma* aparecerem em pouquíssimas notas dentro do manuscrito *Notes Item* (SAUSSURE, 1897), decidimos não os abordar aqui. Consideramos, por outro lado, sua menção importante haja vista fazerem parte da formulação da elaboração teórica saussuriana e por serem, muitas vezes, tomados como sinônimos de apossema ou, ainda, de significante, como se vê, por exemplo, no *Lexique* de Engler (1968:13)

Aqui, *apossema* é o “cadáver de sema”, isto é, a materialidade que ficou de um sema na história da língua. Note-se que, mesmo assim, Saussure tem suas dúvidas sobre essa comparação, pois o cadáver poderia fazer pensar em um corpo todo organizado, tal como um sistema tomado em sua sincronia e relações, ou seja dos semas. Todavia, o que ainda nos chama atenção é o fato de *apossema* “poder ser tomado na língua” e ser mais do que uma “mera sequência fônica” (SAUSSURE, 1897), podendo ser entendido, portanto, como o envelope de *sema* e ser um fenômeno pertencente à fala, o que contraria o que muitos dizem ainda hoje sobre a teoria de Ferdinand de Saussure.

Ainda sobre a consideração da fala como ponto da teoria saussuriana, temos a seguinte nota manuscrita:

QUADRO 32 – ITEM MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

	<p>Item] Tandis qu'il faut une analyse pour fixer les éléments du mot, le mot lui-même ne résulte pas de l'analyse de la phrase. Car la phrase n'existe que dans la parole, dans la langue discursive, tandis que le mot est une unité vivante en-dehors de tout discours dans le trésor mental.</p>
<p>A palavra unidade de língua</p>	<p>Item</p> <p>Mesmo que seja necessária uma análise para fixar os elementos da palavra, a palavra ela mesma não resulta da análise da frase. Porque a frase não existe fora da fala, da língua discursiva, mesmo que a palavra seja uma unidade que vive fora de todo discurso no tesouro mental.</p>

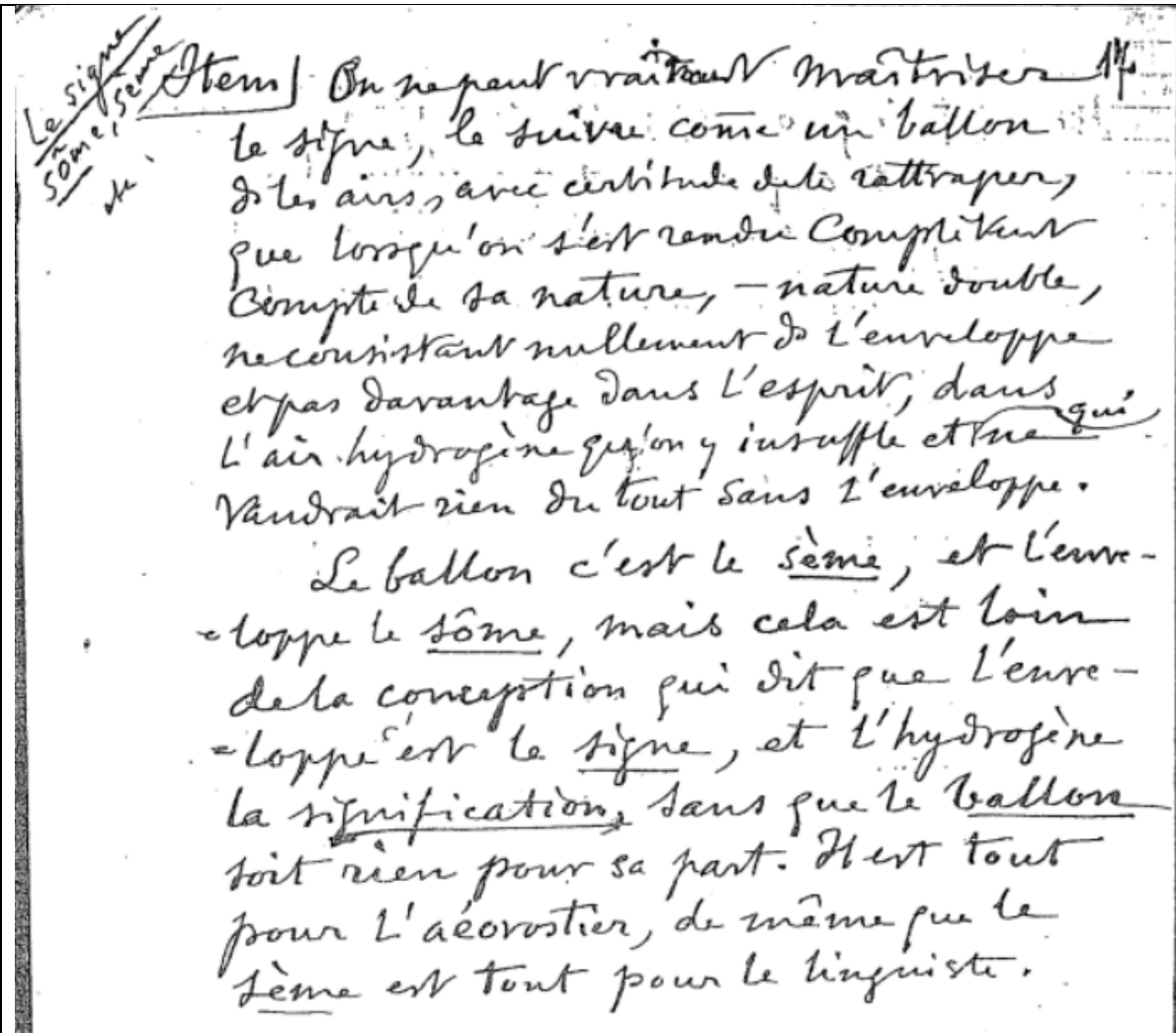
Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f022

Se considerarmos o que vimos até aqui, poderíamos nos interrogar se Saussure conjectura uma divisão entre unidades de língua (os *semas*) e uma unidade da fala (quem sabe, os *apossemas*). Embora não possamos afirmá-lo com certeza, essa nota nos remete mais uma vez à presença da fala na teoria saussuriana, já que

para o genebrino “a frase não existe fora da fala” (SAUSSURE, 1897). Então, se entendermos a frase como aquilo que é produzido pela língua, poderíamos reformular essa frase para a a língua não existe fora da fala, ou nas palavras de Saussure, da “língua discursiva” (idem, ibidem).

Diante de um percurso tão vasto em termos de unidades e fenômenos linguísticos somos levados a uma última interrogação: o que, de fato, o linguista deve buscar em sua análise? A resposta parece estar neste *Item*, em que Saussure reúne vários dos termos que cunhou.

QUADRO 33 – TRECHO MANUSCRITO E TRANSCRIÇÃO

	<p><i>Item On ne peut vraiment maîtriser le signe, le suivre comme un ballon d'air, avec certitude de le rattraper, que lorsqu'on s'est rendu complètement compte de sa nature, - nature double, ne consistant nullement de l'enveloppe et pas davantage dans l'esprit, dans l'air hydrogène qu'on y insuffle et que l'on voudrait rien du tout sans l'enveloppe.</i></p> <p><i>Le ballon c'est le <u>sêma</u>, et l'enveloppe le <u>soma</u>, mais cela est loin de la conception qui dit que l'enveloppe est le <u>signe</u>, et l'hydrogène la <u>signification</u>, sans que le <u>ballon</u> soit rien pour sa part. Il est tout pour l'aérostier, de même que le <u>sêma</u> est tout pour le linguiste.</i></p>
<p>O signo <u>soma, sêma,</u> etc.</p>	<p>Item Não se pode realmente controlar o signo, segui-lo como um balão pelos ares com a certeza de alcançá-lo, já que uma vez que nos damos conta [???] conta de sua natureza, - natureza dupla, que não necessita de envelope tampouco da mente, no ar hidrogênio com que nós lhe enchemos e [que] não ^{que}</p>

diria nada sem o envelope.
O balão é o sema, e o envelope, o soma, mas isso está longe da concepção que diz que o envelope é o signo, e o que hidrogênio a significação, sem que o balão seja nada por sua parte. Ele é tudo para o balonista, assim como o sema é tudo para o linguista.

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f017

Primeiramente, temos aqui uma reflexão sobre a natureza dupla e imprevisível do *signo*: dupla porque se constitui de som e ideia; imprevisível porque essas relações não podem ser alcançadas ou motivadas pela simples vontade do falante. Há, aqui, no entanto, uma aparente contradição - diz-se que tanto o envelope (o *apossema*) como a mente são nulos para o controle do *signo*, mas que sem o envelope nada se diria. Pensemos sobre isso.

Mais uma vez, temos aqui duas noções em jogo. A primeira, que afirma a nulidade do envelope e da mente dizem respeito, ao nosso ver, à convencionalidade e à arbitrariedade das relações intrassígnicas. Isto é, tanto o som quanto a ideia são nulos sozinhos quando pensamos diacronicamente, pois essas relações se refazem constantemente no sistema da língua, ou sincronicamente, pois a união das duas grandezas é imotivada e só vale em sua negatividade, não se podendo dizer a uma unidade aquilo que ela deve significar. A segunda grandeza, pensamos, é relacionada ao peso da fala na língua: sem o envelope (a fala⁹²), nada se diz e, portanto, não há língua. Podemos, portanto, pensar em dois envelopes diferentes: um que corresponde à língua, ao sema, e outro, à fala, ao discurso.

Além disso, temos um esclarecimento sobre a diferença dos termos *sema*, *soma*, *signo* e *significação*. Pelo que já expomos aqui e vimos ao longo de *Notes Item* (SAUSSURE, 1897), *sema* corresponde à unidade linguística sincrônica, ligada a um sistema, enquanto *soma* à maneira como essa unidade vem ao mundo, à fonação (sinônimo aqui de *apossema*). *Signo* diz respeito ao som que é ligado a uma ideia, enquanto a *significação* pode ser entendida, aqui, como a ideia em si. Veja-se, aqui, mais uma vez, o esforço de Saussure em separar os fatos e unidade da língua e da

⁹² Note-se que, na teorização saussuriana, a fala vai além da simples fonação, de modo que quando afirmamos que “sem fala não há língua”, referimo-nos àquilo que é feito pelo sujeito que se apropria de uma língua, o que engloba, também, línguas de sinais, como LIBRAS e ASL, por exemplo.

fala das abstrações isoladas que permeavam a linguística de seu tempo. Mas afinal, de tudo isso, o que importa para o linguista? A resposta, pensamos, vem em duas maneiras.

Saussure afirma que o balão é tudo para o balonista, assim como o *sema* é tudo para o linguista. Como o balão, nessa alegoria, é constituído de várias partes, e sem o gás hidrogênio e seu envólucro, não haveria balão, entendemos poder reescrever essa frase da seguinte forma: o falante só sabe de sua fala e daquilo que nela significa⁹³. O linguista, por outro lado, a partir da fala, analisa as relações da língua, dividida em *semas*. Os objetos são distintos, mas são interdependentes.

Assim, essa seção apresentou uma análise minuciosa da compreensão evolutiva de Saussure sobre as unidades linguísticas, dando foco particularmente aos termos *parassema* e *apossema*. Esses termos, além de evidenciarem a insatisfação de Saussure com a terminologia a ele contemporânea, destaca sua busca por precisão e clareza conceitual de como via os fenômenos da língua. Ao cunhar *parassema*, aponta-se para suas percepções sobre a interação sincrônica dos signos linguísticos (*semas*), enquanto *apossema* introduz, ainda que ambigualmente, a parte fugaz da diacronia, sendo caracterizado ora como “cadáver de sema” ora “envelope de sema”, este último, pensamos, dando foco aos momentâneos da “língua discursiva”. Além disso, vimos como o sentido se coloca na relação desses termos: no *parassema*, ele está ligado ao valor linguístico; no *apossema*, seja ele envelope ou cadáver, ele parece estar ligado ao que surge a partir dessa noção – a frase, composta de palavras que servirão à língua.

4.4 O lugar do sentido em *Notes Item*

Chegando ao final deste trabalho, tentamos analisar o papel central do sentido na elaboração da teoria linguística de Saussure, utilizando o manuscrito *Notes Item* como base de nossas observações. Dessa forma, pudemos ver que o sentido não é um conceito estático, mas sim um elemento multifacetado que se manifesta de diversas maneiras: como um fato psicológico, como a força unificadora na busca por uma unidade linguística (a união obrigatória entre som e sentido), como a condição

⁹³ Isso nos faz pensar que mesmo os elementos « envelope » possam ter um lugar, ainda que não explícito, no lugar que o sentido ocupa no desenvolvimento da teoria saussuriana.

para a delimitação dessas unidades, como os valores intrínseco à língua e como um possível produto daquilo que Saussure chama *língua discursiva*. Tal complexidade, acreditamos, se destaca na constante (re)formulação de conceitos por Ferdinand de Saussure.

Neste último capítulo, especialmente, concentramo-nos sobre a maneira como o sentido pode ser integrado a uma análise linguística, examinando como a semântica faz parte da morfologia e vice-versa. Isso nos levou à questão da concepção das unidades linguísticas por parte de Saussure, de forma que exploramos como o genebrino busca definir e nomear essas unidades, evidenciando as dificuldades inerentes a esse processo. Assim, chegamos ao fato da inseparabilidade do som e do sentido na análise da língua.

Essa conclusão, entretanto, parece ser fruto de uma inquietação demonstrada de diversas formas no manuscrito que aqui apresentamos. Isso se dá, pensamos, pelo fato de *Notes Item* (SAUSSURE, 1897) apresentar-se como um espaço de intensa atividade intelectual, revelando o pensamento de Saussure em constante construção. Seja por meio de rasuras, adições ou períodos inacabados, o manuscrito acompanha a busca contínua por uma definição precisa e abrangente dos fenômenos linguísticos. O sentido, ali, emerge como fio condutor, guiando a investigação e fornecendo não só a chave para se compreenderem fenômenos como a proposição, a elipse, a analogia e a sinonímia, como também a inquietude um Saussure preocupado com o fazer linguístico.

Além disso, nossa análise nos mostra como termos criados por Saussure —, *sema*, *soma*, *apossema* e *parassema* — ressaltam as suas múltiplas facetas de unidades e fatos da língua, assim como a imbricação entre os planos sincrônico e diacrônico. Ao revisitarmos as noções de *apossema* e *parassema*, por exemplo, destacamos não somente as relações entre signos linguísticos no sistema, mas pensamos também na mudança linguística, que pode se dar por meio da analogia e da criação parassêmica. Além disso, destacamos que termos como aqueles que já citamos não são meros rótulos terminológicos, mas sim reflexos de uma abordagem epistemológica que busca analisar a língua em sua totalidade, incluindo seus aspectos materiais e mentais. Dessa forma, vemos que o sentido age como um *fio de Ariadne* no labirinto de dúvidas e ambiguidades enfrentados por Saussure, guiando a investigação e revelando a dinâmica interna da língua, bem como o papel dos falantes em sua criação e transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso desta tese, tentamos demonstrar que questões ligadas ao sentido, ainda que de maneira mais ampla, ligam-se intimamente às notas que compõem o manuscrito *Notes Item*. Este documento foi escrito em meados dos anos 1880 por Ferdinand de Saussure, segundo constatado pelo seu catalogador, Rudolf Engler, que o publicou em sua edição crítica do *Curso*, em 1974 e, dentro dos estudos saussurianos, ainda suscita dúvidas e discussão sobre seu conteúdo, por vezes, enigmático. Nesse sentido, antes de mergulharmos, de fato, nas notas do manuscrito, julgamos necessário retomar aquilo que aprendemos no caminho de nossa pesquisa.

No primeiro momento de nossa jornada, analisamos como as questões relacionadas ao sentido eram tratadas nos estudos linguísticos no tempo de Saussure. A questão do sentido na linguagem estava presente nos estudos linguísticos contemporâneos a Saussure, embora muitos desses estudos tenham focado suas lentes na evolução e mudança do sentido, como sintetizado por Paul (1886), que via a língua como uma transmissão pura do pensamento e a mudança de sentido como reflexo da mudança de pensamento de uma comunidade linguística. No entanto, Bréal (1897) e Whitney (1875) divergiam dessa visão, reconhecendo na linguagem um caráter arbitrário e convencional. Bréal, além disso, relaciona tal arbitrariedade com o mundo. Ambos viam a linguagem como pertencente aos falantes, com o sentido mudando por causa dessa comunidade, posicionando os estudos linguísticos dentro das ciências sócio-históricas e destacando o papel dos falantes nas análises da língua. Meillet, em seu trabalho de 1906, também se opôs à visão dominante no século XIX, considerando a língua como um fato social e atribuindo as mudanças de sentido aos contatos sociais entre diferentes comunidades linguísticas. Saussure, no entanto, parece ter pensado em alguns desses pontos e ido além deles, em seu pensamento em constante reformulação.

Após estudarmos a maneira como o sentido era tratado na linguística do século XIX, pavimentamos a estrada para a análise do manuscrito *Notes Item* voltando nossos olhos aos problemas teórico-metodológicos da análise de fontes documentais. Do ponto de vista teórico, discutimos a necessidade de se utilizar um manuscrito ou documento em sua forma original em detrimento de sua edição. Mesmo reconhecendo os pontos fortes de cada abordagem, entendemos que o uso do fac-

símile de *Notes Item* seria mais adequado aos objetivos de nosso trabalho, cujo foco é na leitura do pensamento em (re)construção do mestre genebrino. Feito isso, pensamos em como, metodologicamente, poderíamos analisar o manuscrito escolhido. Nesse sentido, entendemos que é o olhar atento para essa riqueza intra e extratextual que resume a maneira como desejamos trabalhar com o documento.

Antecipando as análises do manuscrito *Notes Item*, refletimos sobre as razões pelas quais escolhemos o documento em questão e como ele dialoga com nosso objetivo de pesquisa: entender o lugar do sentido na teoria saussuriana em elaboração. Por considerarmos que as críticas mobilizadas nas notas nele presentes, além da tentativa de definição de termos relativos a um objeto linguístico de uma ciência ainda, aparentemente, perdida em sua diversidade de abordagens, giram em torno do esforço da união da análise do sentido à da forma em um sistema linguístico, pensamos ser esse um manuscrito rico para a análise a que nos propúnhamos. Mais do que isso, pensamos na problemática que ronda a leitura e análise de um texto com tantas camadas como um manuscrito. Assim, com o objetivo de deixá-lo menos obscuro para a leitura nesta tese, mas sem perdermos sua essência, optamos pela utilização de um esquema de transcrição que varia entre o linear e o semi-diplomático, a depender do trecho analisado, em tradução para língua vernácula, apresentando as convenções de escrita de que lançamos mão em nossas transcrições.

Chegando, de fato, à análise do manuscrito *Notes Item*, pudemos notar, primeiramente, que as temáticas das notas de Saussure são recorrentes durante o documento. As primeiras delas parecem concentrar-se em expressar a insatisfação do genebrino em relação àquilo que ele chama de “pensamento horizontal da língua”, ou seja ao fato de só se considerarem, para análise linguística, aquilo que aparece em um eixo sintagmático da língua. Nesse ponto, Saussure insiste sobre a existência de um eixo vertical da língua e que a forma e o sentido (cuja importância de serem consideradas como apenas um elemento é constantemente ressaltada) de um elemento linguístico se dão além da sintagmatização, sendo presentes na ausência dos elementos que nela poderiam aparecer. Consideramos, por outro lado, que esse ponto é apenas um dos vários que nos mostram como Saussure via os fenômenos da língua, em especial a (falsa) relação entre língua e pensamento. Nessa discussão, também demonstramos como Saussure analisa fenômenos linguísticos como a elipse, a mudança analógica e a sinonímia. Todos esses pontos parecem ser

interligados por um princípio de análise: a consideração do sentido na língua, de modo que tanto a elipse, a analogia e a sinonímia parecem depender do sentido que a massa falante imprime à língua ao mobilizá-la.

Um segundo ponto bastante presente no manuscrito são os diversos movimentos terminológicos no que tange a definição das “partes” de uma unidade linguística. Aqui, Saussure parece deparar-se com dois grandes problemas: um deles é a nomenclatura já utilizada em linguística no século XIX, que parece convergir em torno de signo ou termo, mesmo que suas referências não fossem claras ou que pouco dissessem sobre as questões teórico-epistemológicas do fazer linguístico de sua época. Assim, ao considerar o sentido, que parece conduzir toda análise linguística, o pai da linguística moderna se esforça em tentar nomear e definir como cada elemento, assim como suas relações entre si e com o outro seriam, se fossem considerados em si. Com isso, Saussure chega a nomes como *sema*, *parasema*, *apossema*, entre outros. *Sema* representa a unidade linguística sincrônica, que considera, antes de tudo, a união do som e do sentido e das suas relações intralinguísticas. *Parasema* é a representação daquilo que conhecemos como valor linguístico, especialmente em seu plano das associações, para nos utilizarmos da nomenclatura que encontramos no *Curso* (SAUSSURE, 1916). *Apossema*, por fim, tenta dar conta da parte mecânica da fala, daquilo que temos acesso quando ouvimos alguém falando, podendo ser considerada, também como uma unidade fônica da diacronia linguística.

Sublinhe-se, no entanto, que a troca de termos por parte de Saussure não é uma questão que se possa reduzir à terminologia, mas sim, a um movimento epistemológico que tenta aliar suas visões dos processos da língua e do fazer linguístico a palavras que os delimitem melhor.

Ainda no rol da discussão das unidades linguísticas, notamos um ponto genético interessante: as notas que tratam desse assunto durante o manuscrito são aquelas que apresentam mais marcas de uma escrita conflitante. Explicamo-nos: são nessas notas, em comparação com as outras do manuscrito *Notes Item*, em que, em termos textuais, há mais hesitações, sentenças incompletas e adendos ou contradições nas definições, o que denuncia, como já apontado por Silveira (2007, 2022), um pensamento teórico em constante (re)construção. Além dos aspectos textuais *stricto sensu*, essas também são as notas que trazem mais palavras e/ou trechos inteiros rasurados ou com apontamentos de troca de lugar. Ainda sobre as

rasuras, aqui elas assumem papéis além daqueles editoriais como de reescritura, adição ou mudança de lugar de uma palavra. Parece-nos que, aqui, as rasuras e os brancos ocupam lugares em que a definição de algo se faz mister.

Com base em nossas leituras do documento analisado, arriscamo-nos, afinal, a afirmar que o sentido se coloca como problema epistemológico na construção do quadro teórico da linguística saussuriana e que seu lugar em *Notes Item* (SAUSSURE, 1897) assume diversas formas: a concepção do sentido puramente psicológico, na sua importância para a constituição e separação de uma unidade linguística, na junção com a forma na constituição do sema ou, ainda, no parassema com a relação com outros semas etc. Para nós, essa possibilidade também se confirma pelo fato de haver uma preocupação constante de Saussure de que o sentido sempre faça parte da análise da realidade linguística da língua. Isso pode ser visto tanto na análise que o genebrino faz dos fenômenos linguísticos tanto na sua busca em delimitar um objeto para a linguística. Ao apontar isso, notamos uma ruptura com aquilo que era feito na linguística de seu tempo, já que o genebrino adiciona um fator importante à análise do sentido na língua, que, ou era ignorado em análises focadas nas formas sonoras de uma língua, sua mudança e parentescos com outras línguas, ou, ainda, era considerado apenas em sua mudança ao longo do tempo, sendo, na maioria dos casos, restritos a uma definição que o caracteriza como um referente, algo ligado diretamente ao mundo físico.

Dito isso, vê-se que o sentido que Saussure aponta como relevante nos fatos da língua é aquele que, além de ligado indissociavelmente a uma forma, existe na língua pela relação que tem com todos os outros que nela também (não) existem, mesmo que aquele sentido ligado aos fatos do mundo não seja completamente desconsiderado. Finalmente, ao afirmar que é o *sema* (*signo linguístico*), ou seja, o sentido em relação ao som e também em relação a outros sentidos ligados a um outros sons é tão importante para o linguista quanto o balão o é para o balonista, parece que além de nos dizer que a ligação da forma a um sentido é de suma importância para a análise da língua, Saussure parece responder a uma de suas preocupações confessadas a Meillet: mostrar ao linguista o que ele faz é, no fim das contas, mostrar que fazer linguística é significar - ou em termos mais exatos: é entender que a análise da língua e das línguas depende (também) da significação.

Por fim, além do que colocamos aqui, durante nosso caminho, notamos alguns outros aspectos que nos convidam a serem explorados em próximas pesquisas. Do

ponto de vista filológico, a menção a Bréal e a datação do manuscrito são pontos interessantes a serem retomados, haja vista o assunto mencionado por Saussure, a elipse, aparece não apenas nas obras de Bréal de 1897 (*La Sémantique* e *Essai de Sémantique*), como em suas obras de três décadas anteriores (BRÉAL, 1868). Já do ponto de vista teórico, propomos dois pontos a serem explorados com maior profundidade em trabalhos futuros: a preocupação do mestre genebrino com a perspectiva semântica na língua e a possibilidade de pensar uma teoria semântica saussuriana a partir das análises que o genebrino faz de fenômenos da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, S. de F. *Uma visão panorâmica da psicologia científica de Wilhelm Wundt*. In: **SCIENTIÆ studia**. São Paulo: v. 7, n. 2, p. 209-20, 2009

ARISTÓTELES. [s/d] **Da Interpretação**. São Paulo: Editora da UNESP, 2013.

BAGHERI, T. *Étude sur la formation du verlan dans la langue française*. **Pazhuheshe Zabanhaye Khareji**, 53, 2009. pp. 5-12

BENVENISTE, É. *Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet*. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, v. 21. Genève: Librairie E. Droz, 1964. pp. 91-125.

BENVENISTE, É. [1964]. *Les niveaux de l'analyse linguistique*. In: _____. **Problèmes de Linguistique Général I**. Paris: Éditions Galimard, 1966.

BOUQUET, S. [1997]. **Introdução à Leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 2000.

BOUQUET, S. *Introdução*. In: SAUSSURE, F. de. [2002] **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

BRÉAL, M. **Les Idées latentes du langage**. Paris: Hachette, 1868.

BRÉAL, M. [1897] **Ensaio de Semântica**. São Paulo, EDUC/Pontes, 1992.

CAMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CASTRO, M. F. P. de. *Sobre a analogia na reflexão saussuriana*. In: **DELTA: Documentação e Estudos Em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 34 (3), 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/39633>

DE MAURO, T. *Notes*. In: SAUSSURE, F. de. **Cours de Linguistique Générale**. Paris: Éditions Payot et Rivages, 1967.

DERRIDA, J. [1967]. **De la grammatologie**. Paris: Éditions de Minuit, 2006.

DUCROT, O. **Estruturalismo e Linguística**. 2ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1968.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

ENDRUWEIT, M. L. **A escrita enunciativa e os rastros da singularidade**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

ENGLER, R. **Lexique de la terminologie saussurienne**. Utrecht-Anvers, Spectrum: Comité international permanent des linguistes. Publication de la commission de terminologie, 1968.

FARACO, C. *Os estudos pré-saussurianos*. In: MUSSALIN, F. **Introdução à Linguística: Fundamentos Epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2011

FLORES, V. do N. **Problemas Gerais da Linguística**. Petrópolis: Vozes, 2019.

FLORES, V. do N. **A Linguística Geral de Ferdinand de Saussure**. São Paulo, Contexto, 2023.

FLORES, V. do N.; HOFF, S. L. *Saussure em francês e Saussure em português: eles dizem (quase) a mesma coisa?* **Todas as Letras** – Revista de Língua e Literatura, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 1-16, maio/ago. 2020.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7.^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 20.^a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

GADET, F. **Saussure**: une science de la langue. Paris: PUF, 1987.

GODEL, R. *Inventaire des manuscrits de F. de Saussure remis a la Bibliothèque publique et universitaire de Genève*. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**. n. [17](#), pp. 5-11. Genebra: Librairie Droz, 1960

GRÉSILLON, A. **Elementos de Crítica Genética**: Ler os Manuscritos Modernos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas: Pontes, 2002.

HARRIS, R. **Saussure and his interpreters**. Edimburgo: Edimburg University Press, 2003.

HEGEL, G. W. F. [1816] **Ciência da lógica** – vol. 3: A doutrina do conceito. Petrópolis: Vozes, 2018.

JOSEPH, J. E. **Saussure**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

HAGEGE, C. (org.) *Extraits de la correspondance de N. S. Troubetzkoy*. In: **La Linguistique**, n. 3, v. 1, p.109-136, 1967.

HENRIQUES, S. **O caso mais grosseiro da semiologia**: o que Saussure pode nos dizer sobre os nomes próprios? Campinas: Editora da ABRALIN, 2021.

KOERNER, K. [1988] *Meillet, Saussure e a Linguística Geral*. In: MEILLET, A. **A Evolução das Formas Gramaticais** – BAGNO, M. (org.). São Paulo: Parábola, 2020.

KOERNER, K. [1973] **Ferdinand de Saussure**: origin and development of his linguistic thought in western studies of language. Braunschweig: Fried. Vieweg, 2013.

KOERNER, K. [1980] *L'importance de William Dwight Whitney pour les jeunes linguistes de Leipzig et pour F. de Saussure*. In: **Linsgvisticae Investigationes**, v. 4 pp. 379-94.

LIMA, H.; MELO, F. M. *Reflexões sobre fatos de sinonímia nos manuscritos de F. de Saussure*. In: **Leitura**, v. 1, nº 62, jan/jun, 2019

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1979.

LOCKE, J. [1690]. **Ensaio sobre o entendimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

MARQUES, A. C. M. **O enigma saussuriano do ponto de vista-objeto**. Tese de Doutorado. Uberlândia: UFU, 2021.

MATTOS E SILVA, R. V. **Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola, 2008.

MEILLET, A. [1905] *Como as palavras mudam de sentido*. In: _____. **A Evolução das Formas Gramaticais** – BAGNO, M. (org.). São Paulo: Parábola, 2020.

MEJÍA, C. *L'apostrophe, unité de la parole*. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, v.52, pp. 237-252. Genebra: Librairie Droz, 1999.

MILNER, J-C. [1989] **Introdução a uma ciência da linguagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

MILNER, J-C. **Le périple structural: figures et paradigme**. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

NERLICH, B.; CLARKE, D. **Language, Action, and Context: The early history of pragmatics in Europe and America, 1780-1930**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1996.

NORMAND, C. *Le CLG: une théorie de la signification?* In: _____. **La quadrature du sens**. Paris: PUF, 1990.

NORMAND, C. *Saussure: une épistémologie de la linguistique*. Atas de Colóquio, Séoul, 2007.

NORMAND, C. [2000] **Saussure**. Coleção Figuras do Saber. Volume 23. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

OSTOFF, H.; BRUGMANN, K. **Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen**. Vol. 1. Leipzig, 1878.

PALO, M. de. *Saussure et les sémantiques post-saussuriennes*. In: SAUSSURE, L. de (Org.) **Nouveaux regards sur Saussure**. Genebra: Librairie Droz, 2006.

PALO, M. de. **L'invention de la Sémantique**. Bréal et Saussure. Paris: Lambert-Lucas, 2016.

PASSÉ. In: *LAROUSSE*, Dictionnaire de Langue Française. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/pass%C3%A9/58464#158369> . Acesso em 28/12/2024.

PAUL, H. [1880] **Princípios Fundamentais da História da Língua**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

PARRET, H. **Le son et l'oreille**: six essais sur les manuscrits saussuriens de Harvard. Paris: Lambert Lucas, 2014.

PUECH, C.; RADZYNKY, A. *La langue comme fait social*: fonction d'une évidence. In: **Langages**, v. 49, março de 1978.

RASTIER, F. **Saussure au futur**. Paris: Éditions Belles Lettres, 2015.

RASTIER, F. **De l'essence double du langage et le renouveau du saussurisme**. Limoges: Lambert-Lucas, 2016.

ROSÁRIO, H. M. *Signo*. In: AZEVEDO, T. M.; FLORES, V. do N. **Estudos do discurso**: conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 2024.

SALLES, C. A. **Crítica Genética**: Fundamentos dos Estudos Genéticos Sobre o Processo de Criação Artística. São Paulo: EDUC, 2008.

SAUSSURE, F. de. [1907]. **Premier cours de linguistique générale** – d'après les cahiers d'Albert Riedlinger. Edição de texto em francês de E. Komatsu. Oxford: Pergamon, 1997.

SAUSSURE, F. de. [1916]. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Parábola, 2021.

SAUSSURE, F. de. [2002] **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAUSSURE, F. de. **Notes Item**. Manuscrito. [1897?]

SAUSSURE, F. de. [1879] **Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes**: de l'emploi du génitif absolu en sanscrit. Cambridge: Cambridge University Press, 2009

SAUSSURE, F. de. **De l'Essence Double du Langage**. Manuscrito. [1891?].

SEIDE, M. S. *A semântica de Michel Bréal*: uma abordagem baseada no uso. In: **Cadernos do IL**, n.º 44, pp. 97-116, 2012.

SIGNIFIER. In: *LAROUSSE*, Dictionnaire de Langue Française. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/signifier/72712>. Acesso em 20/12/2024.

SILVA, S. Proposição, frase, período: uma questão epistemológica ou hermenêutica? In: **Revista do GEL**, v. 16, n. 2, pp. 129-144, 2019.

SILVA, K. A. da. A analogia e o sentimento do falante em Saussure. In: **DELTA: Documentação e Estudos Em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 39, n.3, 2019.

SILVA E LIMA, T. R. **Saussure: a escrita e a tradução dos conceitos de linguagem, língua e fala**. Dissertação de mestrado. Uberlândia: PPGEL/UFU, 2014.

SILVEIRA, E. M. **As Marcas do Movimento de Saussure na Fundação da Linguística**. São Paulo: Mercado de Letras, 2007.

SILVEIRA, E. M. *Ensaio sobre a variedade de rasuras em alguns manuscritos de Saussure*. In: **DELTA** v. 34, n. 3, Jul-Sep 2018

SILVEIRA, E. M. **A Aventura de Saussure**. Campinas: Editora da Abralin, 2022. Coleção Altos Estudos em Linguística.

SOFIA, E. *Quelques problèmes philologiques posés par l'oeuvre de Ferdinand de Saussure*. In: **Langages**, n. 185, v. 1, 2012.

SOUZA, M. de O. **Os anagramas de Saussure: entre a poesia e a teoria**. Tese de Doutorado. Uberlândia: UFU, 2012.

SORTICA, M. M. *Saussure frente a seus contemporâneos: uma análise das questões relativas ao sentido nos primeiros capítulos do manuscrito De l'Essence Double du Langage* In: **Revista Investigações**, Recife, v. 34, n. 2, p. 1 - 24, 2021

STAROBINSKY, J. **As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

TESTENOIRE, P.-Y. Transcrire des écrits scolaires: entre philologie et génétique textuelle. **Corpus [en ligne]**, n. 16, 2017.

TURRA, B. **Ferdinand de Saussure e seu saber-fazer com a escrita: ou do que se circunscreve de um enigma**. Campinas: Mercado das Letras, 2023.

WILLEMS, K. *Saussure on synonymy*. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**,. v.74, pp. 115-134. Genebra: Librairie Droz, 2021.

WHITNEY, W. D. [1875] **A Vida da Linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2010.

APÊNDICES

TRANSCRIÇÃO 1

<p>Item] Aucun 3</p> <p>X Tout psychologue moderne ou ancien, en faisant allusion à la langue, ou en la considérant même comme véhicule essentielle de la pensée, n'a eu un seul instant une idée quelconque de ses lois.</p>	<p>Item</p> <p>X Tout^{Aucun} psychologue moderne ou ancien, en faisant allusion à la langue, ou en la considérant même comme véhicule essentielle de la pensée, n'a eu un seul instant une idée quelconque de ses lois.</p>
--	--

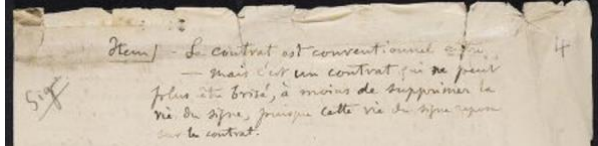
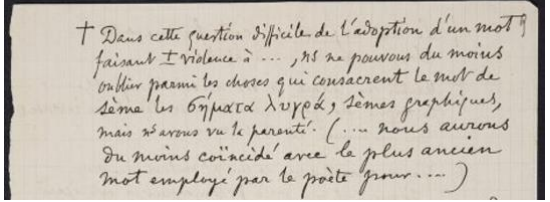
Fonte: SAUSSURE (1897) – Ms.Fr.03951/15.f003

TRANSCRIÇÃO 2

Tous sans exception se figurent la langue comme une forme fixe, et tous aussi sans exception comme une forme conventionnelle. Ils se meuvent, très naturellement dans ce que j'appelle la tranche horizontale de la langue, mais sans la moindre idée des phénomènes sociaux ^{o-formes} qui entraînent immédiatement le tourbillon des signes dans la colonne verticale, et défendent alors d'en faire ni un phénomène langage fixe ni un langage conventionnel, puisqu'il est le résultat incessant de l'action sociale imposé hors de tout chose.

Tous sans exception se figurent la langue comme une forme fixe, et tous aussi sans exception comme une forme conventionnelle. Ils se meuvent, très naturellement dans ce que j'appelle la tranche horizontale de la langue, mais sans la moindre idée du phénomène social ^{o-historique} qui entraîne immédiatement le tourbillon des signes dans la colonne verticale, et défend alors d'en faire ni un phénomène [langage] fixe ni un langage conventionnel, puisqu'il est le résultat incessant de l'action sociale, imposé hors de tout ???

TRANSCRIÇÃO 3

	
<p>Item - Le contrat est conventionnel et se -- mais c'est un contrat qui ne peut <u>Signe</u> plus être brisé, à moins de supprimer la vie du signe, puisque cette vie du signe repose sur le contrat.</p>	<p>+ Dans cette question difficile de l'adoption d'un mot faisant +/- violence à ... , nous ne pouvons du moins du moins oublier parmi les choses qui consacrent le mot de sème les σῆματα λυγρά, sèmes graphiques, mais nous avons vu le parenté. (... nous aurons du moins coïncidé avec le plus ancien mot employé par le poète pour ...)</p>

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f004 e Ms.Fr.03951/15.f009

TRANSCRIÇÃO 4

Item 1 Le seul mot d'ellipse a
 un sens qui devrait faire réfléchir.
 Un tel terme paraît supposer que
 nous savons initialement de combien
 de termes devrait se composer la
 phrase, et que nous y comparons
 les termes dont, en fait, elle se
 compose, pour constater les déficits.
 Mais si un terme est indéfiniment
 extensible dans son sens, on voit que
 le compte que nous croyons établir entre
n idées et n termes est d'une
 puérilité absolue, en même temps
 que d'un arbitraire absolu. Et si puitt

Item Le seul mot d'ellipse a un sens qui devrait faire réfléchir. Un tel terme paraît supposer que nous savons initialement de combien de termes devrait se composer la phrase, et que nous y comparons les termes dont, en fait, elle se compose, pour constater les déficits. Mais si un terme est indéfiniment extensible dans son sens, on voit que le compte que nous croyons établir entre n idées et n termes est d'une puérilité absolue, en même temps que d'un arbitraire absolu.

TRANSCRIÇÃO 5

	<p style="text-align: right;">3</p> <p>Item] <u>Aucun</u></p> <p>X Tout psychologue moderne ou ancien, en faisant allusion à la langue, ou en la considérant même comme véhicule essentielle de la pensée, n'a eu un seul instant une idée quelconque de ses lois. Tous sans exception se figurent la langue comme une forme <u>fixe</u>, et tous aussi sans exception comme une forme <u>conventionnelle</u>. Ils se meuvent, très naturellement dans ce que j'appelle la tranche horizontale de la langue, mais sans la moindre idée des phénomènes sociaux ^{historiques} qui entraîne immédiatement le tourbillon des signes dans la colonne verticale, et défend alors d'en faire ni un <u>phénomène</u> <u>fixe</u> ni un langage <u>conventionnel</u>, puisqu'il est le résultat incessant de l'action sociale imposé hors de tout choix.</p> <p>Toutefois le commencement d'une compréhension de la part des psychologues ne peut guère venir que d'une étude des transformations phonétiques.</p>
Item	<p>X Tout ^{Aucun} psychologue moderne ou ancien, en faisant allusion à la langue, ou en la considérant même comme véhicule essentielle de la pensée, n'a eu un seul instant une idée quelconque de ses lois. Tous sans exception se figurent la langue comme une forme <u>fixe</u>, et tous aussi sans exception comme une forme <u>conventionnelle</u>. Ils se meuvent, très naturellement dans ce que j'appelle la tranche horizontale de la langue, mais sans la moindre idée du phénomène social ^{historique} qui entraîne immédiatement le tourbillon des signes dans la colonne verticale, et défend alors d'en faire ni un <u>phénomène</u> <u>fixe</u> ni un langage <u>conventionnel</u> puisqu'il est le résultat incessant de l'action sociale, imposé hors de tout [???]</p> <p>Toutefois le commencement d'une compréhension de la part des psychologues ne peut guère (?) venir que d'une étude des transformations phonétiques.</p>

TRANSCRIÇÃO 6

<p>Item</p> <p>S'il est une vérité à priori, c'est que et ne demandant rien d'autre que le bon sens pour s'établir, c'est que s'il y a des réalités psychologiques, et s'il y a des réalités phonologiques, aucune des deux séries séparées ne serait capable de donner un instant naissance au moindre fait linguistique.</p> <p>Pour qu'il y ait fait linguistique il faut l'union des 2 séries, mais une union d'un genre particulier, - dont il serait absolument vain de vouloir explorer en un seul instant les caractères, on dirait d'avance ce qu'elle sera.</p>	<p>Item</p> <p>S'il est une vérité à priori, c'est que et ne demandant rien d'autre que le bon sens pour s'établir, c'est que s'il y a des réalités psychologiques, et s'il y a des réalités phonologiques, aucune des deux séries séparées ne serait capable de donner un instant naissance au moindre fait linguistique.</p> <p>Pour qu'il y ait fait linguistique il faut l'union des 2 séries, mais une union d'un genre particulier, - dont il serait absolument vain de vouloir explorer en un seul instant les caractères, on dirait d'avance ce qu'elle sera [.]</p>
--	---

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f004v

TRANSCRIÇÃO 7

<p><u>Signe</u> aposeme</p> <p>comme Adam donnant les []</p> <p>qu'on choisit pour être</p>	<p>+Item Dès qu'il y a est question quelque- part de la langue, on voit arriver le <u>mot</u> et le <u>sens</u>, (ou le <u>signe</u> et le <u>sens</u>) comme si c'était ce qui résume tout, mais en outre toujours des exemples de mot comme <u>arbre</u>, <u>pierre</u>, <u>vache</u>, <u>ciel</u>, [c'est-à-dire ce qu'il y a de plus grossier dans la sémiologie: le cas où elle est (par le hasard des objets qu'on choisit désignés) une simple onymique, c'est-à-dire, car là est la particula- rité de l'onymique dans l'ensemble de la sémiologie, le cas où il y a un <u>troisième</u> élément incontestable dans l'association psychologique du sème, la conscience qu'il s'applique à un être extérieur qui devient assez défini en lui-même pour <u>comparer</u> échapper à la loi gé- nérale du signe.</p>
<p><u>Signe</u> aposeme</p> <p>comme Adam donnant les []</p> <p>qu'on choisit pour être</p>	<p>+Item Dès que il y a est question quelque- part de la langue, on voit arriver le <u>mot</u> et le <u>sens</u>, (ou le <u>signe</u> et le <u>sens</u>) comme si c'était ce qui résume tout, mais en outre toujours des exemples de mot comme <u>arbre</u>, <u>pierre</u>, <u>vache</u>, <u>ciel</u>, [comme Adam donnant les []] c'est-à-dire ce qu'il y a de plus grossier dans la sémiologie: le cas où ele est (par le hasard des objets designés) une simple onymique, c'est-à-dire, car là est la particula- rité de l'onymique dans l'ensemble de la sémiologie, le cas où il y a un <u>troisième</u> element incontestable dans l'association psychologique du sème, la conscience qu'il s'applique à um être extérieur qui devient assez défini em lui-même pour <u>Comparez</u> échapper à la loi lei gé- nérale du signe.</p>

TRANSCRIÇÃO 8

Item Dans la proposition tout se 1° réduit au sujet et au prédicat, et 3° à ce que je crois à la conjonction. [Vocatifs à réserver.]

Mais le sujet et le prédicat n'ont rien à voir avec les "parties du discours, distinguées sur un autre principe."

a.) Le sujet peut être un substantif, ou un pronom, ou un adjectif, ou un nom de nombre comme immédiate évidence. - Mais de même un verbe (infinitif), car voy. + bas pourquoi l'infinitif ne change pas la nature du verbe.

b.) Prédicat peut être également tout cela.

c. Conjonction peut être "conjonction" ou adverbe

On peut imaginer une langue qui, aussitôt qu'un adjectif serait sujet, lui octroyerait une forme particulière. Cela ne changerait rien aux choses logiques. Et c'est pourquoi de même il n'y a rien de particulier au fait que λέγομεν ne puisse pas être sujet. Il suffit que λέγομεν puisse l'être. En parlant nègre nous avons nous dire pour λέγομεν, et dire mauvais pour λέγομεν κακόν.

Item Dans la proposition tout se réduit au sujet et au prédicat et 3° à ce que je crois à la conjonction. [vocatifs a réserver.]

Mais le sujet et le prédicat n'ont rien à voir avec les "parties du discours, distinguées sur un autre principe."

a) Le sujet peut être un substantif, ou un pronom, ou un adjectif, ou un nom de nombre comme immédiate évidence. - Mais de même un verbe (infinitif), car voy. + bas pourquoi l'infinitif ne change pas la nature du verbe.

b) Prédicat peut être également tout cela.

c. Conjonction peut être, "conjonction" ou adverbe

{desenho} On peut imaginer une langue qui, aussitôt qu'un adjectif serait sujet, lui octroyerait une forme particulière. Cela ne changerait rien aux choses logiques. Et c'est pourquoi de même il n'y a rien de particulier au fait que λέγομεν ne puisse pas être sujet. Il suffit que λέγειν puisse l'être. En parlant nègre nous avons nous dire pour λέγομεν, et dire mauvais

TRANSCRIÇÃO 9

Item Dans la proposition la chose la plus remarquable est que se composant au minimum de 2 termes logiques (idéaux), elle peut se réduire à 1 seul terme linguistique, et cela sans que le mot soit décomposable de manière à échapper à la conclusion. Ainsi fiat! ou sunt. - Ou probab^l de même, qui dit cela? - Dieu!

Les limites de l'ellipse (la fameuse ellipse) ~~ne~~ ne s'arrêtent qu'au moment où il n'y aurait plus aucun son articulé, et où le langage cesserait pour faire place à la pensée pure.

Conclusions multiples. À chercher

--- À remarquer entre autres : Capacité d'un mot à être, même avec signe visant à cela, proposition complète comme λέγομαι. (Non-elliptique).

Item Dans la proposition la chose la plus remarquable est que se composant au minimum de 2 termes logiques (idéaux), elle peut se réduire à 1 seul terme linguistique, et cela sans que le mot soit décomposable de manière à échapper à la conclu[sion?]. Ainsi fiat! ou sunt. - Ou probablement de même "qui dit cela ? - Dieu!". Les limites de l'ellipse (la fameuse ellipse) ~~ne~~ ne s'arrêtent qu'au moment où il n'y aurait plus aucun son articulé, et où le langage cesserait pour faire place à la pensée pure.

Conclusions multiples. À chercher

--- À remarquer entre autres : Capacité d'un mot à être, même avec signe visant à cela, proposition complète comme λέγομαι = (non-elliptique).

TRANSCRIÇÃO 10

Item 1 Le seul mot d'ellipse a un sens qui devrait faire réfléchir. Un tel terme paraît supposer que nous savons initialement de combien de termes devrait se composer la phrase, et que nous y comparons les termes dont, en fait, elle se compose, pour constater les déficits. Mais si un terme est indéfiniment extensible dans son sens, on voit que le compte que nous croyons établir entre n idées et n termes est d'une puérilité absolue, en même temps que d'un arbitraire absolu. Et si, quitte la phrase particulière, nous raisonnons en général, on verra probab. très vite que rien du tout n'est ellipse, par le simple fait que les signes du langage sont toujours adéquats à ce qu'ils expriment, — quitte à reconnaître que tel mot ou tel tour exprime plus qu'on ne croyait. L'ellipse n'est autre chose que le surplus de valeur.

Réciproquement il n'y aurait pas un seul mot doué de sens sans ellipse, mais dès lors pourquoi parler d'ellipse (comme Bréal) comme s'il y avait une norme quelconque au-dessous de laquelle les mots sont elliptiques. Ils le sont sans aucune interruption ou sans aucune appréciation exacte possible de [.]

Item Le seul mot d'ellipse a un sens qui devrait faire réfléchir. Un tel terme paraît supposer que nous savons initialement de combien de termes devrait se composer la phrase, et que nous y comparons les termes dont, en fait, elle se compose, pour constater les déficits. Mais si un terme est indéfiniment extensible dans son sens, on voit que le compte que nous croyons établir entre n idées et n termes est d'une puérilité absolue, en même temps que d'un arbitraire absolu. Et si, quitte la phrase particulière, nous raisonnons en général, on verra probablement très vite que rien de tout n'est ellipse, par le simple fait que les signes du langage sont toujours adéquats à ce qu'ils expriment, quitte à reconnaître que tel mot ou tel tour exprime plus qu'on ne croyait. [Réciproquement, il n'y aurait pas un seul mot doué de sens sans ellipse, mais dès lors pourquoi parler d'ellipse (comme Bréal) comme s'il y avait une norme quelconque au-dessous de laquelle les mots sont elliptiques. Ils le sont sans aucune interruption ou sans aucune appréciation exacte possible de [.] L'ellipse n'est autre chose que le surplus de valeur.

Réciproquement, il n'y aurait pas un seul mot doué de sens sans ellipse, mais dès lors pourquoi parler d'ellipse (comme Bréal) comme s'il y avait une norme quelconque au-dessous de laquelle les mots sont elliptiques. Ils le sont sans aucune interruption ou sans aucune appréciation exacte possible de [.]

TRANSCRIÇÃO 11

Item] Faire ^{grande} attention que dans le changement analogique il n'y a pas changement de l'apôseme d'apôseme. Le paradoxe s'éclaire déjà si au lieu de dire "changement d'apôseme", on dit changement de l'apôseme d'un mot, ou de l'apôseme d'un sème. On crée un autre sème (lequel a naturellement de son côté un apôseme). Il n'y a pas changement d'une partie du 1^{er} sème. Le changement est entièrement dans le domaine des sèmes. Il est tout entier guidé par le sens.

(un parasème)

C'est une création parasémique. De même qu'il y a des influences parasémiques et des conservations parasémiques.

Mais une difficulté sera de démarquer la création et l'influence parasémique, qui peut changer complètement le sens d'un sème, sans que nous reconnaissons le sens d'un sème, sans que nous reconnaissons que c'est un autre sème. Or quand la "forme" change, nous disons formellement que c'est un autre sème. Cette différence est-elle justifiée?

A. S.

(un parasème)

Item – Faire grande attention que dans le changement analogique il n'y a pas changement de l'apôseme d'apôseme. Le paradoxe s'éclaire déjà si au lieu de dire "changement d'apôseme", on dit changement de l'apôseme d'un mot, ou de l'apôseme d'un sème. On crée un autre sème (lequel a naturellement de son côté un apôseme). Il n'y a pas changement d'une partie du 1^{er} sème. Le changement est entièrement dans le domaine des sèmes. Il est tout entier guidé par le sens.

C'est une création parasémique. De même qu'il y a des influences parasémiques et des conservations parasémiques.

Mais une difficulté sera de démarquer la création et l'influence parasémique, qui peut changer complètement le sens d'un sème, sans que nous reconnaissons que c'est un autre sème. Or quand la "forme" change, nous disons formellement que c'est un autre sème. Cette différence est-elle justifiée?

TRANSCRIÇÃO 12

Le \square ne doit pas seulement rappeler la différence qu'il y a à s'occuper d'un mot ~~en~~ son sens ou hors de son sens, mais aussi l'impossibilité qu'il y aurait à circonscrire et fixer ce sens autrement qu'en disant : c'est le sens correspondant par ex. à $\gamma\acute{\epsilon}\omicron\varsigma$, ou par ex. à Δ . Aucune description du sens et de la synonymie n'est jamais à hauteur du sens exact^{et complet} : il n'y a d'autre définition que celui de "sens {desenho} ~~sens~~ {desenho} représentent la valeur de telle forme Δ ".
 "sens \square "

?? Mot Item.

Le {desenho} ne doit pas [seulement?] [rappeler?] la différence qu'il à a s'occuper d'um mot ~~en~~ [son?] sens ou hors de son sens, mais aussi l'impossibilité qu'il y [aurait?] à circonscrire et fixer ce sens autrement qu'em disant: c'est le sens correspondant par ex. à $\gamma\acute{\epsilon}\omicron\varsigma$, ou par ex. à [.]. Aucune description du sens et dela synonymie n'est jamais à hauteur du sens exact^{et complet} : il n'ya a d'autre définition que celui de "sens {desenho} ~~sens~~ {desenho} representent la valeur conhecido de telle forme "{desenho}"

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f005

TRANSCRIÇÃO 13

+ Nous disons qu'il n'y a point de morphologie hors du sens, malgré que la forme matérielle soit l'élément le plus facile à suivre. Il y a donc encore bien moins à nos yeux une sémantique hors de la forme !

+ Nous disons qu'il n'y a point de morphologie hors du sens, malgré que la forme matérielle soit l'élément le plus facile à suivre. Il y a donc encore bien moins à nos yeux une sémantique hors de la forme !

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f009

TRANSCRIÇÃO 14

<p>Item</p> <p>S'il est une vérité à priori, c'est que et ne demandant rien d'autre que le bon sens pour s'établir, c'est que s'il y a des réalités psychologiques, et s'il y a des réalités phonologiques, aucune des deux séries séparées ne serait capable de donner un instant naissance au moindre fait linguistique.</p> <p>Pour qu'il y ait fait linguistique il faut l'union des 2 séries, mais une union d'un genre particulier, - dont il serait absolument vain de vouloir explorer en un seul instant les caractères, on dira d'avance ce qu'elle sera.</p>	<p>Item</p> <p>S'il est une vérité à priori, <u>c'est que</u> et ne demandant rien d'autre que le bon sens pour s'établir, c'est que s'il y a des réalités psychologiques, et s'il y a des réalités phonologiques, aucune des deux séries séparées ne serait capable de donner un instant naissance au moindre fait linguistique.</p> <p>Pour qu'il y ait fait linguistique il faut l'union des 2 séries, mais une union d'un genre particulier, - dont il serait absolument vain de vouloir explorer en un seul instant les caractères, on dira d'avance ce qu'elle sera [.]</p>
--	---

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f004v

TRANSCRIÇÃO 15

<p style="text-align: right;">10</p> <p><u>+ Item</u></p> <p>Pour aborder sainement la linguistique il faut l'aborder du dehors mais non sans quelque expérience des phénomènes prestigieux du dedans.</p> <p>Un linguiste qui n'est que linguiste est dans l'impossibilité de dire profondément à ce que je crois de trouver la voie permettant seulement de classer les faits. Peu à peu la psychologie prendra ^{l'abc} charge de notre science, parce qu'elle s'apercevra que la langue est non pas une de ses branches, mais l'ABC de sa propre activité.</p> <p><u>Mais Item</u> Ce n'est rien de cela que je voulais dire, je veux dire que si on savait d'avance que la linguistique contient des unités —</p>	<p><u>+ Item</u></p> <p>Pour aborder sainement la linguistique il faut l'aborder du dehors, mais sans quelque expérience des phénomènes prestigieux du dedans.</p> <p>Un linguiste qui n'est que linguiste est dans l'impossibilité de dire profondément à ce que je crois de trouver la voie permettant seulement de classer les faits. Peu à peu la psychologie prendra^{???} a charge de notre science, parce qu'elle s'apercevra que la langue est non pas une de ses branches, mais l'ABC de sa propre activité.</p> <p>Mas Item Ce n'est rien de cela que je voulais dire, je veux dire que si on savait d'avance que la linguistique contient des unités — [.]</p>
--	---

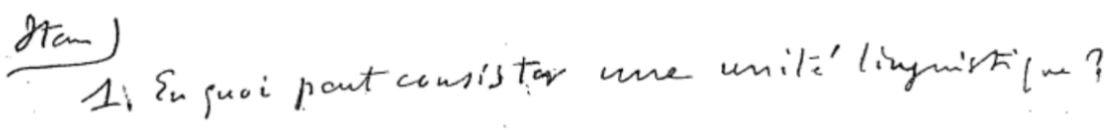
Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f010

TRANSCRIÇÃO 16

<p><u>Item)</u></p> <p>Le fait le plus capital de la langue est qu'elle comporte des divisions, des unités exactement délimitables.</p>
<p>Item</p> <p>Le fait de plus capital de la langue est qu'elle comporte des divisions, des unités exactement délimitables.</p>

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f010

TRANSCRIÇÃO 17


<p>Item</p> <p>1 En quoi peut consister une unité linguistique ?</p>





Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f010

TRANSCRIÇÃO 18

	<p><u>Item)</u> 1. En quoi peut consister une unité linguistique ?</p> <p><u>Item)</u> Signifier veut dire ainsi bien revêtir un signe d'une idée, que revêtir une idée d'un signe. Ainsi : "telle distinction n'a de valeur grammaticale que pour autant qu'elle est <u>signifiée</u>" = revêtue d'un signe <u>Signifier</u> à qu. propre son congé.</p>
Item	<p><u>Signifier</u> veut dire ainsi bien revêtir un signe d'une idée, que revêtir une idée d'un signe. Ainsi : "telle distinction n'a de valeur grammaticale que pour autant qu'elle est <u>signifiée</u>." = revêtue [d'un signe propre] <u>Signifier</u> à quelqu'un son congé.</p>

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f010

TRANSCRIÇÃO 19

<p><i>C'est cela même,</i></p> <p><u>Item</u> Il faut le symbole  et non , ou  </p>
<p>Item</p> <p>Il faut le symbole {desenho} et non {desenho}, ou {desenho} {desenho}</p>

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f004v

Item. - Différent [] at nouveau terme de Sème sur celui
de signe. ^{nouveaux} ^{des}

1. (Par essence). Si j'ai pu être non vocal. Mais
Sème aussi. - Mais signe peut être = geste direct.
C.à.D. hors d'un système et d'une convention.

Sème = signe faisant partie d'un système

Sème = 1. signe conventionnel.

2. signe faisant partie d'un système
(également conventionnel).

3.

On peut dire ainsi :

Sème = signe participant aux différents caractères
qui seront reconnus être ^{des signes/} de la langue
(vocale ou autre), ^{qui composent;}

Les caractères à marquer dès l'abord sont : —

Item. - Entre autres, le mot de Sème écarte, on voudrait écarte,
toute prépondérance et toute séparation initiale entre
la côté vocal et la côté idéologique du signe. Il représente
le tout du signe, c.à.D. signe et signification unis en
une sorte de personnalité.

Item. - Mais du reste il serait faux de dire que n^s regards
font une question très capitale de Sème au lieu de
signe.

Vérité et paradoxe et apostrophe sont des notions
capitales. Or, une fois que —

Item - Différence [] (du nouveau?) terme de sème sur cela de signe

Item- Mais du reste il serait faux de dire que nous ~~voyons~~
Faisons une question très capitale de sème au lieu séma no lugar de
signe.
Vérité est que parasème et aposème sont des notions
capitales. Ou, une fois que – []]

1. (~~Pas essentiel~~) Signe peut être non vocal. ~~Mais~~
Sème aussi – Mais signe peut être = geste direct.

C. à. d. hors d'un système et d'une convention.

~~Sème = signe faisant partie d'un système.~~

Sème = 1. signe conventionnel.

2. signe faisant partie d'un système
(également conventionnel).

3.

On peut dire ainsi:

Sème = signe participant aux différents caractères
qui seront reconnus entre ceux ^{des signes/}~~de la~~ qui composent langue
(vocale ou autre),

Les caractères à des l'abord sont : --- []

Item Entre autres, le mot de sème écarté, ou voudrait écarter,
toute prépondérance et toute séparation initiale entre
le coté vocal et le coté idéologique du signe. Il représente
le tout du signe, c. à. d. signe et signification unis en
une sorte de personnalité.

Item- Mas de resto seria falso dizer que nós ~~vemos~~
fazemos uma questão muito capital de séma no lugar de
signo.
A verdade é que parasema ou aposema são noções
capitais, ou, uma vez que []

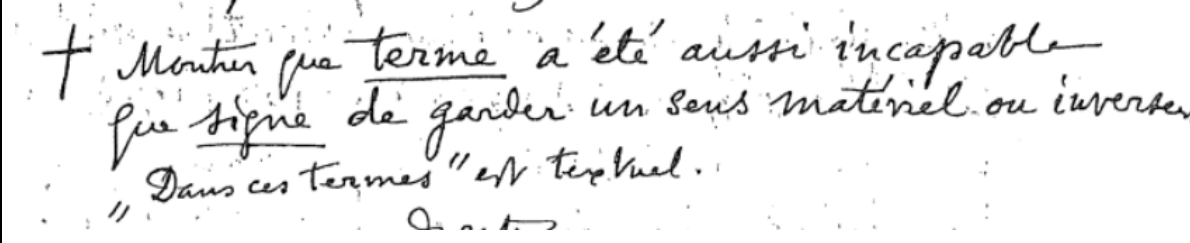
TRANSCRIÇÃO 21

Itens. - Entre autres, le mot de signe écarté, ou voudrait écarté, toute prépondérance et toute séparation initiale entre le côté vocal et le côté idéologique du signe. Il représente le tout du signe, c. à d. signe et signification unis en une sorte de personnalité.

Item Entre autres, le mot de signe écarté, ou voudrait écarté, toute prépondérance et toute séparation initiale entre le côté vocal et le côté idéologique du signe. Il représente le tout du signe, c. à d. signe et signification unis en une sorte de personnalité.

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f005v

TRANSCRIÇÃO 22

 <p>+ Montrer que <u>terme</u> a été aussi incapable que <u>signe</u> de garder un sens matériel ou inversement "Dans ces termes" est textuel.</p>	
+	Montrer que <u>terme</u> a été aussi que <u>signe</u> de garder un sens matériel ou inversement "Dans ces termes" est textuel.

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f009v

TRANSCRIÇÃO 23

<p>" Dans ces termes " est <u>terme</u> .</p> <p>+ <u>Terme</u> serait ^{du reste} assez ce que nous voulons dire par <u>sème</u> ; il y a ph à f remarquer à cet égard</p> <p>Un synchronisme se compose d'un certain nombre de <u>termes</u> (termini) qui se partagent l'ensemble de la matière à signifier .</p>	
<p>+ <u>Terme</u> serait ^{du reste} assez ce que nous voulons dire par <u>sème</u> ; il y a quelque chose à s remarquer à cet égard</p> <p>Um synchronisme se compose d'um certain nombre de <u>termes</u> (termini) qui se partagent l'ensemble de la matière à signifier.</p>	

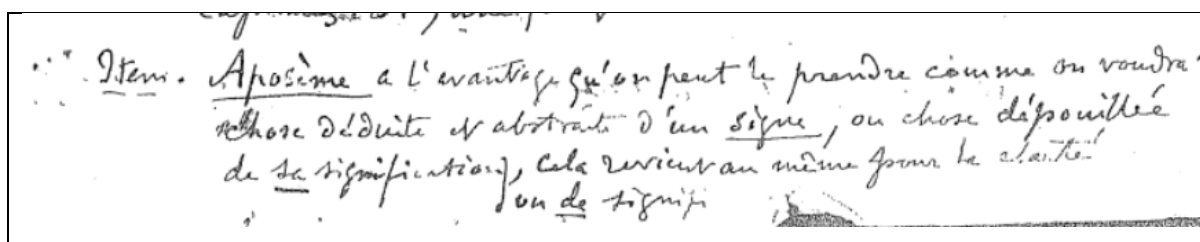
Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f009v

TRANSCRIÇÃO 24

<p>Item</p> <p>second</p> <p>qu'un signe donné a sa complète existence hors des signes concurrents ou système</p>	<p><u>Item</u> Les <u>parasèmes</u></p> <p>Pour un mot quelconque ^{fait partie} situé dans la langue un autre [second] mot, même n'ayant avec leur ^{aucune} aucune «parenté», est un <u>parasème</u>. Sa seule et simple qualité ^{du parasème} est de faire partie du même système psychologique de signes; de manière que si l'on trouve, après observation, qu'il n'y a point d'importance à observer pour un signe donné l'ensemble des signes concurrents, le mot de parasème devra tomber, et réciproquement ^{il devra} substituer si on constate qu'un mot n'est pas ^{pas} autonome dans le système dont il fait part</p>
<p>Item</p> <p>second</p> <p>qu'un signe donné a sa complète existence hors des signes concurrents ou système</p>	<p><u>Item</u> Les <u>parasèmes</u></p> <p>Pour un mot quelconque ^{faisant partie} situé dans de la langue un autre [second] mot, même n'ayant avec leur^{???} aucune «parenté», est un <u>parasème</u>. Sa seule et simple qualité ^{du parasème} est de faire partie du même système psychologique de signes; de manière que si l'on trouve, après observation, qu'il n'y a point d'importance à observer opur em signe donné l'ensemble des signes concurrents, le mot de parasème devra tomber, et réciproquement il devra substituer si on constate qu'un mot n'est pas ^(point?) (?) ^{contada} autonome dans le système dont il fait part.</p>

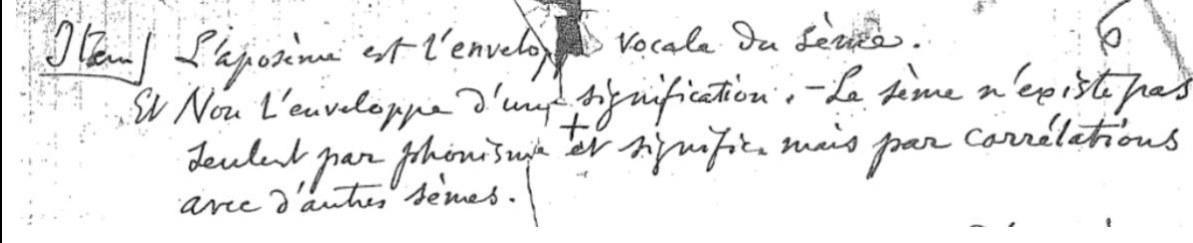
Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f008

TRANSCRIÇÃO 25


<p>Item. <u>Aposème</u> a l'avantage qu'on peut le prendre comme on voudrait chose déduite et abstraite d'un <u>signe</u>, ou chose dépouillée de <u>sa</u> signification [ou <u>de</u> signifi], cela revient(?) au même former la clarté(?) ou <u>de</u> signifi</p>

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f005v

TRANSCRIÇÃO 26

Item	 <p>L'apozème est l'enveloppe vocale du sème. Et non l'enveloppe d'une signification. - Le sème n'existe pas seulement par phonisme + signification mais par corrélations avec d'autres sèmes.</p>
Item	<p>L'apozème est l'enveloppe vocable du sème. Et non l'enveloppe d'une signification. - Le sème n'existe pas seulement par phonisme *et signification mais par corrélations avec d'autres sèmes.</p>

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f006

TRANSCRIÇÃO 27

+ Diachroniquement la question : Est-ce le même mot ?
 signifie uniquement « est-ce le même apostème ?
 Mais pas du tout synchroniquement. Et il n'y a pas
 contradiction, comme il semblerait (^{en ce} ~~parce qu~~ on peut dire
 que déclare différent à 1 moment donné on continue
 à le déclarer identique par la suite). Car nous disons
 bien que diachroniquement c'est simplement le même apostème,
 mais cela n'entraîne pas que ce soit encore le même
sème. Voilà la différence. (Il y a mot = apostème
 et mot = sème)

- + Diachroniquement la question : Est-ce le même mot ?
 signifie uniquement « est-ce le même apostème ?
 Mais pas du tout synchroniquement. Et il n'y a pas
 contradiction, comme il semblerait, (^{en ce} ~~parce qu~~ on peut dire
 que déclare différent à 1 moment donné on continue
 à le déclarer identique pour la suite). Car nous disons
 bien que diachroniquement c'est simplement le même apostème,
 mais cela n'entraîne pas que ce soit encore le même
sème. Voilà la différence. (Il y a mot = apostème et mot = sème)

TRANSCRIÇÃO 28

+	<p>(Suite) Il n'y a probablement pas lieu de dire d'une époque à l'autre ce qui est le même sème ni de moyen de commensuration pour cela, puisque le sème dépend de tout l'entourage parasémique de l'instant même. Dans son existence</p>
+	<p>(Suite) Il n'y a probablement pas lieu de dire d'une époque à l'autre ce qui est le même sème ni de moyen de commensuration pour cela, puisque le sème dépende [dans son existence] de tout l'entourage parasémique de l'instant même. dans son existence</p>

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f009

TRANSCRIÇÃO 29

<p><u>Item</u> Les sujets parlants n'ont aucune conscience des <u>apocèmes</u> qu'ils prononcent, pas plus que de l'<u>idée pure</u> d'autre part. Ils n'ont conscience que du <u>sème</u>. C'est là ce qui assure la transformation parfaite mécanique de l'apocème à travers les siècles.</p>
<p>Item Les sujets parlants n'ont aucune conscience des <u>apocèmes</u> qu'ils prononcent, pas plus de l'<u>idée pure</u> d'autre part. Ils n'ont conscience que du <u>sème</u>. C'est là ce qui assure la transformation parfaitement mécanique de l'apocème à travers les siècles.</p>

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f011v

TRANSCRIÇÃO 30

<p>+ Tout <u>aposeme</u> est pris <u>à un moment donné</u>. C'est le fait d'être pris ainsi dans la langue, qui fait qu'il mérite un nom comme <u>aposeme</u> et n'est pas simplement une suite phonique. Notamment il est delimité en avant et en arrière.</p>	<p>+ Tout <u>aposeme</u> est pris <u>à un moment donné</u>. C'est le fait d'être pris ainsi dans la langue qui fait qu'il mérite un nom comme <u>aposeme</u> et n'est pas simplement une suite phonique. Notamment il est delimité en avant et en arrière.</p>
---	--

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f009v

TRANSCRIÇÃO 31

†	<p>Aposème = cadavre de sème. Probablement cette comparaison peut s'autoriser, c. à d. n'est pas dangereuse. Mais il y a cependant le danger qu'un cadavre reste chose organisée d^s son anatomie, tandis que dans le mot anatomie et ??? se confondent à cause du principe de conventionalité.</p>
+	<p>Aposème = cadavre de sème. Probablement cette comparaison peut s'autoriser, c. à d. n'est pas dangereuse. Mais il y a cependant le danger qu'un cadavre reste chose organisée dans son anatomie, tandis que dans le mot anatomie et ??? se confondent à cause du principe de conventionalité.</p>

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f022

TRANSCRIÇÃO 32

<p>Le mot unité de langue</p>	<p>Item] Tandis qu'il faut une analyse pour fixer les éléments du mot, le mot lui-même ne résulte pas de l'analyse de la phrase. Car la phrase n'existe que dans la parole, dans la langue discursive, tandis que le mot est une unité vivante en-dehors de tout discours dans le trésor mental.</p>
<p>Le mot unité de langue</p>	<p>Tandis qu'il faut une analyse pour fixer les éléments du mot, le mot lui-même ne résulte pas de l'analyse de la phrase. Car la phrase n'existe que dans la parole, dans la langue discursive, tandis que le mot est une unité vivante en-dehors de tout discours dans le trésor mental.</p>

Fonte: SAUSSURE (1897) - Ms.Fr.03951/15.f022

<p>Le signe sôme, sème etc.</p>	<p>Item On ne peut vraiment maîtriser le signe, le suivre comme un ballon dans les airs, avec certitude de le rattrapper, que lorsqu'on s'est rendu complètement compte de sa nature, - nature double, ne consistant nullement de l'enveloppe et pas davantage dans l'esprit, dans l'air hydrogène qu'on y insuffle et <u>ne</u> qui voudrait rien du tout sans l'enveloppe.</p> <p>Le ballon c'est le <u>sème</u>, et l'enveloppe le <u>sôme</u>, mais cela est loin de la conception qui dit que l'enveloppe est le <u>signe</u>, et l'hydrogène la <u>signification</u>, sans que le <u>ballon</u> soit rien pour sa part. Il est tout pour l'aérostier, de même que le <u>sème</u> est tout pour le linguiste.</p>
<p><u>Le signe</u> <u>sôme, sème,</u> <u>etc.</u></p>	<p>Item On ne peut vraiment maîtriser le signe, le suivre comme un ballon dans les airs, avec certitude de le rattrapper, que lorsqu'on s'est rendu complètement compte de sa nature, - nature double, ne consistant nullement dans l'enveloppe et pas davantage dans l'esprit, dans l'air hydrogène qu'on y insuffle et [qui] ne qui voudrait rien de tout sans l'enveloppe.</p> <p>Le ballon c'est le <u>sème</u>, et l'enveloppe le <u>sôme</u>, mais cela est loin de la conception qui dit que l'enveloppe est le signe, et l'hydrogène la <u>signification</u>, sans que le <u>ballon</u> soit rien pour sa part. Il est tout pour l'aérostier, de même que le <u>sème</u> est tout pour le linguiste.</p>